

UFRRJ

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

DISSERTAÇÃO

**A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DOS PROFESSORES
PÚBLICOS DE AUSTIN (RJ) EM RECIPROCIDADE COM O
TRABALHO DOCENTE**

EULER OLIVEIRA CARDOSO DA COSTA

2012



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DOS PROFESSORES PÚBLICOS
DE AUSTIN (RJ) EM RECIPROCIDADE COM O TRABALHO
DOCENTE

EULER OLIVEIRA CARDOSO DA COSTA

Sob a Orientação da Professora
Lilian Maria Paes da Carvalho Ramos

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós – Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Nova Iguaçu, RJ
Março de 2012

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

EULER OLIVEIRA CARDOSO DA COSTA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, no Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 08/12/2004

Banca Examinadora

Dra. Lilian Ramos (orientadora)

Dra. Célia Linhares

Dra. Lia Faria

Dedicatória

A minha esposa Simone que sempre me incentivou, mesmo quando pensei em desistir deste sonho. A meu filho Pedro Lucas para quem espero ser um bom exemplo. Aos meus alunos, pois deles vem à motivação para continuar nesta militância e a minha eterna professora Lilian a quem eu tanto devo.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por ter me dado mais esta oportunidade de crescimento e amadurecimento.

Agradecer aos colegas de trabalho que sempre me apoiaram e de alguma maneira contribuíram para este trabalho.

Quero agradecer também aos colegas da turma de mestrado 2010, que ingressaram comigo nesta jornada acadêmica, e juntos enfrentamos as tormentas e as calmarias do processo de mestrado.

Agradecer aos professores do programa pela colaboração e oportunidade de nutrir meus conhecimentos, e fazer com que buscasse cada vez mais respostas para as incessantes perguntas.

Aos professores membros da banca pela disponibilidade e paciência que dispuseram a ler este trabalho e valiosa contribuição para seu aperfeiçoamento.

Agradecer aos meus familiares que sempre acreditaram que este dia chegaria.

Agradecer a Secretaria Municipal de Educação de Nova Iguaçu, por ter permitido a pesquisa nas unidades escolares de Austin, contribuindo para o processo educativo.

Agradecer a todas as diretoras, coordenadoras e principalmente as professoras que fizeram parte desta investigação, compreendendo a importância de seu papel junto à pesquisa e colaborando decisivamente para os resultados desta dissertação.

E finalmente agradecer a minha orientadora, professora Lilian, que desde o nosso primeiro encontro sempre foi uma pessoa maravilhosa, condutora segura e precisa, sem a qual esse trabalho não teria se realizado.

RESUMO

COSTA, Euler O.C. **A Construção das Identidades dos Professores Públicos de Austin (RJ) em Reciprocidade com o Trabalho Docente**. 2012. 168 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Instituto de Educação e Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, Seropédica, RJ. 2012.

A presente dissertação se debruça sobre o processo de construção da identidade dos docentes atuantes no primeiro segmento da rede municipal na localidade de Austin, município de Nova Iguaçu, enfocando as relações estabelecidas com seus alunos, colegas, o local onde trabalham, e as condições em que o fazem. Assim, busca compreender como tal processo se constrói e suas marcas no trabalho docente. Ao partir do pressuposto de que nas relações professor – aluno - comunidade – trabalho é possível desvelar a construção do perfil profissional destes docentes e narrar como se forma a identidade do professor através de suas práticas no local de trabalho. Os objetivos propostos são a identificação do processo de construção da identidade docente através da análise dos dados obtidos em pesquisa de campo. A metodologia adotada é o estudo de caso, por possibilitar a realização de pesquisas focadas nas singularidades do grupo estudado. Os principais instrumentos de coleta de dados foram a observação, o questionário e as entrevistas, e os achados foram submetido à análise de conteúdo. Os resultados apontam para um corpo docente jovem, mas experiente, originário de famílias de baixa renda, com formação predominante no curso Normal, que escolheu Austin e tem empatia pelo bairro. A profissão resultou de uma escolha e não seria trocada, apesar das insatisfações manifestadas pelas más condições de trabalho. Logo, sua identidade profissional foi forjada ao longo do processo de formação e no exercício da profissão, sendo moldada pela realidade vivida, as práticas sua relação com os alunos também são afetadas pelas peculiaridades locais. A sensação relatada pelas professoras é de abandono por parte do poder público, da sociedade e da academia. Em suma, seu processo de construção da identidade profissional passa pelo lugar, mas não se encerra nele.

Palavras-chave: Formação de professores – identidade profissional – trabalho docente

ABSTRACT

COSTA, Euler O.C. **The Construction of Identities of Teachers Public Austin (RJ) Reciprocity in the Teacher Work**. 2012. 168 p. Dissertation (Master of Education) Institute of Education and Multidisciplinary Institute, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, Seropédica, RJ. 2012.

This dissertation focuses on the process of the construction of professional identity of teachers of the first grades located in the community of Austin, city of Nova Iguaçu, State of Rio de Janeiro, Brazil. The study focuses on their relationships with their students, colleagues, workplace, and the conditions under which they carry out their tasks. Seeks to understand how this process happened and its influence on the work of these teachers. It assumes that the description of the relations between students, teachers, community and job reveals the construction of the professional profile of teachers and how this reflects the formation of the identity of those teachers in relation to their workplace. Its objectives are the description of the construction of teacher identity through the analysis of data obtained through field research. The methodology adopted is the case study, as it enables to conduct research focused on the uniqueness of the study group. The main instruments for data collection were observation, questionnaires and interviews, and findings were submitted to content analysis. The results point to a faculty young but experienced, originating from low-income families, with predominant formation in the Normal Course (Teacher Training Course), who chose Austin and have empathy for the neighborhood. The profession was the result of a choice and would not be changed, despite the dissatisfaction expressed by poor working conditions. Their identity was forged during their training process and their professional habits were shaped by the reality they experience in their working conditions. Their practice and relationship with students are also affected by local peculiarities. The sensations reported by the teachers were that of abandonment by the government, society and academia. In short, the process of construction of professional identity starts locally but does not end there.

Keywords: Teacher training - professional identity - teaching

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
METODOLOGIA.....	4
Cap.1. FRONTEIRAS, TERRITÓRIOS E IDENTIDADES.....	8
1.1.A identidade profissional.....	12
Cap. 2. IDENTIDADE DO PROFESSOR E FORMAÇÃO DOCENTE	19
2.1. Identidade docente.....	20
2.2. A formação de professores no Brasil.....	26
2.3. A questão da autonomia.....	30
Cap. 3. MUITO PRAZER: AUSTIN E SUAS PROFESSORAS	35
3.1. Primeiros resultados.....	37
3.2. A identidade profissional das professoras de Austin e sua relação com a localidade.....	44
CONCLUINDO.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	62
ANEXO 1:	64
ANEXO 2:	66
ANEXO 3:	67
ANEXO 4:	72
ANEXO 5:	78

INTRODUÇÃO

Minha relação com o bairro de Austin (Nova Iguaçu) se inicia em meados do ano de 1996, quando conheci minha esposa na faculdade de Economia. Os encontros regulares fizeram com que houvesse uma inevitável observação do lugar e de suas peculiaridades, mais tarde; o bairro se tornaria objeto de outro trabalho acadêmico. O fato de meu trabalho de conclusão de curso ter versado sobre a Identidade Territorial de Austin me concede certa vantagem e facilita o processo de estudo e investigação.

Ao ingressar no mestrado do PPGeduc, associei - me ao Grupo de pesquisa sobre Identidade e Trabalho Docente, devido ao meu interesse pelo processo de formação docente e identidade, ao interesse pelo bairro de Austin, e às especificidades observadas naquele exercício acadêmico de conclusão do curso de Geografia.

Assim, aliado ao interesse pelo tema veio a certeza da necessidade de pesquisar o sujeito docente atuante naquela localidade, que não nasce professor, mas se constrói em sua formação cotidiana e inacabada do ser. Uma construção difícil e cheia de obstáculos que surgem, refletida sob diversas formas em sua formação e prática docente. É este processo que me interessa entender, ou ao menos tentar abrir o caminho para este instigante e desafiante campo que muitos autores têm tentado mapear, elucidando tantas lacunas ainda abertas no primeiro trabalho me fascina. E ainda mais, por poder utilizar um caso onde existe a possibilidade de analisar como a identidade local/territorial, influencia e participa na construção da identidade do profissional docente.

Deste modo, a dissertação trabalha com alguns conceitos básicos relacionados ao tema. Esses conceitos, além de ferramentas de pesquisa, foram considerados necessários para explicar o seu alcance e objetivos. Como me propus trabalhar com a dinâmica do homem e do lugar e as consequências desses movimentos no espaço, torna-se necessário ainda utilizar conceitos que facilitem o entendimento dessa dinâmica.

Uma categoria que será fundamental na realização deste projeto é a da identidade. Como a identidade do professor com seu local de trabalho influenciam as suas ações? Há identidade com o lugar ou apenas comportamentos uniformes que dão a falsa impressão de identidade? Como se constrói essa identidade?

Castells, em *O Poder Da Identidade*, nos propõe três formas de construção da identidade:

Identidade Legitimadora: Introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais (...);

Identidade de Resistência: Criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivências com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostas a estas últimas (...);

Identidade de Projeto: Quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda estrutura social (...). (CASTELLS, 2002: 24).

Desta forma, são apontados três hipóteses possíveis para o processo de construção de identidade profissional dos nossos sujeitos de estudo. Como o próprio autor prevê, talvez seja possível identificar dois ou até mesmo os três tipos de construção em ação, o que torna o projeto instigante e provocador.

De acordo com Hall (2003), na sua obra *A Identidade Cultural Na Pós-Modernidade*, temos uma visão do que acontece com a identidade moderna, como que entrando em colapso em decorrência da mudança estrutural transformadora das sociedades neste início do século XXI. O autor sinaliza também uma fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que antes eram referencia sólida para as localizações do indivíduo na sociedade. Por outro lado, demonstra preocupação com as conseqüências que a modernidade tardia vem provocando no indivíduo em sociedade e, conseqüentemente, com as mudanças que estas acarretam para a sociedade.

Ao mesmo tempo, destaco a contribuição de Haesbaert, na sua obra *Territórios Alternativos* (2001). Segundo este autor, a identidade seria a expressão mais forte do espaço, através da qual o espaço se comunica com os atores. Os símbolos teriam uma expressão no território maior que o território concreto, ao passo que a apropriação do espaço através da expressão da identidade seria muito mais forte e delimitadora que as edificações. A identidade atuaria como referência do espaço, como demarcadora do território, invisivelmente marcado e delimitado por seus símbolos.

Trabalho o conceito de lugar recorrendo a diversos autores, com destaque para a definição de Santos em *A Natureza Do Espaço* (2004), na qual nos fala da velocidade efêmera do mundo globalizado, onde os lugares podem ser vistos como intermédio entre o mundo e o indivíduo. Há uma tensão nessa nova realidade, um movimento constantemente instável, e uma discussão

frequente entre globalização e localização. O lugar em constante contato com o mundo externo torna-se específico aos demais: quanto maior o contato com o global, maior a individualidade do lugar. Santos aponta que no lugar, além do movimento racional com um fim prático, ocorre o movimento comunicacional, mediado por símbolos. O cotidiano como componente do conteúdo geográfico, contribui no entendimento da relação entre o espaço (lugar) e os movimentos sociais, vendo na materialidade um condicionante da ação, que a controla e limita, conjugando nossas ações aos objetos (materialidade) que nos rodeiam. Este componente geográfico faz parte da construção do conceito de lugar:

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, apolítica, se territorializa, como o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, repensáveis através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 1998, p. 318).

Ainda seguindo o pensamento do autor, o lugar é onde o global tenta se impor, mas a comunidade local é o lugar da resistência ao global. Ele explica que:

As verticalidades são os vetores de uma racionalidade superior e do discurso pragmático dos setores hegemônicos criando um cotidiano obediente e disciplinado. As horizontalidades são tanto o lugar da finalidade imposta de fora, de longe e de cima, quanto o da contrafinalidade, localmente gerada. Elas são o teatro de um cotidiano conforme, mas não obrigatoriamente conformista e, simultaneamente, o lugar da cegueira e da descoberta, da complacência e da revolta (SANTOS, 2004, p. 286).

Para compreender melhor este fenômeno, que é um dos conceitos fundamentais no campo da geografia, utilizamos as contribuições de Souza (1995) quando descreve a relação entre território e identidade.

A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, o sentido de que a identidade sócio-cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, paisagem)... mas cada espaço seria, enquanto território, território durante todo o tempo, pois apenas a durabilidade poderia, é claro, ser geradora de identidade sócio-espacial, identidade na verdade não apenas com o espaço físico, concreto, mas com o território...(Souza, 1995,p.84)

Como vemos nessa breve introdução, o tema é complexo. Por isso estes e vários outros conceitos serão trabalhados no decorrer do trabalho.

METODOLOGIA

A metodologia adotada é o estudo de caso, devido ao seu caráter sistemático e específico de uma instância, que pode ser um evento, pessoa, grupo com suas singularidades, entendemos que o estudo de caso pode atender mais plenamente às necessidades da pesquisa em questão.

André (1984), em seu artigo para os Cadernos de Pesquisa, já dava as principais características e utilidades desta metodologia:

... não é um método específico de pesquisa, mas uma *forma particular* de estudo. As técnicas de coleta de dados utilizadas no estudo de caso se identificam com as técnicas do trabalho de campo da sociologia e antropologia. Porém, a metodologia do estudo de caso é eclética, incluindo, via de regra, observação, entrevistas, fotografias, gravações, documentos, anotações de campo e negociações com os participantes do estudo... (ANDRÉ, 1984, p.52. Grifo da autora).

Assim o estudo de caso se adéqua às necessidades de uma pesquisa na área das ciências humanas e sociais que se quer qualitativa, mas sem excluir ou ignorar ferramentas quantitativas que possam enriquecer o trabalho. Ainda neste artigo apontamos outras características fundamentais da metodologia:

Os estudos de caso buscam a descoberta. Mesmo que o investigador parta de alguns pressupostos que orientam a coleta inicial de dados, ele estará constantemente atento a elementos que podem emergir como importantes durante o estudo, aspectos não previstos, dimensões não estabelecidas a priori.(...) Estudos de caso enfatizam "a interpretação em contexto". É um pressuposto básico desse tipo de estudo que uma apreensão mais completa do objeto só é possível se for levado em conta o contexto no qual este se insere. (...) Estudos de caso procuram representar os diferentes e, às vezes, conflitantes pontos de vista presentes numa situação social (ANDRÉ, 1984, p.52).

Quanto às fontes de informação, o estudo de caso admite várias, de forma a complementar as informações obtidas pelas diferentes técnicas utilizadas, sempre recorrendo a uma linguagem simples para facilitar a compreensão. Ainda segundo a autora,

...Os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação. Ao desenvolver o estudo de caso o pesquisador faz uso frequente da estratégia de triangulação, recorrendo para isso a uma variedade de dados, coletados em diferentes momentos, em situações variadas e provenientes de diferentes informantes. Ele pode usar também a triangulação de métodos(...). Os relatos escritos apresentam, geralmente, um estilo informal, narrativo, ilustrado por figuras de linguagem, citações, exemplos e descrições (ANDRÉ, 1984, p.52).

O que distingue o estudo de caso de outros tipos de estudo é a ênfase na singularidade, nas particularidades do estudo. Nisso, ele se aproxima da investigação naturalística.

...O reconhecimento de semelhanças ou de aspectos típicos ocorre no domínio do indivíduo. É o que Stake (1978) chama de "generalização naturalística". Na medida em que o sujeito (o leitor) percebe a equivalência deste caso particular com outros casos ou situações por ele vivenciadas anteriormente, ele estabelece as bases da generalização naturalística... (ANDRÉ, 1984,p.53)

Portanto, o método possibilita a comparação com outros casos e mesmo sendo um trabalho sobre uma instância específica, a contribuição acadêmica e social é garantida pelas similitudes encontradas pelo sujeito. Assim, André afirma que “o estudo de caso supõe que o leitor vá usar esse conhecimento tácito para fazer as generalizações e para desenvolver novas ideias, novos significados, novas compreensões” (Ibid.,pág.52) Estas novas ideias, significados e compreensões que são possíveis através do método, fortalecem o caráter didático e contributivo que se quer da pesquisa.

A partir dessas recomendações gerais, os instrumentos de pesquisa utilizados foram observação direta, questionários, respondidos pelo maior número possível de sujeitos, e entrevistas com informantes selecionados conforme as categorias oriundas das respostas ao questionário.

O estudo pretende investigar as seguintes questões: Como se deu a formação destes professores? Qual a sua origem socioeconômica e espacial? Como se identificam com sua profissão e com o local onde trabalham? Austin representa para eles uma escolha intencional ou uma necessidade profissional? Como lidam com ela?

As técnicas de coleta utilizadas são a observação no local; o levantamento por meio de questionários contendo questões fechadas e abertas; e a análise de conteúdo por meio de entrevistas semi-estruturadas gravadas e transcritas (em anexo). Os resultados obtidos são discutidos no capítulo 3 e nas conclusões.

A presente dissertação se ancora no levantamento por meio de questionário (Anexo 1) com o objetivo de tratar uma série de variáveis, tais como idade, sexo, origem social, escolha profissional, identidade com o local de trabalho, etc. “Nos *levantamentos*, pequenas e grandes populações são estudadas através de amostras para descobrir a incidência relativa, a distribuição e inter-relações de variáveis psicológicas e sociológicas” (KERLINGER, 1980, p.170. Grifo do autor).

Utilizamos particularmente, o levantamento descritivo, já que buscamos as características e opiniões do grupo de professores municipais de primeiro segmento atuante em Austin. Buscamos atingir o maior número possível de pessoas, incluindo todas as escolas municipais da região na amostra, a fim de obter resultados representativos (Ibid.). Todos os professores presentes nos dias de coleta e dispostos a participar foram incluídos na amostra.

Os questionários foram complementados por entrevistas semi-estruturadas (Anexo 2). Com as entrevistas esperávamos encontrar respostas mais detalhadas para algumas questões, como influências sobre a escolha profissional e a relação dos respondentes com seu lugar de trabalho. As entrevistas foram tratadas pela Análise de Conteúdo, metodologia caracterizada por tomar como objeto a palavra e seu significado, isto é, a mensagem que ela transmite. Como a emissão das mensagens está necessariamente vinculada às condições contextuais de seus produtores, acham-se carregadas de componentes cognitivos, subjetivos e historicamente mutáveis, sejam eles explícitos ou latentes (FRANCO, 2008, p.11-12).

Deste modo, o objeto da pesquisa se refere à construção das identidades profissionais dos professores de Austin, sua relação com o seu local de trabalho e as marcas percebidas nas práticas docentes.

O objetivo geral da investigação é analisar a construção das identidades profissionais dos professores, por via do espaço local, identificando a diversidade e as possibilidades que afloram na dialética entre identidades e educação. Ao mesmo tempo, analisar a construção destas identidades em seu contexto local, tendo em vista as relações multiescalares e multiculturais. Trata-se de verificar de que maneira os agentes e as crises externas (conjuntura geográfica, econômica e política) influenciam o trabalho e o dia a dia destes professores.

Quanto aos objetivos específicos; a pesquisa se desenvolveu considerando alguns caminhos, como:

- buscar regularidades e diferenças nas relações existentes entre os professores oriundos da Baixada e os que vêm de fora e se estabeleceram em Austin;
- identificar a identidade profissional frente à atuação docente; investigando a gênese dessa identidade profissional naqueles professores que estabelecem com seu local de trabalho;
- analisar como se deu a formação destes professores, o que pensam com relação a trabalhar em Austin e por que escolheram (ou foram instados a escolher) este local de trabalho.

A dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro são apresentados os conceitos teóricos de identidade(s) social, profissional e territorial, de modo a fornecer embasamento científico a nossa questão central. O segundo capítulo versa sobre a identidade do professor, com base nos conceitos desenvolvidos por Dubar, Tardiff, Lessard e outros teóricos que se debruçaram sobre a questão. Também reflete acerca da evolução da formação de professores no Brasil e sua relação com a autonomia docente. A seguir, terceiro capítulo dialogamos com os primeiros resultados da pesquisa de campo, a partir dos questionários respondidos por sessenta e oito sujeitos, com o objetivo de traçar um perfil inicial dos docentes sujeitos da pesquisa. Os dados obtidos através dos questionários respondidos receberam tratamento estatístico.

Ao longo deste último capítulo analisamos o conteúdo das entrevistas realizadas com 14 sujeitos. Para realizá-la foi utilizado o software NVIVO, de levantamento da frequência, com que determinadas palavras/ idéias aparecem nas falas dos professores, a fim de determinar quais as principais categorias presentes nas falas e a importância atribuída às mesmas.

Por outro lado, as conclusões do estudo são apresentadas ao final, com ênfase no registro das categorias surgidas nas entrevistas, especial atenção foi dada à relação das professoras entrevistadas com o bairro de Austin, aonde atuam.

Por fim e ao cabo, as entrevistas foram reunidas num anexo à parte; devido à riqueza de informações obtidas, considero importante sua inclusão nesta dissertação. Assim, procedi por entender que esse material poderá ser utilizado, futuramente, por outros pesquisadores interessados no tema.

Cap.1. FRONTEIRAS, TERRITÓRIOS E IDENTIDADES

O tema da(s) identidade(s) é vasto e controverso, sendo impossível esgotá-lo no âmbito de uma dissertação. Pretendo neste breve ensaio dialogar com alguns autores como Hall (2006), Bhabha (2001) e Haesbaert (2002), a fim tentar entender um pouco a complexidade deste conceito, essencial para o nosso objeto de estudo.

As velhas identidades que estabilizavam o mundo social estão em declínio, fazendo surgir um sujeito fragmentado, diferente do sujeito unificado, do indivíduo “moderno” – esta afirmativa de Hall nos faz refletir. É fato que hoje, em um mundo capitalista e globalizado pelas exacerbações do capital, o indivíduo se encontra fragmentado, tonto, perdido com tantas possibilidades criadas pelo capital. Porém, esse fenômeno de fragmentação do indivíduo seria cronológico?

O propósito deste livro é explorar questões da identidade cultural na “modernidade tardia” e verificar se existe uma “crise de identidade”. Que acontecimentos nas sociedades modernas precipitam tal crise? Quais suas conseqüências? (HALL, 2006, p. 7).

Hall coloca em questão se não é a própria modernidade que está sendo transformada. Pergunto se esta percepção do “descentramento das identidades” que nos fala Hall seria um fenômeno relativamente recente, da “modernidade tardia”, ligado a fatos como a globalização do capital, ou na verdade, a percepção de tal fenômeno ficou mais visível após tal processo de exacerbação do capital mundial.

Desta forma, o sujeito descentrado já existia e não seria uma invenção da “modernidade tardia”, como querem alguns autores. Ocorre que agora se tem a percepção de comportamentos que antes estavam encobertos por uma “camuflagem”, reprimidos por uma opressão de processos políticos regidos pelo mesmo capital que sustenta o mundo globalizado.

Ao assinalar três concepções de identidade, Hall mostra como os sujeitos se apresentam no decorrer de determinados períodos históricos, mas isso não significa que a seqüência temporal de existência destes sujeitos. São eles:

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se

desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele (HALL, 2006, p 10 a 11).

Ou seja, o sujeito com uma identidade fixa, determinada e pré-existente. Mais adiante ele fala sobre o sujeito sociológico, onde a identidade se constrói junto com a interação do sujeito e o meio:

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes pra ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. (...) De acordo com essa visão, (...) a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público (HALL, 2006, p 11).

Nesta concepção de identidade, vejo algo mais viável, já que admite as interferências externas da sociedade e dos acontecimentos históricos como parte da construção da identidade de um sujeito que interage com o seu meio, com tudo que de alguma maneira lhe atinge e colabora com sua formação enquanto sujeito. Esta concepção de identidade é bem mais próxima do mundo que conhecemos, porém há ainda uma terceira concepção, colocada por Hall, que deve ser considerada e bem interpretada.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. ...O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial e permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”... O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006, p 12 a 13).

Assim destaco a concepção de identidade, onde Hall define o sujeito de pós-moderno, pois acredito que realmente enquanto sujeitos, vivemos e assumimos várias identidades. Já não há mais o sujeito com uma identidade única. Principalmente na docência, quando durante a sua prática o professor precisa assumir várias posições a fim de melhor exercer sua função educadora. Porém também acredito que as identidades fazem parte de uma construção interativa com a sociedade e todos os acontecimentos historicamente construídos. Desta forma, proponho uma mescla das duas

concepções apresentadas por Hall, onde teríamos juntas e complementarmente as identidades dos sujeitos que ele chama de sociológico e pós-moderno.

Mas discordo da colocação destes sujeitos em ordem cronológica. O sujeito “pós-moderno” poderia já existir na modernidade, com suas contradições, seus conflitos, suas várias identidades, embora invisível ou escamoteado. O advento da globalização teria potencializado e tornado este fenômeno visível. “As pessoas não precisam nascer em um lugar para se identificar com uma causa,[...] o sujeito terá tantas identidades quantas se identifique” (MONTEIRO, 2010).

Ora, os movimentos chamados de “classe” são compostos por grupos de indivíduos (sujeitos) que se identificam (em determinado momento) por uma mesma causa. Esta classe não é necessariamente homogênea – assim como ocorre a transitoriedade nas causas, também as “classes” são fragmentadas na pós-modernidade. Entendo por classe o que

... acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe. Podemos ver uma *lógica* nas reações de grupos profissionais semelhantes que vivem experiências parecidas, mas não podemos predicar nenhuma *lei*. A consciência de classe surge da mesma forma em tempos e lugares diferentes, mas nunca exatamente da mesma forma. (THOMPSON, 1987, p. 10)

Os “entre – lugares”, ou fronteiras de que nos fala Bhabha (2001), demonstram bem este processo. Ele nos fala como “o afastamento das singularidades de ‘classe’ ou ‘gênero’, como categorias organizacionais básicas, resultou em uma consciência das posições do sujeito”, justamente porque tal sujeito é autônomo e não pertence a uma única “classe” ou tem uma identidade única. Este movimento é dinâmico, portanto, dependendo da situação e do ponto de vista ao qual nos encontramos estaremos em defesa de uma ou mais causas com as quais nos identificamos.

O pensamento acima se aplica vale também para os lugares e territórios. Não é necessário ter nascido na França para gostar de Paris e me identificar com o estilo de vida dos parisienses, são nesses “entre-lugares” que ocorrem as estratégias de subjetividade individual ou coletiva, que criam novos símbolos de identidade, sejam de colaboração ou contestação, costuras e rupturas na sociedade.

Bhabha (2001, p.20) afirma que “é na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação, o interesse comunitário ou valor cultural são negociados”. É aí que podemos ver como essas fronteiras são e sempre foram os locais de encontro e confronto. Locais onde as culturas se criam e se repudiam e onde as diferenças dialogam e o sujeito que se quer autônomo, se vê entre diversos momentos de conveniência e contradição, tomando a direção que melhor lhe cabe a cada momento da construção do processo histórico, tal qual o sujeito “pós – moderno” proposto por Hall. Estas “fronteiras” sempre existiram.

Ao mesmo tempo, a exarcebação do processo de internacionalização do capital e o contínuo acúmulo e superexploração por ele acarretado fez surgir o chamado mundo “globalizado”, que muitos dizem “sem fronteiras” (principalmente a mídia a serviço do capital). Devido à velocidade de comunicação e à efemeridade de uma sociedade fetichistas e confusa, perdida em meio a este processo, as “fronteiras” ou “entre – lugares” se fazem mais visíveis. E é nestes espaços que se dão as negociações de micro e macro poder. Onde se encontra o sujeito fragmentado (pós-moderno) de que nos fala Hall, com suas identidades que surgem e se modificam na velocidade de suas necessidades. E assim também ocorre com as “classes”, pois a(s) identidade(s) do sujeito são tantas quantas este sujeito se identificar, independente do fato de ter nascido ou de residir neste ou naquele lugar.

Ainda sobre a questão dos lugares, fronteiras e entre-lugares dos quais nos fala Bhabha, podemos dialogar com Hasbaert (2002), interessando, em particular, sua visão sobre a perspectiva cultural, onde o autor descreve uma apropriação não só do material, mas também uma “apropriação simbólica”. Nesta a sociedade reivindicaria se apropriar do controle e uso não apenas das realidades visíveis, porém dos poderes invisíveis também. Poderes esses que, ademais, fazem parte do território e das condições de reprodução da vida dos homens em sociedade. Hasbaert se apóia em autores como Cambrezy e Bonnemaïson para afirmar que o território cultural precede o território político e até mesmo o econômico. Utiliza-se ainda de Cambrezy e Bonnemaïson, para os quais o território, nas suas relações sociais, teria a força de uma carga simbólica tão intensa que se tornaria “um construtor de identidade, talvez o mais eficaz de todos” (ibid.).

Claval (1999), seguindo nessa linha de raciocínio, associa identidade à memória e ao lugar de atuação profissional. Em seu ensaio sobre a questão da indissociabilidade, entre o lugar e a construção da identidade, cita Martin (1994):

A memória se constitui nos ‘lugares’, nas ‘porções da natureza’ em que estão enraizados os seus potenciais, dizia Jacques Berque (Berque, 1970:478) e a relação tecida entre a história e o espaço fornece uma base aparentemente material à identidade: ela lhe proporciona um território. A ocupação, conduzindo o trabalho da sensibilidade sobre o enraizamento físico, confere aos ‘pays’, às cidades, aos bairros, uma dimensão simbólica (...), uma qualidade que secreta o apego. (In: CLAVAL,1999,p.16).

Deste modo, o apego da pessoa ao lugar poderia fazer parte do processo de construção da sua identidade no tempo e no espaço. Logo, tal apego se constitui numa dimensão simbólica que não pode ser menosprezada. Neste sentido o processo de formação das identidades não está de nenhuma maneira descolado da questão territorial ou espacial. Assim, quando Bhabha (2001) fala das fronteiras como o lugar das negociações de macro e micro poder e criações culturais de identidade, e Hasbaert vê o território como potencial formador de identidades, conclui que os sujeitos fragmentados, descentrados, sem identidades fixas ou pós-modernos de Hall provavelmente já se manifestavam muito antes de tal conceito ser criado.

O que o estudo aponta é que tais lugares e sujeitos já existiam antes das eras convencionalmente nominadas e cronologicamente datadas. Porém, devido às relações de poder de cada época e aos processos históricos, tais sujeitos não eram percebidos como hoje, quando a exacerbação do capital - que se globaliza para se expandir e favorecer seus domínios – facilitou sua visibilidade e poder de ação, mas nem sempre de reação a tal modelo. Assim, destaco que o jogo das identidades é um processo dinâmico e complexo, desvelando o ser humano em sua complexidade. Ou seja, os inimigos de hoje, podem ser os aliados de amanhã, pois tudo depende do ponto de vista e da conveniência a que se presta.

1.1.A identidade profissional

Para falar da identidade profissional, começo com uma afirmação de Bauman (2005, p.16-7), buscando um melhor entendimento, a cerca deste tema tão complexo.

As pessoas em busca de identidade se vêem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de ‘alcançar o impossível’: essa expressão genérica implica, como se sabe, tarefas que não podem ser realizadas no ‘tempo real’, mas que serão presumivelmente realizadas na plenitude do tempo – na infinitude (...).

Uma tarefa tão difícil a ponto de ser considerada impossível de se realizar no “tempo real” deveria levar ao abatimento, desânimo ou até mesmo à desistência. Porém, é exatamente tal desafio que cada vez mais estimula a pesquisa neste campo tão complexo das ciências sociais. O desafio é um combustível, pois sabendo que no fim desta pesquisa ainda existirão muitas questões a serem respondidas. Portanto, a busca por respostas continuará realimentando futuras pesquisas.

No entanto o que se pretende, para além de respostas, é suscitar novas discussões, contribuindo com este estudo para o melhor entendimento dos fenômenos presentes na construção da identidade e nas práticas profissionais dos docentes. Para esta dissertação, consideramos as professoras do primeiro segmento do ensino fundamental do bairro Austin, localizado no município da baixada fluminense.

Mas voltarei a este ponto depois. O interesse por um tema tão complexo como a identidade docente tem início na faculdade quando ainda estudava o conceito de identidade como um fator também do processo de construção do espaço, do território. De fato, não há como dissociar o fenômeno identitário do processo de construção dos espaços, uma vez que estes estão impregnados pelos primeiros. A cultura das pessoas de um determinado local e sua identidade está impressa nos espaços por eles construídos e seu sentimento de pertencimento faz parte de tal cultura. Mas o pertencimento dura o tempo da conveniência, poucos são os que resistem se lhes é oferecido uma saída mais confortável, mesmo que renegue o seu compromisso maior com a sua profissão, enquanto professor público.

Bauman (2005) afirma que há dois tipos de identidades às quais o indivíduo pertence, que ele chama de “comunidades”. A primeira são as comunidades de vida, onde os indivíduos nascem, crescem e vivem; a segunda são as de destino, na qual a aproximação dos indivíduos se dá pelas ideias, ideais e princípios. Para Bauman, a questão da identidade passaria despercebida pela primeira, mas uma vez exposto à segunda, a questão de identidade e pertencimento viria à tona.

Assim, permito-me discordar neste ponto, pois acredito que além do campo das ideias e ideais que realmente são formadores de identidade e pertencimento, considero que a questão constitui um fator fundamental no processo de construção de identidade, assim como do pertencimento. E como as ideias e os ideais, o local também participa, ativamente, deste processo de construção e desconstrução contínuo das identidades do indivíduo. De acordo com os autores citados, acredito que o fato de fazer parte de grupos com princípios ou objetivos comuns, se e torna visível o processo identitário em que nos envolvemos.

Nesta época líquido-moderna (Bauman, 2005), em que o mundo se encontra retalhado, poucos são os indivíduos capazes de se envolver em apenas uma “comunidade de ideias e princípios”. Semelhante a Hall (2006), Bauman se utiliza do conceito, comunidade de ideias e princípios, para demonstrar o quão difícil é para o indivíduo se centrar em uma identidade única, já que a maioria de nós pertence ou quer participar de várias identidades ao mesmo tempo. As

identidades são mutáveis, negociáveis, mas também podem ser relacionadas ao indivíduo por aqueles que estão à sua volta. Quanto a esta questão, o autor nos alerta:

As 'identidades' flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. (...) Pode-se até começar a sentir-se *chez soi*, 'em casa', em qualquer lugar – mas o preço pago é a aceitação de que em lugar algum se vai estar totalmente em casa (BAUMAN, 2005, p.19-20).

Como atores, devemos protagonizar nossa caminhada e por certo muitas serão as identidades escolhidas e assumidas, mas é preciso que haja critérios nas nossas negociações. Como alerta Bauman (ibid.), ao assumir ou aceitar toda e qualquer identidade, o indivíduo troca de papel e passa a ser mero coadjuvante, sem uma identidade verdadeira, o que certamente causa um sentimento de desconforto. O que talvez esteja nos aproximando aqui é a realidade vivida por muitos que, envolvidos pela esquizofrenia de um mundo globalizado, ficam perdidos ou presos em um emaranhado de “comunidades de idéias e princípios”, das quais não conseguem se libertar, posto que não há coerência entre elas e suas contradições se acirram, deixando o indivíduo cada vez mais perdido na escolha do caminho ou dos caminhos a seguir. Para onde ir, em que rua entrar, a quem seguir?

Neste sentido, acredito que um dos grandes desafios desta tarefa seja entender o porquê de tais contradições, as mudanças muitas vezes radicais do indivíduo, mesmo compreendendo que por ser social na atualidade será forçosamente mutável. O que hoje defendemos com todas as forças, podemos condenar amanhã. Ora, quantos filhos mudaram de opinião depois que se tornaram pais, ao assumirem ou mudarem suas identidades? No entanto, não devemos encarar tais mudanças como uma falha na constituição do indivíduo, mas sim como etapas naturais da vida, no tempo e no espaço.

Por outro lado, concordo com Bauman (ibid.) que a identidade não pode ser tratada como algo com caráter a priori ou pré-determinado – ela é algo frágil e inconclusivo, parte da construção do indivíduo social. E este tem sim um caráter inacabado, sempre em busca de algo que lhe falta.

... a 'identidade' só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, 'um objetivo'; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que (...) a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser (...) suprimida e laboriosamente oculta (BAUMAN, 2005, p.21-22).

Para o autor, a identidade surge com *a crise do pertencimento*, a qual exige um movimento no sentido de superar a abertura existente entre o que “deve ser” e o que realmente “é”, para que a realidade consiga atingir os níveis almejados pela idéia, transformando a idéia em realidade.

Assim, Bauman (ibid.) nos leva a pisar novamente no terreno do “local” como fator fundamental no processo identitário, uma vez que o sentimento de pertencimento vai desde a *causa* com a qual nos identificamos ao lugar com o qual nos identificamos. E não são raras as vezes em que o processo de confecção da identidade passa também pelo processo de construção física e literal do lugar. Quantas vezes ouvimos: “Aqui me sinto bem, pois me identifico com o lugar”.

Porém, se considerarmos que a identidade é mutável, o sentimento de pertencimento também o é. Afinal, quantos emigrantes afirmam que não tem vontade de voltar à sua terra natal, pois encontraram o seu lugar. O que a dissertação aponta é que a questão “local” também faz parte do processo identitário que nos propusemos estudar. Não se trata de uma “identidade natural”, biológica, forçosamente interpretada como algo dado pela origem do individuo. Como falado anteriormente, não se descobre uma identidade, pois só se pode descobrir o que já existe, o que não é o caso; mas sim, se inventa e reinventa com sua característica inconclusiva.

Bauman (ibid.) também reflete como o conceito de “identidade” não era tão considerado no passado, dado ao forte papel da “nação”, que apresentava a identidade como “natural”, predeterminada, não abordada de forma mais enfática pelos fundadores da sociologia, como Simmel e Durkheim. Porém, quando a ideia de fazer nascer uma “nação” perde força, tal contexto se transforma:

Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer ‘natural’, predeterminada e inegociável, a ‘identificação’ se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um ‘nós’ a que possam pedir acesso (BAUMAN, 2005, p.30).

A respeito então o autor assinala o efeito fragmentário que a globalização vem provocando nas sociedades modernas, onde a esquizofrenia social tem causado grande estrago e mal estar. Pois, as identidades impostas e escolhidas se confrontam e deixam o indivíduo muitas vezes sem direção. Contudo, aqueles indivíduos que não faziam parte e não se apoiavam nestas “estruturas ortodoxas”, de certa forma ficaram protegidos dos efeitos mais avassaladores da efemeridade global, por serem mais independentes e conscientes de seu papel e suas escolhas, pelo seu protagonismo individual na sociedade.

Em sua abordagem, Bauman (ibid.) nos alerta como a fragmentação social ocasionada pelo fenômeno global afeta economicamente as classes, os indivíduos e sociedades. Os bem sucedidos, ao ter um amplo e extraordinário campo de identidades à sua escolha, preferem não mais tratar dos problemas causados pela exacerbação de acúmulo de capital. Neste processo, as desigualdades se intensificam e surge um exército de excluídos (ou “subclasse”), como resultado da omissão egocêntrica do individualismo alimentado pela globalização. A estes excluídos - que estariam abaixo mesmo daqueles que não tem direito à escolha de uma identidade, seria negado o direito à identidade, só lhes restando a imposição desta.

Se você foi destinado à subclasse (...), qualquer outra identidade que você possa ambicionar ou lutar para obter lhe será negada a priori. O significado da ‘identidade de subclasse’ é a ausência de identidade, a abolição ou negação da individualidade, do ‘rosto’ – esse objeto do dever ético e da preocupação moral. Você é excluído do espaço social em que as identidades são buscadas, escolhidas, construídas, avaliadas, confirmadas e refutadas (BAUMAN, 2005, p. 46).

Em outras palavras, aos indivíduos abandonados pelo Estado e pela sociedade como resultado do fenômeno global, é conferida a identidade de “excluídos”. E como chamaríamos os excluídos e abandonados sociais de outros momentos, de outras épocas, não só nas fases de constituição do capitalismo. Nos feudos, na Roma antiga, na era das grandes conquistas, onde os povos conquistados, para sobreviver, eram obrigados a assumir as identidades de seus dominadores? Os “sem rosto” já existiam antes mesmo da existência do capitalismo.

Sem me contrapor a Bauman, acredito que não situar, historicamente, o fenômeno seja um equívoco. Deste modo concordo que identidades são negadas e que a ditadura das identidades realmente existe. Mas o fato de perda de identidade é tão subjetivo e íntimo ao indivíduo quanto a escolha de uma. Quantos são aqueles que nem sequer sabem o papel que lhes cabe no “teatro real”, quanto mais os que lhes foram negados? Isto é próprio da complexidade do fenômeno identitário.

Por outro lado, analisando o processo de construção das identidades, o autor assinala em direção de uma identidade incompleta, registrado como o indivíduo se apresenta de várias formas diferentes, como num quebra-cabeças, com diversos resultados diferentes e possíveis. Ainda faz um paralelo com o mundo atual, globalizado, onde os momentos são fluidos e mutáveis, assim como as identidades:

Sim, é preciso compor a sua identidade pessoal (ou as suas identidades pessoais?) da forma como se compõe uma figura com as peças de um quebra-cabeça, mas só se pode comparar a biografia com um quebra-cabeça *incompleto*, ao qual falem muitas peças (e jamais se saberá quantas)... mas a

imagem que deverá aparecer ao fim do seu trabalho não é dada antecipadamente, de modo que você não pode ter certeza de ter todas as peças necessárias para montá-la, de haver selecionado as peças certas as que estão sobre a mesa, de as ter colocado no lugar adequado ou de que elas realmente se encaixam para formar a figura final. Podemos dizer que resolver um quebra-cabeça comprado numa loja é uma tarefa *direcionada para o objetivo*... No caso da identidade, não funciona nem um pouco assim: o trabalho total é *direcionado para os meios*. Não se começa pela imagem final, mas por uma série de peças já obtidas ou que pareçam valer a pena ter, e então se tenta descobrir como é possível agrupá-las e reagrupá-las para montar imagens (quantas?) agradáveis... A tarefa de um construtor de identidades é, como diria Lévi-Strauss, a de um *'bricoleur'*, que constrói todo tipo de coisas com o que tem a mão (BAUMAN, 2005, p.54-55).

Portanto, o autor confirma o caráter complexo e incompleto que a identidade possui, mesmo por que para qualquer indivíduo não haverá uma única identidade fixa ou preexistente. A incompletude do ser torna a construção, assunção ou utilização das identidades por aquelas tomadas, semelhantes às roupas de um figurino utilizadas em uma peça teatral, quando um mesmo ator representa diversos personagens, de maneira fugaz.

Mas indo ao um ponto mais específico de nosso trabalho, dialogaremos com Dubar (2005), que em sua obra realiza pesquisas exclusivamente francesas, direcionadas a empresas, entre as décadas de 1960 e 1980. Nela tenta entender a construção das identidades profissionais e considera ter encontrado quatro tipos típicos e principais de identidades profissionais. Ele insiste em dizer que tais identidades reconstruídas a partir de estudos empíricos diversos, não são meras deduções de combinações *a priori*, estando presas à sua esfera socioprofissional e não se reduzindo a identidades de trabalho e nem a *habitus* de classe. E assim ele rapidamente as explica:

Essas formas identitárias podem ser interpretadas a partir de modos de articulação entre transação objetiva e transação subjetiva, como resultados de compromissos “internos” entre ‘identidade herdada’ e ‘identidade visada’ mas também de negociações “externas” entre ‘identidades atribuída’ por outrem e ‘identidade incorporada’ por si (DUBAR, 2005, p.323-324).

De outra maneira, poderíamos chamar de “identidade herdada” a identidade de origem ou recebida, assim como a “identidade visada” seria a identidade que se almeja ou espera ter de forma subjetiva ou objetivamente: as duas fazem parte de um processo íntimo do ser. Já nos casos de identidades como a “identidade atribuída”, esta seria imposta ou sugerida. A “identidade incorporada” seria a identidade assumida pelo indivíduo. Trata-se de processos que têm a participação de outros indivíduos, da sociedade e de movimentos alheios à vontade própria dos indivíduos, e por isso chamado por Dubar (*ibid.*) de “negociações externas”.

Contudo, não identifiquei na obra algo que servisse exatamente ao que pretendo estudar, ou seja, a identidade profissional do professor. E na verdade acho bom que seja desta forma, quer pela complexidade do tema (identidade), quer pela profissão em estudo (professor). O que pude aprender e tirar bom proveito com Dubar é o fato de que, diferentemente das profissões mais tradicionais como médicos, advogados e engenheiros, o professor tem uma grande dificuldade de apresentar de forma clara sua identidade. Talvez porque o professor se encontra em processo contínuo de formação e a cada momento se depara com novas normas, regras e definições de sua profissão. Caso seja perguntado qual sua profissão, por mais que queira responder apenas “professor”, há um sentimento de que ficou faltando algo, tanto de quem interpela como de quem responde.

Então vem a segunda questão: professor de que? Simplesmente a palavra professor não se basta, mas deveria. Assim como alguém pergunta e o outro responde: sou engenheiro. Raramente ocorre uma segunda questão. Mas com o professor, várias questões ficam em aberto: universitário? Ensino médio ou fundamental? Matemática ou português? Curso normal ou superior? E assim seguem as questões. Dubar (ibid.), ao tentar simplificar o enquadramento das profissões junto ao fenômeno identitário, nos mostra que no caso do nosso sujeito de estudo, é muito difícil enquadrá-lo em uma ou outra identidade “típica”. O professor pode ter herdado esta identidade, mas também pode lhe ter sido imposta pelas circunstâncias. Ao longo das entrevistas, o que se observa é que alguns dirão que sempre almejaram tal identidade e outros, que assumiram a identidade de professor após ter guardado por muito tempo e enfim aceito seu “dom”.

Cap. 2. IDENTIDADE DO PROFESSOR E FORMAÇÃO DOCENTE

Não pretendo aqui explicar como ocorre o processo de construção da identidade profissional do professor, e tampouco tenho a pretensão de dizer que o presente trabalho responderá a todas as questões que o tema sugere, cria e recria, mas aceitei o desafio de tentar entender melhor a complexidade de tal profissão. Entendo que assim procedendo posso colaborar de alguma forma com estudos voltados para a formação e a prática docente. Podemos confirmar em Dubar (2005) o caráter inconcluso, mutável e diverso que o fenômeno de construção das identidades possui:

... Eu nunca posso ter certeza que minha identidade para mim mesmo coincide com minha identidade para o Outro. A identidade nunca é dada, ela é sempre construída e deverá ser (re) construída em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos duradoura (DUBAR, 2005, p.135).

A incerteza, a construção e a indeterminação do tempo são características próprias da identidade, mostrando como a subjetividade (indivíduo) e a objetividade estão sempre próximas. Acham-se como que em uma negociação permanente e incessante, presente no processo de criação e recriação das identidades, sejam elas profissionais ou não. Isto ocorre uma vez que o fato de atribuir ao indivíduo um ofício não afeta o processo de criação em si, mas pode sim lhe dar novas direções e afetar suas ações e interações sociais.

Sobre o caráter dúbio e plural do fenômeno identitário:

... a identidade nada mais é que *o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições (...)*. A ironia disso é que, com frequência, acontece de o que considero a realidade mais pública ser considerado por outros minha *fantasia* mais pessoal e de o que suponho ser meu mundo *'interior'* mais íntimo mostrar-se como o que tenho de mais comum com os outros (LAING, apud DUBAR, 2005, p.136. Grifos do autor).

Conforme visto anteriormente com Bauman, se sobressai o comportamento fluído e mutável da identidade, destacando o comportamento dos indivíduos e sociedades dadas as circunstâncias da contemporaneidade.

Dubar (ibid.) em sua obra e pesquisas mostra o comportamento de indivíduos observados em seus locais de trabalho e enfrentando diversos tipos de situações, às quais reagem de diferentes maneiras. Se para Dubar foi suficiente encontrar quatro pontos “típicos”, acredito que no caso do presente estudo será mais complexo e difícil, pois dentre as várias reações observadas, muitas se

encaixariam de forma geral em qualquer profissão e várias, com certeza, não fariam parte do universo da prática docente.

2.1. Identidade docente

Para explorar melhor o tema, buscamos a referência de autores que se debruçaram sobre o tema do trabalho docente. Embora sabendo que as pesquisas da obra foram feitas na América Anglo-Saxônica e Europa, foi em Tardif e Lessard (2005) que encontramos sugestões valiosas. Muitos movimentos do trabalho docente por eles pontuados vão ao encontro do que observamos no cotidiano e que representam muitas inquietações da maioria dos docentes. Quando por exemplo, falam do momento da aprendizagem:

Primeiramente, a ‘consumação’ (aprender) acontece, normalmente, ao mesmo tempo que a ‘produção’ (ensinar; fazer aprender). Portanto, é difícil separar o trabalhador do resultado de seu trabalho e observar separadamente esse último de seu local de produção. Em seguida, o próprio produto da docência parece intangível. Dificilmente se pode medi-lo e avaliá-lo. Por exemplo, como definir a socialização de modo claro e preciso? Como estabelecer graus na socialização, na educação? O mesmo pode-se dizer da aprendizagem, em que abundam teorias contraditórias. Enfim, a simples observação da docência pode atrapalhar o desenvolvimento do processo de trabalho, que requer uma certa ‘intimidade’ entre professor e os alunos (TARDIF e LESSARD, 2005, p.206).

Neste relato se desvela como é complexa a relação do trabalho docente com os seus objetivos, que são muitos. Mais difícil ainda é avaliar tal relação profissional. Devido à complexidade dos sistemas de ensino, vemos os esforços de dirigentes no sentido de criar inúmeras formas de mensurá-lo, fracassando sucessivamente.

Outro ponto fundamental e pontuado na obra de Tardif e Lessard versa sobre a hierarquização das matérias, a burocratização escolar, a perda de autonomia docente e as tensões causadas e vividas por estas questões:

Na realidade, um programa, por mais preciso que seja, é sempre apenas um programa, ou seja, um projeto; sempre haverá uma distância entre o programa e sua realização concreta em classe, as diferenças entre os alunos os recursos disponíveis, o tempo que passa... Os professores, queiram ou não, são obrigados a interpretar os programas e adaptá-los continuamente às situações cotidianas. (...). Encontramos aqui também, no plano dos programas, uma tensão entre aspectos codificados, fixos, burocráticos do ensino e a autonomia permitida aos professores na execução de sua função. (TARDIF e LESSARD, 2005, p. 208).

Tensão que também ocorre entre professores, alunos e seus pais por conta da hierarquização dos conhecimentos, muitas vezes instituída pelos organismos responsáveis como o Ministério da

Educação e as Secretarias de educação, que valorizam determinadas matérias em detrimento de outras, por assim julgar que um determinado conhecimento seja mais relevante que outro para a vida profissional futura dos alunos. Embora saibamos que esse processo ocorre em todo o mundo, no Brasil ele se agrava pela ausência de opções para o aluno desenvolver seu currículo individual.

Muitos alunos passam a se interessar menos por algumas matérias, já que aprendem na própria escola que tais e tais cursos não são tão relevantes para sua vida quanto outros. Isso se reflete diretamente no trabalho do professor, que se vê perante o desafio de, além de ensinar, convencer seus alunos da importância de sua matéria. Sua identidade profissional sofre assim o impacto da desvalorização, falta de autonomia e controle burocrático.

Este tende a pressioná-lo e exigir mais de seu tempo, que deveria ser direcionado principalmente ao estudo e à prática docente, devendo o docente dar conta das intervenções burocráticas e diretrizes metodológicas que fogem ao seu controle. E ainda conseguir o respeito e interesse de seus alunos pela sua matéria, já considerada supérflua inclusive pelos organismos e instituições educacionais.

Porém, isso não significa que as matérias valorizadas não sofram pressão. Pelo contrário, os professores destas matérias são constantemente cobrados e pressionados por seus colegas, alunos, pais e instituições dirigentes, que a todo o momento querem melhores resultados e criam novas estratégias/métodos de ensino/avaliação de seu trabalho. Tais docentes também têm grande dificuldade em situar e construir sua identidade.

Ainda sobre a questão da hierarquização dos saberes, Tardif e Lessard complementam de forma interessante:

... A hierarquização remete a questões de prestígio (valor do conhecimento) e de acesso a alguns conhecimentos que serão destinados unicamente a alguns alunos... A hierarquização dos conhecimentos escolares remete, assim, a critérios sociais e a questões relativas àqueles que têm o poder de impor-se. Ora, a análise dos poderes que intervêm na organização escolar, (...) mostra que os professores têm pouco poder no que diz respeito, sobretudo, à organização dos currículos escolares e a hierarquização das matérias. Se estas últimas determinam a tarefa e a identidade dos professores, elas lhes conferem, ao mesmo tempo, o estatuto de executantes e transmissores de conhecimentos e valores ideológicos, culturais e cognitivos sobre os quais exercem muito pouco controle (TARDIF e LESSARD, 2005, p.210).

Bem, se os professores de matérias únicas ficam sem controle sobre o que determina suas tarefas e identidades, como falar dos professores que trabalham nas classes de ensino fundamental de primeiro segmento (sujeitos de nosso estudo)? Sua missão é transitar por várias matérias, uma

vez que são responsáveis pelos primeiros conhecimentos e o despertar das habilidades cognitivas e socialização destes alunos. De seu trabalho dependerá toda a continuidade da história escolar destes alunos.

Ou seja, estes professores têm em suas mãos a responsabilidade de determinar muitas vezes o futuro escolar e conseqüentemente social de indivíduos no início de sua caminhada. Mas como cumprir uma missão de fundamental importância para a formação do indivíduo e da sociedade, se ele próprio não consegue construir sua identidade profissional, tamanha as intervenções que sofre e o pouco ou nenhum controle que tem sobre suas funções.

Outro ponto onde a obra de Tardif e Lessard vem a ser de grande ajuda ao presente estudo é no campo metodológico, pois há grande semelhança na forma como foram feitas e fundamentadas suas pesquisas, com as utilizadas no presente trabalho. Assim, pego emprestado algumas de suas afirmações, obtidas por meio de 150 entrevistas realizadas junto aos professores, abordando tanto a história de carreira docente como suas relações dentro do conjunto dos demais atores da educação.

É, pois, a análise do trabalho interativo dos professores que constitui o objeto desta obra. (...) em que e como o fato de trabalhar sobre e com seres humanos repercute sobre o professor, sobre seus conhecimentos, 'sua identidade', sua experiência profissional? Enquanto trabalho interativo, a docência possui características peculiares que permitem distingui-la de outras formas de 'trabalho humano... Nas ciências sociais é evidente que uma pesquisa com base empírica, por mais imponente e rica de informações que seja, é essencialmente, local: não existem dados universais, na medida em que os 'fatos sociais' estudados pertencem a uma situação social particular dentro da qual eles são histórica e socialmente produzidos (TARDIF e LESSARD, 2005, p.9-10).

Outro autor que se debruçou sobre o tema em profundidade, porém noutra direção, foi Paulo Freire. Freire vê no professor o direito e o dever de mudar o mundo, pois ele acredita nesta possibilidade. Então esse sujeito de mudança precisa ter consciência de sua responsabilidade em realizar sonhos.

Os sonhos são projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente, sem obstáculos. Implica, pelo contrário, avanços, recuos, marchas às vezes demoradas. Implica luta. Na verdade, a transformação do mundo a que o sonho aspira é um ato político e seria uma ingenuidade não reconhecer que sonhos têm seus contra-sonhos. É que o momento de que uma geração faz parte, porque histórico, revela marcas antigas que envolvem compreensões da realidade, interesses de grupos, de classes, preconceitos, gestação de ideologias que se vêm perpetuando em contradição com aspectos mais modernos (FREIRE, 1998, p 24).

Em Freire, se destaca uma busca pela mudança real, na qual os sujeitos devem buscar lutando e transpassando obstáculos a concretização de seus sonhos, projetos que podem mudar o mundo, segundo este pensador.

A escolha e a decisão, atos do sujeito, de que não podemos falar numa concepção mecanicista da história, de direita ou de esquerda, e sim na sua inteligência como possibilidade, necessariamente sublinham a importância da educação. Da educação que, não podendo jamais ser neutra, tanto pode estar a serviço da decisão, da transformação do mundo, da inserção crítica nele, quanto a serviço da imobilização, da permanência possível das estruturas injustas, da acomodação dos seres humanos à realidade tida como intocável (FREIRE, 1998, p 26).

Desta forma, a educação não pode jamais ser neutra, pois é política, e portanto tampouco o podem ser seus sujeitos, os professores. A simples opção pela neutralidade já é um posicionamento que não condiz com a história de luta e militância e nunca de acomodação desta classe. Pode-se aprender e ensinar transgredindo e inovando.

Nesta mesma direção, Arroyo coloca professores e escola como os atores principais das mudanças que devem e podem ser feitas.

Todas as propostas dirigem seu foco para os sujeitos da ação educativa, educadores e educandos enquanto sujeitos sociais, culturais, sujeitos de práticas, de pensamentos e de valores, de culturas e de identidades diversas. Vemos a escola como um encontro cultural de gerações, do adulto e da infância. (...) partimos do suposto de que esses encontros cotidianos de gerações estão acontecendo, no tempo de escola, e exigem dos docentes - educadores pensares, posturas, ações e escolhas cotidianas inovadoras. Transgressoras até...(ARROYO, 2007, p 136).

O autor radicaliza seu posicionamento, fazendo coincidir a história da instituição escolar com a história de seus mestres.

Partimos de uma visão social, histórica da instituição escolar. Uma longa história que coincide com a história de seus mestres. A mesma lógica e os mesmos interesses sociais que vêm conformando e deformando os sistemas escolares, vêm conformando e deformando seus mestres, mas não esquecemos que estes são também sujeitos nessa história da escola e de sua própria configuração como mestres, como categoria. Suas lutas e sua presença nas últimas décadas mostram que vêm sendo sujeitos coletivos, ativos e combativos na construção de um projeto social, na redefinição de políticas públicas e educativas e na direção de sua própria história. (ARROYO, 2007, p 137).

Arroyo sinaliza que os professores são sujeitos de mudança, tanto da história da sociedade, como de sua própria história. Como Freire, ele acredita que através de suas posições, decisões e atitudes, os docentes podem mudar o estado social. A transgressão de que fala Arroyo, parte da

criatividade inovadora do educador que não se acomoda com as regras impostas pelo sistema, pela “ordem” estabelecida, e busca burlar, a fim de tornar os alunos, sujeitos de sua mudança.

Fui aprendendo que há muitas transgressões nas salas de aula. Transgredir foi a saída encontrada pelos professores diante do legalismo autoritário, do controle e do trato infantilizado sofrido nas últimas décadas... Para a mídia, para os gestores e até para algumas famílias essas transgressões podem ser interpretadas como imprudências, irresponsabilidade profissionais. Prefiro ver nelas valores éticos, difíceis de participar em tempos de centralismo e normatização autoritária. Uma virtude de nosso ofício é ir além da prudência oficial e da responsabilidade formal das normas... A quem responder – ser responsáveis -, a essa vida que chega viva cada dia em nossas salas de aula ou às normas frias, mortas que tratam os alunos como números, como corpos sem vida, silenciosos, inertes, sem pensamento e sentimento? A prudência, virtude do médio, às vezes da mediocridade, tem abafado a criatividade dos mestres. (ARROYO, 2007, p 139).

É contra essa prudência medíocre, a serviço da ordem e da manutenção do estado de coisas, que só serve a quem está confortavelmente sentado num cargo oficial, que os professores têm o dever e o direito de se opor. Transgredir no sentido de resistir, de lutar contra uma ordem mercantilizadora do trabalho docente, contra a sua precarização humilhante, que tem transformado esta profissão nobre numa tarefa social menor. E não só na educação básica. Como nos alerta Santos (1998), até os intelectuais do ensino superior tem sido levados a conformar-se com essa lógica capitalista de produção docente:

...Agora e de modo geral, já não é a ciência que comanda a técnica, mas esta que comanda a ciência. E como as técnicas acabam sendo comandadas pelo mercado, o trabalho de pensamento dos homens torna-se limitado e estreito. É essa a tragédia da atividade científica na era da globalização... A tirania da informação não é, apenas, a mídia, porque inclui, também, o nosso trabalho na universidade. Quero insistir nessa tecla, porque o nosso trabalho como professores é a base com a qual se educam e se reeducam as gerações. Quanto mais o nosso trabalho for livre, mais educaremos para a cidadania. Quanto mais o nosso trabalho for acorrentado, mais estaremos produzindo individualidades débeis... O mercado instrumentaliza a partir de lógicas externas à pessoa humana. As militâncias instrumentalizam pela prisão dos slogans e das palavras de ordem. A “politicaria” instrumentaliza pela centralidade dos resultados, o império dos meios. A mídia instrumentaliza convocando o intelectual a produzir manchetes e não verdades... (SANTOS, 1998,p.2).

Ao mesmo tempo, suas preocupações se voltam a seguir para o papel do professor na produção e difusão do conhecimento na sociedade e, principalmente, no âmbito da universidade.

Ser professor não é obrigatoriamente ser intelectual, sobretudo, porque é, freqüentemente, exercer uma repetição, seja como porta-voz da produção alheia (...). A globalização agrava essa situação porque traz como uma de suas marcas a difusão de um pequeno número de autores bafejados pelo

mercado (...), e dos quais vem a certificação de validade do conhecimento dos outros. (...) Numa universidade autêntica, os administradores apenas governam as coisas. Os intelectuais são inadmissíveis... Não há universidade que possa crescer sem crítica interna. Não basta repudiar a crítica externa. É preciso todos os dias exercitar a crítica interna para sermos verdadeiros intelectuais. De outro modo, estaremos limitados à produção e a prática de meias – verdades, ou verdades interesseiras... (SANTOS, 1998, p.5).

Que estes alertas de Santos sirvam para toda prática acadêmica, não só para os intelectuais nas universidades, mas para todos os educadores. Pois se na universidade são seduzidos pela mídia e a produção instrumentalizada, em salas de aula nas escolas do ensino fundamental e médio, são cada vez mais instrumentalizados por uma lógica normativa autoritária (Arroyo), infantilizadora dos mestres. Mestres esses que se vêem cada vez mais acudados, amarrados, silenciados, com vontade de gritar, mas com medo de perder, pois suas identidades são várias e sobreviver é preciso. Mas a que preço?

Nunes coloca bem essa questão quando fala do mito do herói que de alguma forma está presente nos educadores. Que tipo de herói se pretender ser? As várias identidades que possuem, construídas interativamente com sua participação junto à sociedade, podem levar a diversas escolhas em vários momentos.

... Mas o mito do herói também está presente na atuação dos intelectuais educadores e nos projetos educativos que gestarem: seja o heroísmo épico e a vontade hercúlea de fazer a história; o heroísmo trágico e a ameaça da incompreensão, da injustiça, do desgosto, seja o heroísmo pícaro, cuja única preocupação é a sobreviver. Que versão mais nos incomoda? Quem sabe se a definição mesma da educação e do educador, ainda hoje, não se constrói na tensão dessas três expressões heróicas? (NUNES, 2000, p 395).

Aqui fica a reflexão a ser feita por todos os que de alguma forma ingressam neste campo fantástico e cheio de desafios, lutas, agruras, conquistas e derrotas. Mas que não abandonam a verdadeira noção da dimensão de responsabilidade, do papel que o professor, educador, intelectual tem junto à construção de uma sociedade. Provavelmente a escola constitui um dos poucos espaços onde ainda se pode combater a “ordem”, a conformação, a passividade que é imposta ao povo.

Em suma, a identidade do professor que se quer sujeito de mudanças, se constrói num processo interativo junto à sociedade e aos acontecimento ao seu redor. Porém este mesmo professor, para dar conta dos inúmeros desafios que lhe são postos pela pressão social, política, econômica a fim de conformá-lo e adequá-lo às metas da “ordem” estabelecida como instrumento a serviço do capital, necessita assumir em diversos momentos, diferentes identidades. Pois este mesmo professor é também pai, mãe, filho, filha, irmão, irmão, empregado, patrão e etc. Ou seja,

em vários momentos os professores assumem posições que os colocam em diferentes situações e a consciência destas diferentes identidades é que vai garantir a coerência das posições e decisões por eles tomadas e assumidas frente à sociedade.

E por que coerência? Porque poucos profissionais são tão cobrados por seus atos, decisões e posições tomadas quanto os professores. A responsabilidade de um educador, formador de opinião, espelho de seus alunos, é grande. Daí a importância da coerência em sua prática profissional.

Nesse sentido, nosso estudo trabalha com as relações e interações do professor com os seus colegas e alunos e as implicações dessa interação com seu cotidiano e sua construção profissional. Por este motivo, além do levantamento inicial através de questionários semiestruturados, entrevistas com questões abertas relativas a histórias de vida também são utilizadas. A questão local é abordada não apenas como referência de estudo, mas como fator fundamental para a compreensão do processo de construção identitário, uma vez que constitui peça fundamental deste quebra cabeças.

O estudo busca na observação, no apoio de autores, mas principalmente na voz dos sujeitos de estudo algumas respostas que nos angustiam e inquietam. As questões propostas expressam sentimentos e questionamentos que nos movem no nosso cotidiano e muitas vezes passam despercebidos. Através delas buscamos elucidar alguns processos de construção, desconstrução e reconstrução desse ser social que é ao mesmo tempo ator e cenário do processo educativo.

Convencido da importância deste estudo de caso para a elaboração acadêmica e cotidiana de docentes em várias esferas da educação, busquei encontrar algumas respostas a tantas questões que nos inquietam, ciente de que as identidades profissionais dos professores de primeiro segmento atuantes na localidade de Austin, distrito de Nova Iguaçu são apenas uma parte deste complexo mundo da educação.

2.2. A formação de professores no Brasil

Apresento agora uma visão geral dos principais momentos da história da formação de professores no Brasil, abordando seus marcos e suas implicações para esta formação. Para falar de memória da formação docente, valho-me da mesma periodização utilizada por Saviani (2008), uma vez que nosso propósito é situar a questão, começando pelos aspectos históricos da formação de professores.

Em seus estudos, Saviani aponta que a necessidade da formação docente surge no século XVII, tendo sido criado em Reims na França, com o nome de “Seminário dos Mestres”. Mas só

após a Revolução Francesa, no século XIX, a questão ganharia força, quando o problema da instrução popular é posto e surge a necessidade de se criar escolas para preparar professores capazes de instruir os populares. Já no Brasil, a questão só é levantada após o Ato de Independência. Durante os dois séculos subsequentes as transformações pedagógicas e da sociedade brasileira geraram períodos distintos na história recente da formação de professores no Brasil (SAVIANI, 2008b).

Ensaio intermitentes de formação de professores (1827–1890): A primeira manifestação de preocupação com a formação de professores no período colonial só se manifesta com a Lei das escolas primárias de primeiras letras, em 15 de outubro de 1827. Ela determina que os professores deverão ser preparados pelo método do ensino mútuo, às suas próprias custas, assim colocando a exigência da formação didática, mas ainda sem referência a questão pedagógica (SAVIANI, 2008b, p.2).

Com o Ato Adicional de 1834, colocando a instrução primária sob a responsabilidade das províncias, estas passam a adotar o modelo europeu de Escolas Normais. A primeira de que se tem registro surge na província do Rio de Janeiro, em Niterói, 1835, exemplo seguido pelas demais províncias. O que se esperava desta formação era uma ênfase no conhecimento pedagógico, porém acabou predominando a preocupação com os conteúdos a serem transmitidos nas escolas de primeiras letras. Tal atitude levou a Escola Normal a ser duramente contestada, e muitas eram fechadas e depois reabertas, dando um caráter de intermitência a esta modalidade de formação (SAVIANI, 2008b, p.22-3).

Entre 1890 e 1932 ocorre o período de estabelecimento e expansão do padrão das Escolas Normais, marcado pela reforma da instrução pública do estado de São Paulo, que posteriormente se expande para outras cidades. Observa-se uma nítida preocupação dos reformadores em formar professores bem preparados, garantindo uma formação didático-pedagógica aos futuros mestres, numa época em que as preocupações conteudistas ainda predominavam (SAVIANI, 2008b, p. 3-4).

O período seguinte é marcado pela organização dos Institutos de Educação (1932-1939), nos quais a educação não era só objeto de ensino, mas também de estudo. Anísio Teixeira cria o primeiro Instituto de Educação em 1932, no então Distrito Federal, e no ano seguinte Fernando de Azevedo cria o IE de São Paulo, ambos inspirados nas idéias da Escola Nova. Determinado a acabar com o que julgava ser um vício de constituição da escola normal, Anísio Teixeira a transforma

numa Escola de Professores, com um currículo voltado para sua futura prática docente, apoiado na observação, experimentação e participação em escolas experimentais (SAVIANI, 2008b, p.4).

Nessa clara tentativa de atacar o conteudismo profissionalizante, a reforma proposta por Anísio Teixeira acaba por criar um curso superior de Educação, que se transformaria mais tarde no curso de pedagogia. A etapa seguinte é de consolidação. Com a organização e implantação dos Cursos de Pedagogia e de Licenciatura e consolidação do padrão das Escolas Normais (1939–1971). Com a criação da Faculdade Nacional de Filosofia (Decreto-lei 1.190 de 4 de abril de 1939), elevando os Institutos de Educação ao nível superior e incorporando-os à Universidade, foram organizados os Cursos de Formação de Professores para as escolas secundárias, posteriormente expandindo-se o modelo para o restante do país. Houve ainda a associação da organização dos Cursos de Licenciatura e de Pedagogia, onde se adotou como modelo o *esquema 3+1*: três anos de matérias específicas e um de formação didática (SAVIANI, 2008b, p.5).

Os cursos de Licenciatura formavam os professores que ensinariam as matérias específicas da grade curricular das escolas secundárias nas áreas de filosofia, ciências e letras. Já os cursos de Pedagogia formavam os professores que exerceriam docência nas Escolas Normais. Com a generalização do modelo de formação de professores em nível superior, logo se perdeu a essência dos Institutos de Educação e junto com eles o suporte das escolas experimentais que davam o caráter de pesquisa e conhecimento científico à formação de professores (SAVIANI, 2008b, p.6).

Na mesma linha dos cursos de nível superior, os Cursos de Ensino Normal ficaram definidos em dois ciclos (Decreto-lei 8.530 de 1946), onde o primeiro correspondia ao Ginásial com duração de quatro anos e formaria os regentes das escolas primárias. Este ciclo funcionaria nas Escolas Normais Regionais. Já o segundo ciclo teria a duração de três anos, como o Colegial do curso secundário, e formaria os professores das escolas primárias. Oferecidos pelas Escolas Normais e pelos Institutos de Educação. Contudo, se o primeiro ciclo tinha no foco de sua grade disciplinas de cultura geral, repetindo o equívoco das antigas e criticadas escolas normais, o curso de segundo ciclo atendiam a todos os fundamentos introduzidos pelas reformas da década de 1930. (SAVIANI, 2008b, p.6).

Ao se tornarem regulamentados pelos seus respectivos decretos, tanto os cursos de licenciatura como os cursos normais ficaram com seus currículos concentrados na formação profissional; perdendo a essência e a preocupação com o estudo da prática e da didática, como a exigência da participação em escolas-laboratórios. E uma vez mais o equívoco incorre sobre a

formação docente: o caráter dualista da formação de professores se expressa claramente na pouca importância atribuída ao aspecto didático-pedagógico desta formação, prevalecendo o modelo conteudista (SAVIANI, 2008b, p.7).

Ainda segundo ao autor, resquícios desse modelo podem ser encontrados nas atuais licenciaturas, o que acaba transformando salas de aula em verdadeiros laboratórios, com alunos como cobaias, até que através do método de “tentativa e erro” o docente se sinta realmente preparado para exercer sua profissão. De certo que tal profissão exige preparação e aprendizado constantes por parte do professor, mas também requer experimentação prévia, até mesmo para que se evitem escolhas equivocadas por parte do candidato à profissão.

Houve ainda a substituição da Escola Normal pela Habilitação Específica de Magistério (1971 – 1996). Com a chegada da era do governo militar, o processo educacional sofre mudanças que vão desde a nomenclatura de ensinos primário e médio, que passa para 1º grau e 2º grau, à substituição das estruturas das Escolas Normais pela Habilitação Específica de 2º grau. Esta Habilitação Específica de Magistério era dividida em dois tipos: um com duração de três anos, que habilitava a lecionar até a 4ª série; e outra com 4 anos de duração, que habilitava lecionar até a 6ª série do 1º grau.

...A formação de professores para o antigo ensino primário foi, pois, reduzida a uma habilitação dispersa em meio a tantas outras, configurando um quadro de precariedade bastante preocupante (SAVIANI, 2008b, p.7).

Os professores que lecionavam nas últimas séries do 1º grau deveriam estar habilitados por no mínimo uma licenciatura curta (com dois anos de duração) e os habilitados para lecionar até a 3ª série do 2º grau deveriam formar-se pela licenciatura plena, com quatro anos de duração.

Essas mudanças ocasionaram uma deterioração do processo de formação de professores, tanto do nível secundário como do superior, fator deflagrador de um grande movimento na década de 1980 que buscava, através da reformulação dos cursos de pedagogia e licenciatura, o resgate da docência como base da identidade profissional dos profissionais da educação.

O Advento dos Institutos Superiores de Educação e das Escolas Normais Superiores (1996–2006). Ao fim da era militar, os educadores acreditavam que os problemas da formação de professores poderiam ser resolvidos através das inúmeras propostas apresentadas pelos organismos aglutinadores da classe, mas não tardou a resposta contrária. Com a promulgação da LDB em 1996, viu-se que as alternativas propostas não seriam implantadas: ao invés delas, houve a colocação dos

Institutos Superiores de Educação e das Escolas Normais Superiores como alternativas aos cursos de pedagogia e licenciaturas. Resultou numa formação com duração mais curta e sem a qualidade necessária para a formação docente, que fica empobrecida e cada vez mais vista como menor perante os demais cursos, provocando um processo depreciatório do profissional docente. Assim conclui Saviani:

...constatamos que, ao longo dos últimos dois séculos, as sucessivas mudanças introduzidas no processo de formação docente revelam um quadro de descontinuidade, embora sem rupturas. A questão pedagógica de início ausente, vai penetrando lentamente até ocupar posição central nos ensaios de reformas da década de 1930. Mas não encontrou, até hoje, um encaminhamento satisfatório.... o que se revela permanente no decorrer dos seis períodos analisados, é a precariedade das políticas formativas, cujas sucessivas mudanças não lograram estabelecer um padrão minimamente consistente de preparação docente para fazer face aos problemas enfrentados pela educação escolar em nosso país (SAVIANI, 2008b, p.8).

É claro que houve avanços, mas também que ainda há muito a se avançar. No decorrer da nossa pesquisa de campo, pudemos observar que essa falta de uma representação mais forte no processo formador no nível superior deixou muitas professoras que já possuíam experiência prática e ingressavam nas licenciaturas com a sensação de alguém que simplesmente cumpre uma obrigação legal para garantir seu posto. Já no caso das que vieram direto do nível superior, fica explícito que a formação se concluiu e se faz na própria sala de aula, devido à permanência do caráter conteudista da formação ofertada pelos cursos de pedagogia e pelas licenciaturas atuais.

2.3. A questão da autonomia.

A questão da autonomia docente é complexa, constituindo-se em assunto delicado e cheio de armadilhas pelo caminho. Por isso vamos primeiro definir de qual autonomia estamos tratando. Do grego *autonomía*, *liberdade para usar leis próprias*, *independência*, apresenta em média três definições, das quais a que nos interessa é a 3ª, onde define “autonomia” como: *liberdade moral e intelectual*. O que se deseja e se espera para que um profissional docente possa exercer sua função é que este tenha, minimamente, sua liberdade moral e intelectual preservadas.

Ocorre que nos últimos dezesseis anos (oito de governo FHC e oito de Lula), o MEC vem adotando gradativamente uma lógica de avaliações nacionais. No governo Dilma não vem sendo introduzidas mudanças significativas. São avaliações dos cursos universitários (ENADE), das escolas do ensino básico (ENEM), avaliações municipais (IDEB, Prova Brasil etc). O ENEM vem

tentando, com muita dificuldade e vários erros, emplacar uma avaliação que tenta homogeneizar todos os alunos do ensino médio, em substituição ao vestibular.

Mas o que queremos indagar é: até que ponto esta plêiade de avaliações diversas e difusas, com diretrizes diferenciadas, afetam a autonomia do professor em sua prática docente? Pois para os docentes fica muito claro que, ao avaliar os alunos, o que se pretende é avaliar o nível de ensino ministrado a esses e, conseqüentemente, a competência de seus professores. Para efeitos de normalização, as prefeituras, os estados e a União desenvolvem uma série de diretrizes e descritores que deverão ser seguidos pelos docentes, a fim de alcançar os objetivos propostos pelos órgãos competentes.

Além da grande dificuldade se tentar mensurar o ato de educar e buscar homogeneizar o desigual (vide TARDIFF E LESSARD, 2005), tem a perda considerável da liberdade moral e intelectual docente, ou seja, de sua autonomia. Na esquizofrenia de se atingir metas e resultados estipulado pelas secretarias de educação, muitos professores se vêm acuados, perdidos e desestimulados, pois deixam de colocar em prática o que realmente acreditam. O que o estudo sinaliza é que tais práticas não consideram o conhecimento e a realidade de seus alunos, uma vez que essa se faz de forma não homogênea. Em um país continental e plural e com tanta desigualdade como o Brasil, é no mínimo ingênuo se pretender avaliar “desiguais” como “iguais”. Dentro desta situação, o docente tem o dilema de decidir entre ensinar para a vida, ou ensinar para a estatística. Isso, apenas para falar de uma das várias formas de intervenção à autonomia docente.

A pesquisa também analisa o conceito de “autonomia” em documentos como a LDB¹ e PNE², mas não percebemos a associação da “autonomia” relacionada aos “docentes”. Como se pode observar, apesar da importância da “autonomia docente”, esta não é citada em dois dos mais importantes documentos que deveriam representar os pilares da educação brasileira.

Mas este tema ainda tão atual já era uma preocupação nos anos 1960, demonstrada pelo então presidente João Goulart. Em seu discurso ao Congresso Nacional, intitulado Reformas de Base, ele deixa claro a importância da autonomia docente para o processo educativo:

Senhores Membros do Congresso Nacional: É também imperativa a reforma dos dispositivos constitucionais disciplinadores da educação nacional, a fim de ampliarem-se as garantias de liberdade do docente e redefinir-se o instituto da cátedra, retirando-lhe o caráter de domínio arbitrário e irresponsável de um campo do saber... Para esse efeito, sugiro seja estudada pelo Congresso Nacional a conveniência de integrar no texto constitucional os seguintes

princípios: - É assegurada ao professor de qualquer dos níveis de ensino plena liberdade docente no exercício do magistério. (Discurso proferido no Congresso Nacional em novembro de 1961).

A fala do presidente João Goulart evidencia a preocupação em garantir a liberdade nas práticas da profissão docente, seja por talvez intuir o que estava por vir. Mas se na década de 1960, esta chegou a ser uma preocupação do então presidente da república, com a queda de seu governo e a chegada do regime militar, a autonomia docente, além de perder apoio oficial, passou a ser vista como uma ameaça pelas forças no poder. O processo de diluição e esquecimento destas práticas mais democráticas, lamentavelmente, não foram retomadas.

Para alguns autores, como Arroyo (1985), a perda dessa autonomia começa com o que chama de “proletarização docente”, ou seja, quando o professor passa a ser assalariado, e precisa aceitar as intervenções feitas por aquele que lhe paga o salário (o Estado). Segundo Dias:

A literatura percorrida nos confirmou o que empiricamente suspeitávamos – hoje, cada vez mais está sendo tirada do professor a tarefa de decidir o que fazer. Na sala de aula – seu espaço de trabalho – encontra inúmeros empecilhos: o horário de 50 minutos, a chamada, o diário de classe – para falar nos instrumentos burocráticos que cercam a atividade docente. Do outro lado, ficam as “autoridades pedagógicas” grupo pequeno de tomadores de decisão por ele – é assim que os livros didáticos, os métodos de ensino, a liberdade ou não de se utilizar: laboratórios, biblioteca ou mesmo saídas a campo – são decisões que estão acima dele. E, por último, não podemos esquecer que o currículo, o objeto da ação docente que é ensinar algo a alguém, não depende dele e lhe é proposto a priori. (DIAS, 2001,p.23).

O fato é que hoje os professores têm pouco domínio sobre as ações educativas e pedagógicas. Uma série de intervenções dita o ritmo de sua prática: os livros didáticos que devem ser usados, mesmo que o docente discorde da linha adotada por esse ou aquele autor; as diretrizes e currículos indicados pelo Ministério da Educação e as secretaria de educação; os métodos; os sistemas; as apostilas confeccionadas por outros professores, com o objetivo de homogeneizar o ensino para que se atinjam melhores resultados estatísticos (como no IDEB). Tudo isso sem falar da perda de autoridade do professor em sala de aula e da forma infantilizada com que é tratado.

Ao que parece, estas ações visam garantir um maior controle sobre as ações docentes, a fim de que este não perca de vista os objetivos que pretendem ser alcançados pelos organismos reguladores (no caso das escolas públicas os governos municipais, estaduais e federal). Já com relação às particulares, seus mantenedores precisam garantir uma escola que apresente bons

resultado nos exames, não podendo confiar exclusivamente na formação destes professores e em sua competência.

O que nos levaria de volta à questão da formação de professores, cada vez mais uma formação em nível superior, mas que apresenta pouca prática de ensino. A formação oferecida nas licenciaturas não oferece uma base suficientemente forte para permitir aos futuros professores desenvolver um sentimento de segurança ao entrar em sala de aula pela primeira vez. O docente acaba por abrir mão de sua autonomia em favor das intervenções político – pedagógicas propostas, quase sempre voltadas para as aparências e não para a educação como prioridade e objetivo final.

Em Petroni (2008), encontramos a confirmação de tais afirmações:

[uma contribuição de importantes teóricos para] o campo da autonomia é a identificação de elementos que prejudicam seu desenvolvimento, como, por exemplo, a burocracia. Do mesmo modo, Souza (2005), ao observar relações existentes entre o Estado (representado pela Secretaria de Educação e Diretoria de Ensino – mandante), a coordenadora e as professora (agentes), os alunos (clientela) e as famílias (público), constata que a burocracia exerce importante papel na manutenção do poder em mãos de quem exerce o mando – no caso, o Estado – como resultado de uma relação pautada pelo mando- obediência, em que não há espaço para a expressão dos atores da escola. Impera a descrença do mandante nos agentes, dos pais na escola, e o sentimento de desresponsabilidade dos agentes com relação aos resultados obtidos pelos alunos. Nessa situação, prevalecem, na escola, relações que reproduzem o medo, a obediência, o desrespeito, e a falta de confiança (SOUZA, 2005), as quais permeiam o contexto interativo em que os sujeitos se constituem . Ao final de sua análise, assim como Gadotti (2004), Souza (2005) ressalta o quanto seria necessário dar crédito à educação, estabelecer uma relação de confiança entre o Estado, a escola, os alunos e as famílias (PETRONI, 2008, P.15).

Ao ir a campo em busca de fatos e dados para esta pesquisa, uma das evidências encontradas foi a singularidade local de cada micro realidade estudada e observada. Cada região, cada lugar, cada escola tem suas peculiaridades que devem ser levadas em conta em todo o processo educativo. O que talvez explique o fracasso frequente das diversas fórmulas de educação que se tentam implantar em diferentes núcleos educativos seja o fato dos especialistas não levarem em conta a realidade do lugar no qual seu projeto vai ser implantado. Não se pergunta aos docentes daquela determinada área, local ou região, quais seriam os ajustes que deveriam ser feitos, ou quais suas contribuições para o determinado projeto. Tem-se sempre a ilusão de que alguém que vem de fora terá a fórmula mágica para solucionar todos os problemas. O resultado quase sempre é o de tempo perdido, tanto para os professores, quanto para os alunos, para os quais o tempo é muito precioso.

A questão da autonomia docente vai muito além do simples fato de se dar ao professor o direito de ter suas escolhas, mas também o direito de ter seus erros, de aprender com eles e junto de seus alunos conseguirem construir a melhor forma de se aprender e se ensinar. Quando se tira do professor a autonomia, se tira junto a responsabilidade de conseguir o melhor do seu trabalho, uma vez que, não podendo mais opinar, este se vê no direito de não se responsabilizar por algo que foge ao seu controle. Outros, por perderem sua liberdade, resolvem que os alunos também não a terão, e dificilmente se aprende algo em um ambiente de repressão. Outros mais se dirão impedidos de criar e, acomodados, desiludidos, se tornam repetidores de conteúdo, sem se preocupar com o resultado final deste processo. Assim, todo o processo fica comprometido, e é preciso ter em vista o que se pretende deste processo.

Se tratar – se de formar sujeitos de sua própria autonomia (FREIRE, 2009,) neste cenário torna-se impossível, pois ninguém pode oferecer o que não possui (autonomia), ou seja, o poder de fazer suas escolhas. Mas muitos docentes e discentes optam mesmo pelo caminho da ausência: ausência de escolha, ausência de criação, ausência de liberdade, ausência de responsabilidade e etc., e preferem o caminho do “sucesso”, onde já encontram toda estrutura pronta e com fórmulas que já dão certo há muito tempo. Seu objetivo passa a ser formar não o sujeito de sua autonomia, mas o sujeito do sucesso comercial, aquele que será bem sucedido em sua vida profissional, pois este objetivo já lhe foi traçado a priori, ainda em seu berço, e os docentes que participam deste processo são os que vão lhe oferecer o que realmente precisam para tal objetivo.

O que preocupa é que este modelo está sendo utilizado em escolas públicas, mas não para garantir o sucesso das camadas populares da sociedade, e sim para assegurar o seu fracasso, garantido de forma perversa sua imobilidade social.

Logo a complexidade da discussão do tema, Autonomia Docente, é muito grande e como não é o foco principal de nosso trabalho, fica aqui um grito de alerta para que não nos deixemos levar pelas circunstâncias e nos acomodemos com tão grave problema, não só dos que trabalham na e para a educação, mas sim um problema antes de tudo político que afeta a toda sociedade. Com Freire encerro esta reflexão,

... o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros... (FREIRE, 2005, p. 59).

Cap. 3. MUITO PRAZER: AUSTIN E SUAS PROFESSORAS

Neste último capítulo, faço uma breve descrição do município de Nova Iguaçu e do bairro de Austin, com o objetivo de localizar o nosso estudo. São apresentados em seguida os resultados obtidos através dos sessenta e oito questionários aplicados em oito das dez escolas municipais de Austin. Duas escolas não puderam fazer parte da pesquisa porque uma ainda estava sendo inaugurada e outra se encontrava fechada para reformas.

O município de Nova Iguaçu situa-se na Baixada Fluminense, sendo um dos treze municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Possui cerca de 830.000 habitantes, com alta densidade demográfica concentrada nos centros urbanos. Com ligeiro predomínio da população feminina (51,5%), a maioria da população é formada por pretos e pardos (55%). A renda per capita é bastante baixa, de R\$ 237,50, e a colocação do município em relação ao ranking de desenvolvimento humano no estado é o de 45º lugar, apesar de seu PIB ser o sexto do Rio de Janeiro, da ordem de R\$ 9.771,98 per capita (ALEIXO, 2011).

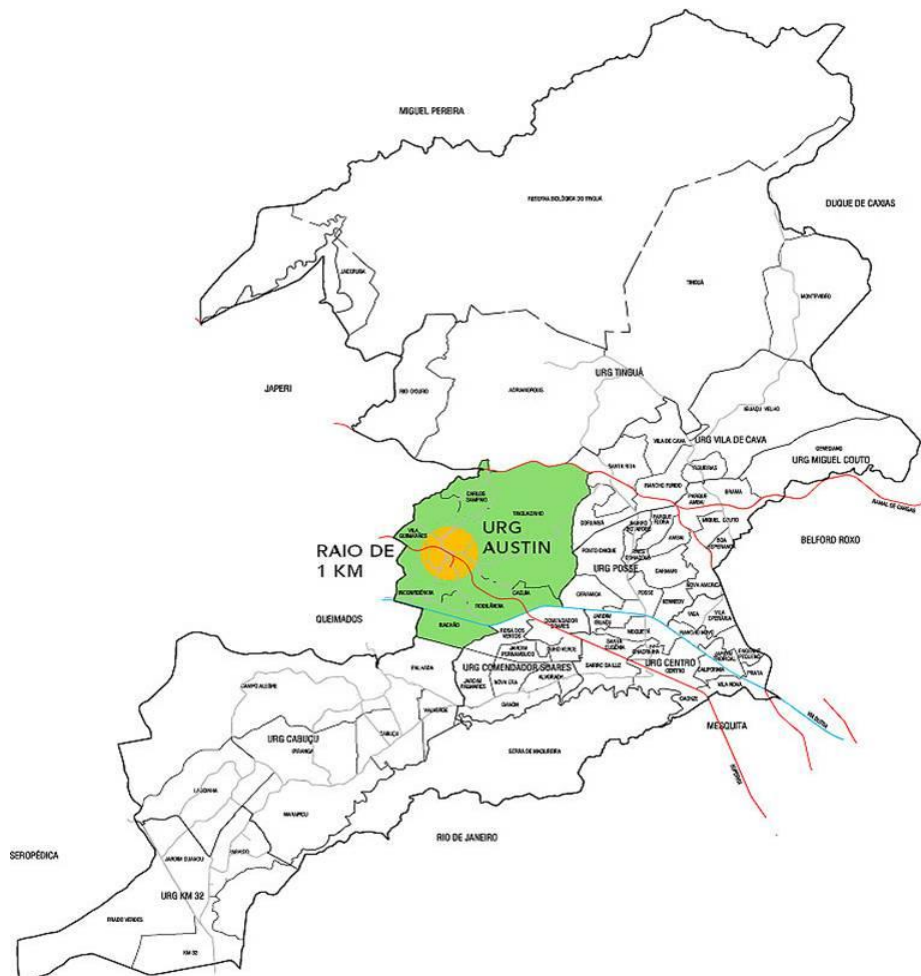
Na área da educação, existem 87 escolas estaduais e 107 municipais, com um índice de alfabetização da população acima de 10 anos da ordem de 93%. Há também quatro instituições universitárias em funcionamento no município. A população escolar das escolas municipais de 1º. ao 5º. ano engloba aproximadamente 40.000 alunos e 1.070 professores regente (ALEIXO, 2011).

Austin é um distrito do município de Nova Iguaçu e está localizado ao longo da linha férrea, no ramal de Japeri e à direita da via Dutra no sentido São Paulo, sendo a divisa dos municípios de Nova Iguaçu e Queimados. Sua economia é basicamente sustentada pelos moradores e comércio local, comércio este que se limita ao primeiro atendimento, sendo necessário aos moradores de Austin se deslocar para grandes centros em busca de comércio mais sofisticado. Podemos defini-lo como bairro dormitório, onde a grande maioria dos seus habitantes ganha a vida fora do local onde reside. A seguir, temos uma imagem de satélite, onde se vê o centro de Austin, a linha férrea que corta o bairro e sua periferia imediata.

Além do fato de ser periferia do Município de Nova Iguaçu, Austin tem como peculiaridade sua vocação para “urbano às avessas”, ou seja, ao mesmo tempo em que é um bairro dormitório, é um lugar onde os dias de descanso, são os dias em que as pessoas tiram para ir ao comércio, fazer suas atividades, irem aos locais de encontro. É como se o bairro estivesse sempre funcionando, sem descanso. Outra peculiaridade é o urbano convivendo com o rural, um centro urbano com

engarramentos, inclusive de motos e bicicletas, convivendo com cavalos e charretes. Ruas asfaltadas, ao lado de ruas sem calçamento e esgoto, ingredientes que fazem do bairro de Austin um lugar interessante e instigante. O frenesi da vida agitada e estressante do subúrbio com a calma e vagarosidade de cidade do interior, retratada nas memórias dos mais velhos, que na sua maioria, vieram de fora do estado do Rio de Janeiro, e mantendo seus costumes e sabedorias. Austin possui uma população em torno de pouco mais de 25.000 habitantes.

Algumas fotos do bairro e das escolas encontram-se nos anexos 3 e 4.



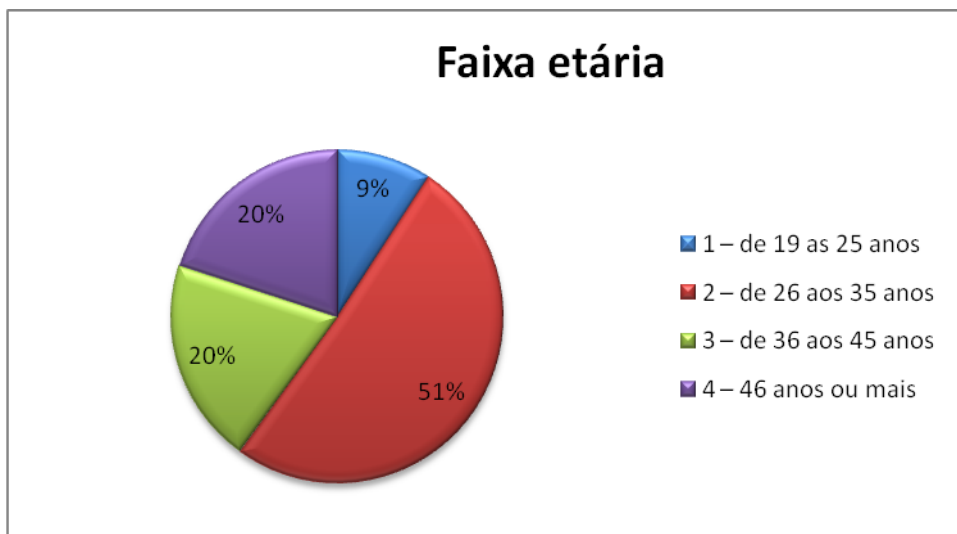
Fonte: Prefeitura de Nova Iguaçu, 2006

Na área do ensino fundamental, a cidade possui dez escolas municipais e algumas escolas privadas. Geograficamente, Austin fica mais distante do centro de Nova Iguaçu do que do centro de Queimados, o que faz com que as professoras de lá fiquem isoladas do centro administrativo da rede, dificultando a comunicação e também a formação continuada desses docentes. Como será apresentado nas entrevistas, a opção por trabalhar em Austin muito tem a ver com a facilidade de

seu deslocamento para o local de trabalho, o que torna o bairro peculiar em relação às demais regiões do município, por dificultar a acolhida de docentes vindos de mais longe.

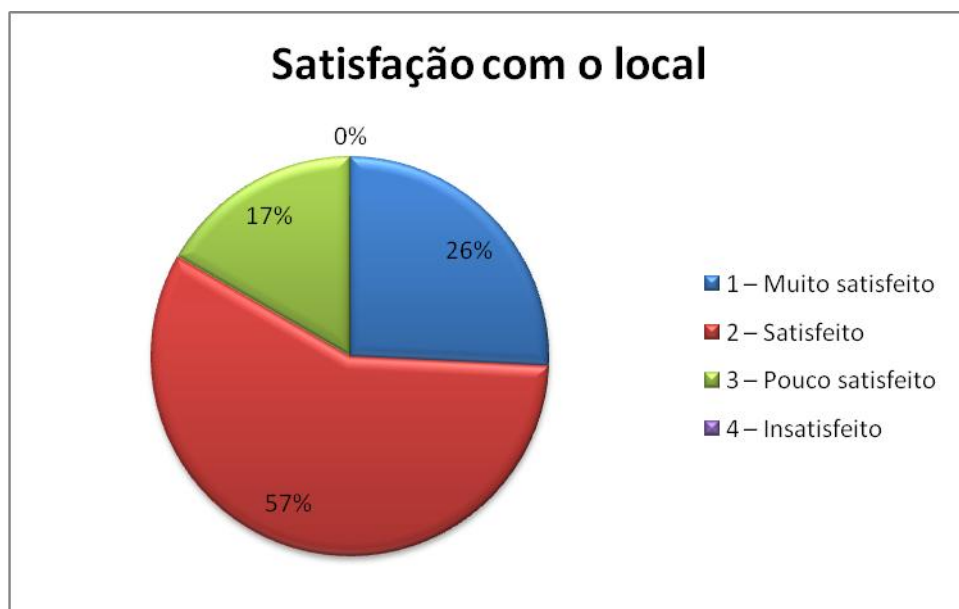
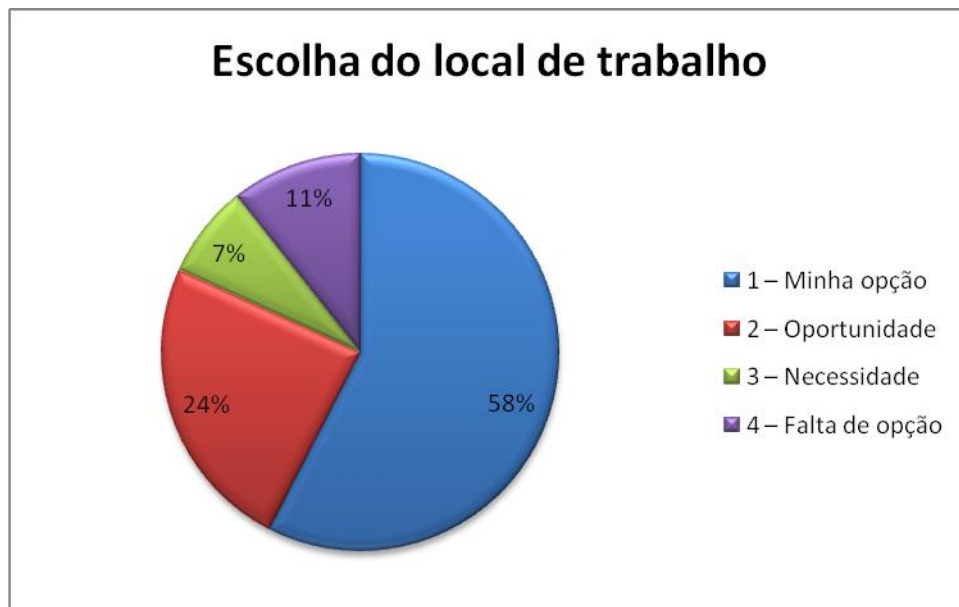
3.1. Primeiros resultados

A seguir, apresento os resultados preliminares dos questionários aplicados nas escolas municipais de Austin, relativos ao perfil e às condições de trabalho oferecidas no local. No total, foram aplicados 68 questionários (modelo em anexo), contendo 12 questões fechadas e 2 questões abertas. Abaixo, os resultados obtidos nessa fase inicial da pesquisa.



A pesquisa revela que 60% das docentes têm até 35 anos de idade, remetendo a um corpo docente relativamente jovem, o que vai ao encontro dos 67% de professoras com até 15 anos de

experiência no magistério verificado no gráfico seguinte. Os resultados nos levam a concluir que a maioria das professoras iniciou bem jovem na profissão, em torno dos 20 anos de idade, geralmente oriundas do curso Normal de formação de professores. No entanto, não significa que não tenham feito o nível superior em outro momento, conforme verificamos em conversas informais com algumas docentes, já que não constituía objeto de nossa análise.



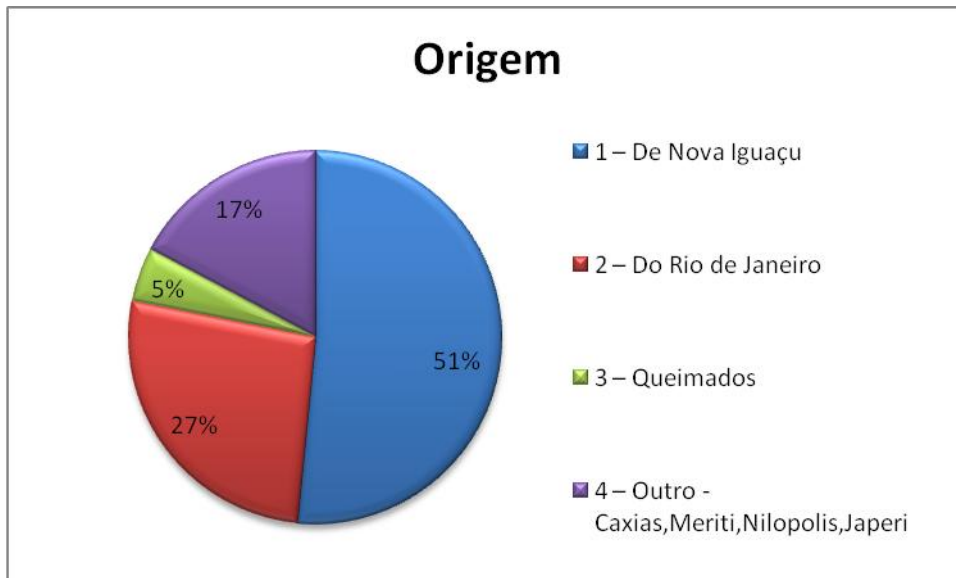
Com relação ao local de trabalho, temos o resultado esmagador de 83% das professoras satisfeitas com o local de trabalho, corroborando com o resultado de 82% entre professoras que escolheram onde trabalhar por opção ou por oportunidade. Tais resultados demonstram que no caso de Austin, a escolha do local de trabalho atendeu quase que plenamente às necessidades e anseios

das professoras. Esta questão, embora não constitua um problema primário, não pode ser descartada pois há uma diferença entre a satisfação com a localização geográfica (ligado ao deslocamento até o trabalho) e com a ambientação e harmonização no espaço de trabalho.

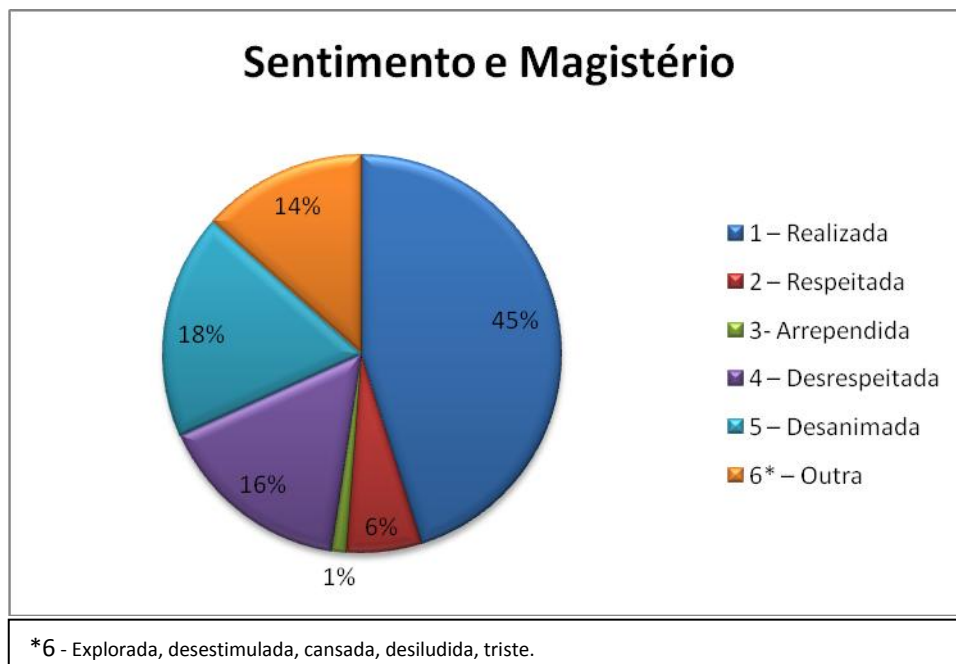
A questão local é sem dúvida um fator importante nas relações de trabalho e prática docente no caso estudado, assunto rico e discutido na contemporaneidade por diversos estudiosos, pois se trata de um fator fundamental no processo de construção da identidade do indivíduo, conforme desenvolvido no capítulo dois. A proximidade comunitária mostra-se muitas vezes um local de resistência às intervenções externas do mundo globalizado.



A escolha espontânea para trabalhar em Austin foi feita por 58% das professoras pesquisadas, o que é coerente com os 57% satisfeitas com o local de trabalho, e que vai ao encontro do resultado de 60% de professoras que mesmo tendo a opção de mudar de local, não sairiam do Bairro de Austin. Podemos perceber que fatores como começar jovem no magistério e o processo de aquisição de experiência na profissão, podem criar laços fortes com o local onde se escolhe para trabalhar. A identificação do profissional com sua profissão também necessita de sua identificação com seu ambiente de trabalho. Tais fatores fazem parte do processo de construção da identidade profissional, como nos mostrou Dubar (2005).



Também podemos verificar que a escolha do local de trabalho é coerente com o município de origem das professoras, uma vez que 68% pertencem a municípios da Baixada Fluminense. Devemos considerar que deste total, 51% são de Nova Iguaçu, município do Bairro de Austin onde se dá a pesquisa.

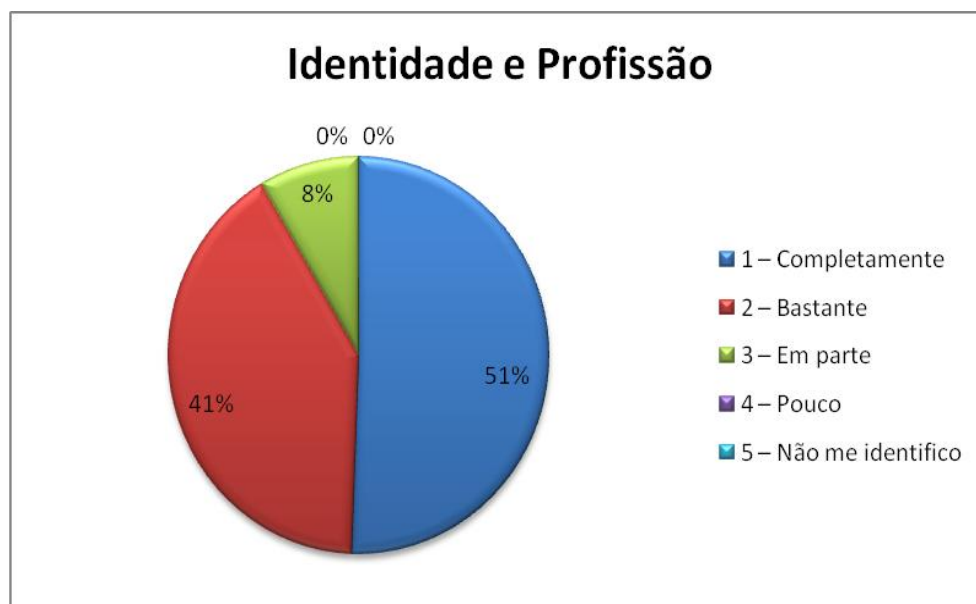


Quando entramos no campo delicado, subjetivo e individual do sentimento das professoras com relação à sua profissão (o magistério), temos uma cisão entre as opiniões das professoras de Austin. Enquanto 51% delas sentem-se realizadas e respeitadas, temos 34% com a sensação de desrespeito e desânimo, mais 1% de arrependidas e outros 14% que manifestaram-se de forma negativa, usando expressões como explorada, cansada, desiludida e triste com a atual situação em

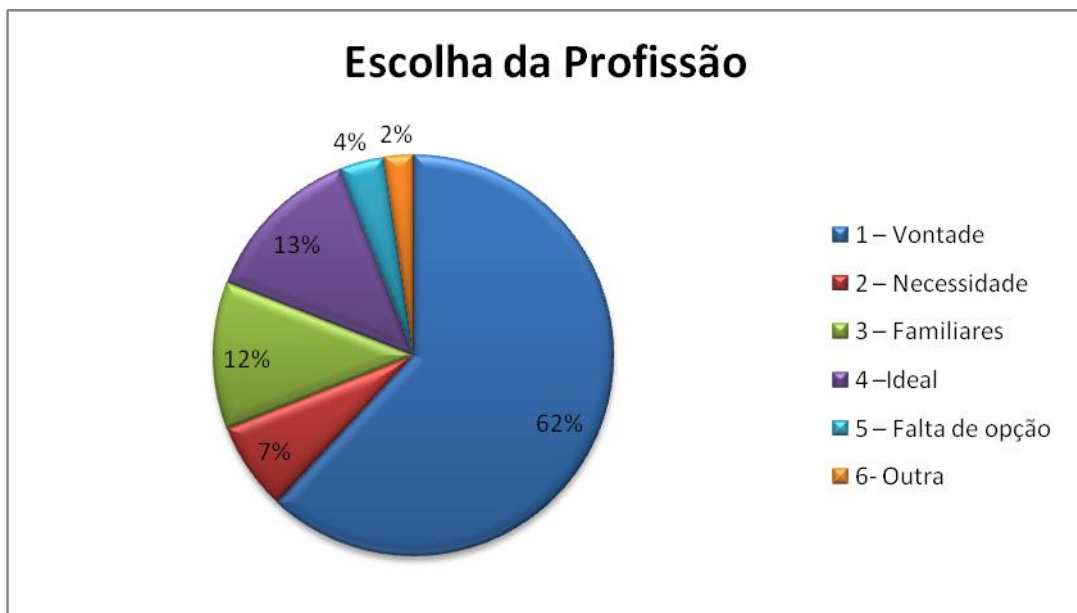
que se encontram frente ao cenário da educação dentro e fora de sala de aula. Assim teríamos, de forma geral um resultado bem apertado entre 51% que tem boas impressões da sua profissão e 49% que estão com uma impressão ruim da sua atual situação profissional. Esta cisão nos dá combustível pra uma investigação mais profunda, a fim de compreender até que ponto tais resultados podem interferir no dia a dia e na prática docente destas professoras, fator que abordamos nas entrevistas.



Mais intrigante fica esta investigação quando temos um resultado onde 71% das professoras afirmam que não mudariam de profissão. O que assinala que parte das professoras insatisfeitas, se encontram em uma posição paradxal, pois até que ponto tal decisão é tomada por amor à profissão ou por mero comodismo? Também interessou investigar esta questão ao longo das entrevistas.



Quando perguntadas sobre sua identificação (no sentido sentir-se indentificada) com a profissão em que atuam, a resposta foi positiva para 92% das professoras pesquisadas, o que pode levar a pensar nas insatisfações apontadas anteriormente como problemas cusados por fatores externos que interferem na prática docente. Porém, uma investigação mais profunda se faz necessária para clarificar tais questões.



Os 85% de respostas entre vontade e ideal, como os principais motivos que as levaram à escolha da profissão de professora do ensino fundamental, vai ao encontro dos resultados de 92% que se indentificam com a profissão, e os 71% que não mudariam de profissão. Esta autonomia na escolha da profissão é um fator fundamental para o professor, uma vez que se espera deste sujeito autonomia em suas decisões, numa profissão em que o papel de protagonista e coadjuvante é vivido e vivenciado de maneira alternada no processo de ensino e aprendizagem. Onde se espera e necessita, em vários momentos deste processo, de um sujeito atuante e proativo, com posições (mesmo que transitórias) coerentes, a fim de guiar e perceber o momento de ser guiado pelos seus alunos ou pares de profissão sem preciosismos ou constringimentos, mas ensinando e aprendendo a todo momento, como nos ensinou o mestre Paulo Freire.



Nesta questão, buscou-se saber o quanto as professoras tinham *empatia* pelo bairro de Austin e sua realidade, assim como a de seus moradores (alunos). Vemos que 26% destas professoras se sentem muito identificadas com tal realidade. Já 49% diz estar em parte interessadas ou preocupadas com a realidade deste bairro e de sua população. Mas para 25% das professoras, tal realidade não é um ponto relevante em seu cotidiano de trabalho. Portanto, uma investigação mais densa se faz necessária, para verificarmos até que ponto tal fator implica ou não em suas práticas de trabalho. Quero crer que a interação de um professor com a realidade de seus alunos é uma condição *sine qua non* para que o educador possa realizar plenamente suas funções.

A partir da análise das respostas aos questionários já foi possível traçar um perfil inicial do professor de ensino fundamental atuante na rede municipal de Austin. Em primeiro lugar, temos um corpo docente jovem, apesar de experiente. Ou seja, a maioria se iniciou na profissão bem jovem, em torno dos 20 anos de idade, logo após a conclusão do curso de formação de professores.

A maioria absoluta está satisfeita com o local de trabalho, tendo feito esta escolha por opção ou por oportunidade. Podemos concluir que esta escolha atendeu às necessidades e anseios dessas professoras, resultado bastante auspicioso pelas relações com o processo de construção da identidade do indivíduo implicadas.

A consequência imediata desse resultado é a opção por não trocar seu local de trabalho, evidenciando fortes laços com ele, o que reforça os laços profissionais e o próprio processo de construção da identidade profissional. Essa afirmação é corroborada pelo fato da maioria recusar uma mudança de profissão, apesar das insatisfações manifestadas por cerca de metade das respondentes. Como a maioria absoluta mostrou-se identificada com a profissão e levada a ela por vontade própria ou ideal, só podemos atribuir essas insatisfações a problemas externos.

Também consideramos esses resultados positivos, tendo em vista o papel ambivalente – ao mesmo tempo de protagonista e de coadjuvante – assumido pelo profissional da educação no exercício de suas tarefas cotidianas, demandando coerência e autenticidade. Podemos ressaltar ainda que a empatia pelo bairro foi manifestada por 75% dos respondentes, deixando apenas 25% na categoria de pouco interessada pela realidade local.

A seguir, analisamos na próxima seção, de forma mais aprofundada, o conteúdo dos dados coletados junto aos sujeitos da pesquisa.

3.2. A identidade profissional das professoras de Austin e sua relação com a localidade

A fase seguinte foi a de realização de entrevistas, no total foram realizadas catorze entrevistas gravadas e posteriormente transcritas. As entrevistas foram realizadas com participação espontânea das professoras presentes na escola no dia da visita. Como nem sempre havia alguém disposto a participar, em algumas escolas não foram realizadas entrevistas, somente questionários. Estiveram nesse caso duas das dez escolas pesquisadas.

A riqueza de dados obtida foi enorme e demandou a escolha das categorias surgidas com maior frequência para fins de análise nesta dissertação. Para levantamento dessas frequências foi utilizado o software NVIVO. Foram escolhidas cinco palavras/ideias mais destacadas pelos professores: a gente, com 661 ocorrências; escola/sala de aula, com 652 ocorrências; professor/professora, com 569 ocorrências; trabalho/profissão/magistério, com 438 ocorrências; realidade/ precário/ difícil/ material/ falta, com 364; lugar/ Austin/ bairro, com 279.

3.2.1. A categoria que surge com maior frequência resume-se à expressão “a gente”, que saltou aos olhos logo nas primeiras leituras das transcrições. Analisamos expressão com referência ao que Thompson (1987) descreve como classe na pós-modernidade: grupo de pessoas possuidoras de interesses comuns e relacionado às condições de produção, caracterizado pela identidade entre seus membros, refletindo determinada consciência de classe. Exemplos:

O que não me agrada, muitas coisas também... olha, não me agrada, a estrutura governamental que acaba tirando da gente muito do que a gente pode fazer.

...você tem a lei do ciclo.... isso é empurrado porque tá em moda, tá no top, é colocado pra gente de uma maneira totalmente deturpada e ... a gente tem que aceitar tem que fazer e se adaptar...

Acho que o que mais agrada, principalmente quando a gente trabalha nesse 1º segmento, (é) quando a gente observa ali no dia a dia da evolução do

aluno, quando a gente percebe que às vezes aquele aluno chega pra gente assim como se fosse uma pedra bruta, e que a gente começa ali trabalhar nele, que a gente começa a perceber que tá ficando polido...

A gente teve um plano de carreira aprovado no ano passado...

Como se pode perceber nas palavras das professoras, quando elas usam a expressão “a gente” elas estão se referindo à categoria de docente do 1º segmento, ou seja, a um grupo profissional específico que representa uma classe ou uma parcela de uma classe social, com interesses e identidade comuns. Devido à frequência com que a categoria surge nos textos de todas as entrevistas, podemos inferir que se trata de uma ideia consolidada e comum ao grupo pesquisado. Possivelmente ela estaria presente em outros grupos semelhantes, que fogem ao escopo da nossa pesquisa.

Não foram incluídas nessa categoria as alusões a nós, nossa, nosso, as quais aparecem com menor frequência ao longo do texto.

3.2.2. Uma outra categoria a seguir, se relaciona à anterior, trata-se do conjunto de referências a professor, professora, que aparece em terceiro lugar no total. Os exemplos citados abaixo remetem a algumas características da identidade propostas por Castells, Dubar e Bauman. Castells (2008) considera identidade de resistência aquela construída por grupos em situação desvalorizada pela lógica da dominação. Como exemplos de identidade de resistência conforme teorizado por Castells, poderíamos citar as seguintes falas:

...A sociedade sabe do valor que o professor tem, só que eles não estão dando esse valor, há uma acomodação da sociedade, isso acabou com a educação...

...que um professor é tão capacitado quanto um juiz, um engenheiro, um advogado e deveria ganhar tão bem quanto e não [ocorre]...

Já como exemplos de identidade visada descrita por Dubar (2005), aquela a qual o indivíduo almeja alcançar, destacamos:

...mas então o que me levou a ser professora, foi a opção e a vontade porque, pelo que as outras pessoas falam e tudo, a gente não é professor, a gente acaba não optando por essa carreira...

Dubar (2005) cita ainda a identidade herdada, que ocorre quando o sujeito sofre grande influência familiar na escolha da profissão:

...eu fui levada a ser professora por aquela sugestão de mãe na infância: minha mãe sempre dizia pra mim, você vai ser professora porque era uma profissão relativamente mais fácil, a formação era em pouco tempo...

...eu tenho sobrinhas já professoras e tudo...

Quanto à identidade incorporada descrita por Dubar (2005), como aquela assumida pelo indivíduo, temos algumas falas:

...a professora é a segunda mãe...

..como eu falei, pra mim não foi uma escolha, foi algo que aconteceu na minha vida e eu fui me tornando professora...

Outras apresentam alguma semelhança com a comunidade de destino de Bauman, a qual resultaria da escolha individual:

...depois que eu comecei a fazer a faculdade é que eu fui, vamos dizer assim, moldando mesmo, me identificando como professora...

...no Instituto de Educação de Nova Iguaçu foi que eu percebi mesmo o que era ser uma professora...

...eu pensei de ser bibliotecária, só que as coisas foram direcionando pra área do magistério, e fui unindo uma coisa com a outra, gostava de ler, sempre gostei muito de estudar, e me direcionou depois com a faculdade meio que foi me lapidando como professora.

Já o conceito de identidade atribuída proposto por Dubar (2005), que é imposta ou sugerida ao indivíduo, pode ser encontrado em algumas das falas das professoras:

Professor ainda é visto como aquele que não pode se divertir, as pessoas acham um absurdo ver o professor num bar tomando um refrigerante ou ta conversando, ainda tem muito isso aqui com relação ao professor

...então a rede foi percebendo que precisava de professores alfabetizadores...

...o cara te conhece não porque ele tem filho, ou alguma coisa assim, mas porque ele sabe que você é professora, então você já é conhecida por isso...

3.2.3. A categoria que obteve o segundo maior número de ocorrências foi escola e sala de aula. Para falar dela recorreremos a Tardif e Lessard (2005), valendo-nos de alguns conceitos trabalhados por estes autores. Por exemplo, o fato do trabalho docente se caracterizar pela consumação e produção simultâneas, confundindo trabalhador e resultado do trabalho. Por outro lado, argumentam que o próprio produto da docência é intangível, difícil de ser medido ou avaliado, daí a grande preocupação do professor com a falta de estrutura física e material, comum às escolas públicas.

...a escola muitas das vezes não tem estrutura...

Acho que as escolas, as estruturas não são suficientes até para a demanda que a gente tem...

...então você não tem uma sala ventilada, você tem grande quantitativo de aluno na sala, é, uma sala pequena, muitas vezes falta tudo, falta material, falta de carteira... eu compro tudo, compro minha recarga, compro as canetas que eu quero e isso me atrapalha muito, a falta de materiais, essa legislação que é empurrada de goela a baixo.

... até outras [escolas em] que eu já dobrei que é assim, material é da gente, se a gente quiser fazer um trabalho assim diversificado, eu tenho que comprar do meu bolso

Como Tardif e Lesard (2005) assinalam, o trabalho docente se confunde com seu resultado, no entanto como esperar ou cobrar bons resultados se as condições básicas de trabalho não são dadas, para que o docente se sinta pleno em realizá-lo? Não proporcionar as condições mínimas de trabalho ao professor é comparável a pedir a um cirurgião que faça seu trabalho sem instrumentos. Com certeza este conjunto de “faltas” prejudicam o resultado final do processo de ensino.

...a gente não tem isso disponibilizado pela escola. Muitas vezes eu já fui a papelaria comprar mapa porque eu precisava trabalhar região, né, a divisão política no Brasil... não tem, e isso é o essencial dentro da sala de aula quando se está trabalhando com alfabetização...

Outro aspecto ressaltado pelos autores diz respeito a questões de prestígio e acesso a conhecimentos (TARDIF e LESSARD, 2005, p.210). Os professores têm pouco controle sobre esse aspecto de seu trabalho, transformando-se em meros executores e transmissores de conhecimentos e valores. Mas nem por isso demonstram desejo de executar outro tipo de trabalho.

...eu já estive fora da sala de aula pela educação especial, mas senti a falta da sala de aula, resolvi retornar e não quero mais sair, não quero outra função que não seja a sala de aula entendeu, é uma escolha mesmo...

... eu fiz mestrado em educação e recebi convites pra trabalhar em universidades, entendeu? E eu não considero sala de aula. Só o primeiro segmento é que mais me encanta e me sinto muito feliz, muito feliz mesmo com o trabalho que desenvolvo aqui...

...mudar a realidade das pessoas, não tem lugar melhor pra isso do que a sala de aula do que a escola, é aqui que vai se decidir, quem é que vai quem é que não vai, é o meu trabalho que vai decidir isso...

... quando eu comecei a construir a minha identidade como professor, eu comecei a perceber a dimensão do meu trabalho e o quanto eu me dedico para que eu faça de uma forma eficaz e com coerência

...a parte mais significativa de ser professora e lidar com o humano

3.2.4. A categoria quatro remete a trabalho, profissão, magistério, autonomia. Outra vez recorremos a Tardiff e Lessard (2005:208) quando falam da distância ente os programas e sua

realização concreta em sala de aula: os professores precisam estar continuamente interpretando e adaptando os programas à sua realidade cotidiana.

...de certa forma o professor trabalha da forma e com os métodos e as práticas que ele acha que vai dar resultado, e de certa forma essa autonomia ela é cobrada, por parte da orientação, coordenação que é cobrada, traga do professor uma resposta, um resultado...

Toda a dificuldade que envolve ser professor na sociedade de hoje, umas das grandes questões, é o descaso que a gente vive, com relação às políticas públicas, sempre dizem que a gente pode trabalhar do jeito que a gente quer, mas no fundo isso não é verdade, você tá sempre vigiado...

...você entra numa sala de aula, você tá ali com seus objetivos, seu planejamento, tenta atingir aquelas metas e você vê que você está sozinho...

Essas imposições acabam gerando uma tensão entre os aspectos fixos, burocráticos, e a autonomia dos professores na execução de suas tarefas (Id.,ibid.)

...e você acaba percebendo dentro da sala de aula o quanto importante é a política pro seu ato de trabalhar, então hoje eu percebo, dentro da minha sala de aula, eu dou aula preocupada com isso...

...esse tipo de coisa alguém chegar pra mim e dizer faça assim, e assado, pra mim não rola, eu acho que essa autonomia eu tenho que ter, eu não sou dessas pessoas que acham que eu tenho que fazer o que eu quiser, eu acho que a gente tem que ter uma base comum...

...qual é o objetivo da escola: é esse. Dentro disso o quê que eu, na minha sala de aula, a partir daquilo que eu aprendi, daquilo que eu sei fazer, e, da relação que eu tenho com meu aluno, eu vou desenvolver com ele?

Eu percebo que muitas vezes há uma idéia muito deturpada em relação a nossa profissão, eu percebo isso quando eu vejo jornal, quando eu vejo um repórter, um noticiário uma coisa...

É fácil identificar nas falas proferidas pelas professoras durante as entrevistas, a tensão (Tardif e Lessard) causada por essa sensação de aprisionamento causado pela burocratização e hierarquização da educação, que as faz sentir impotentes com relação ao educar. Ao mesmo tempo em que observamos um sentimento de descobrimento, de fazer o que gosta, de estar onde quer estar. São características que encontramos neste grupo estudado que as torna peculiar e ao mesmo tempo similar a outros da classe. Existe uma angustia latente nessas falas, que demonstram como as relações de poder diretas e indiretas, interferem diretamente nas práticas e no cotidiano escolar. O processo de esvaziamento da autonomia docente vem aumentando sistematicamente. Implantado pelas autoridades educacionais que muito se ocupam com números e resultados imediatos, e pouco se preocupam com os objetivos e as perdas pedagógicas que se acentua.

...Hoje em dia atuando vendo atual situação do ensino no país, do magistério, de um modo geral, algumas vezes me bateu sim, um certo arrependimento...

...profissão do magistério em modo geral, falando em números, parte salarial, ela é muito diversificada, cada prefeitura paga um determinado valor, algumas valorizam mais outras menos, acaba o professor ter que se desdobrar em 1, 2, 3, matriculas, pra que ele consiga obter algumas coisas...

...depois de casada eu falei, não é isso que quero, vou fazer normal, fiz o normal e segui realmente, é essa profissão que eu quero, que me identifico...

...será que ele vai se sentir bem dentro de uma turma que ele tá vendo que os colegas tão acompanhando o ritmo do trabalho, porque é claro tem que ter um trabalho diversificado, você não tem homogenia é lógico é claro e evidente isso...

...então essa relação me agrada muito eu gosto muito acho que cresço todo dia no trabalho com criança.

...e a gente elenca aí o seu currículo mínimo, pra que todo mundo, a partir dele desenvolva o seu próprio trabalho, mas bem da verdade essa liberdade de trabalho ela não existe...

...a gente tem autonomia, mas é como eu te falei, não é total é parcial né, existem determinações que vem lá de cima que tem que acatar, programas que a gente tem que realizar...

...é muito difícil de dizer que você tem liberdade, a liberdade não existe a partir do momento que você tá impedida por vario fatores da própria escola.

3.2.5. A categoria seguinte, relacionada à realidade, ao difícil, dificuldade, precário, é quase uma extensão da categoria anterior. Temos inicialmente um grupo de falas relacionado à falta de preparo para lidar com a realidade local:

[capacitação] Em algumas redes até oferecem, nas que eu atuo atualmente oferece, mas é muito pouco, muito aquém do que deveria ser, do que a realidade exige da gente...

A maioria das palestras está completamente fora da realidade.

...essas palestras [organizadas pela secretaria de educação] tinham que ser dentro da realidade, eles não conseguem chegar no que acontecem dentro da sala de aula...

...aí eu sugeri, nossa, vamos montar um grupo desses profissionais, e eles passam a experiência deles porque é uma experiência real, é dentro da nossa comunidade é na nossa realidade...

Outra dificuldade apontada é a necessidade de conhecer a realidade, tarefa difícil, já que cada local apresenta a sua.

...sem dúvida é muito importante, a gente precisa conhecer a nossa realidade pra tá trabalhando inclusive dentro da realidade deles né, porque não tem como trabalhar fora da realidade, até porque eles não vão entender nada e vai dar aquele ponto de interrogação, mas o que ela tá falando?

...você precisa conhecer essa realidade, não cometer erros que eu ainda cometo apesar de tanto tempo, apesar de tanta vivência...

...na verdade, primordial, se a gente não conhece a realidade em que o nosso aluno vive, a gente não desenvolve nele as potencialidades que ele tem pra desenvolver...

A maioria vive uma realidade precária...

...o que é difícil até para as pessoas que moram aqui, porque às vezes vão na minha casa me perguntar as coisas...

Algumas professoras definem essa dificuldade de modo difuso:

... a gente teve que fazer o movimento assim, muito longo, um caminho difícil até conseguirmos essa assistência...

...é tudo assim muito complicado muito difícil...

Apesar de todas as dificuldades, tudo que existe, quando a gente enfrenta algumas situações, a gente se pergunta se vale a pena...

Para outras, a dificuldade é relacionada a questões de políticas públicas e até mesmo à política interna das secretarias de educação:

Toda a dificuldade que envolve ser professor na sociedade de hoje, umas das grandes questões, é o descaso que a gente vive, com relação às políticas públicas...

...porque a secretaria de obras aqui em Nova Iguaçu, atua de forma muito precária, a escola esta muito tempo precisando de uma pintura, reforma...

...então assim, eu vejo com muita tristeza a situação, as escolas estão precárias demais...

...é precário entendeu, a gente tem salas que já foi dada pela defesa civil como: uma sala que deveria ser fechada e permanece em aula...

Outro tipo de dificuldade apontado se refere às condições de vida da população, gerando dificuldades de aprendizagem.

...porque eu consigo entender que aquela dificuldade de aprendizagem é fruto de N coisas que ocorrem na vida dela...

...pra mim é prazeroso, quando eu vejo uma criança que chega na sala de aula, como no início do ano, com grande dificuldade e assim num processo mesmo, e vejo já ,o objetivo sendo alcançado...

...a estrutura das escolas que é muito ruim, é muito precária, a falta do material...

...ela mandou comprar uma copiadora, auxiliou bastante no trabalho das meninas, mas as instalações aqui da escola são precárias...

...eu não pude separar por disciplina porque não tem caderno, tem que usar um caderno só pra tudo, porque não tem ,então assim, é muito insuficiente muito precário né, essa questão do material.

Um dos fatores que mais surpreendeu durante essa pesquisa foi poder observar como mesmo enfrentando tantos obstáculos, muitas dessas professoras conseguem cumprir sua missão de alfabetizar, levar o aprendizado, o conhecimento que teima em se fazer presente neste cenário tão árido e hostil. A sensação de isolamento é muito grande e permeia a construção da identidade destes docentes que parecem mais fortes por que mais necessitados de tal força, teimosia, persistência e esperança.

Como é que eu vou trabalhar com meus alunos, uma consciência política pra que eles no futuro não aceitem calados e quietos todos os desmandos que tem acontecido na política, só que isso ao mesmo tempo é muito difícil porque se eu acabei de dizer pra você que eu não tenho material pra trabalhar, aí a gente não fala nada disso.

...então o que eu pude perceber é que o professor quando ele investe na sua formação e quando eles lêem, estudam e entende o cotidiano, ele se torna uma pessoa extremamente... é, culta, bem informada, tem valor de pensamento diferente dos outros, enxerga a realidade de outra maneira, porque as outras profissões são muito fechadas.

3.2.6. Neste item procuramos estabelecer a relação das professoras entrevistadas com o lugar/território, no caso, o bairro de Austin e sua relação de identidade. Para realizá-la nos valem das contribuições de Souza (1995), Claval (1994) Bauman (2005), Haesbaert (2001), Bhabha (2001) e Santos (2004), pinçando conceitos de suas vastas obras.

Para melhor embasar nossas reflexões vamos até a Geografia, quando elucidando alguns conceitos, Souza (1995) nos fala de como são tímidas as manifestações acadêmicas que procuram demonstrar a indissociabilidade existente entre identidade e lugar. O território (lugar) vai criando vínculos fortes e marcantes nos indivíduos e assim formando sua identidade:

Eu gosto do lugar, eu acho quando você pega um certo tempo num lugar, então aquilo acaba sendo ate a extensão da sua casa

Eu percebo que é um lugar que ainda não tem uns problemas que a gente vê no Rio

Eu já trabalhei em alguns lugares que a gente acaba aprendendo que cada um tem sua especificidade, você tem que atender

Olha, em relação ao lugar que eu morava aqui é um paraíso.

Acho que Austin é um lugar bem pobre, carente...

Aqui a gente tem uma relação boa, a gente tem uma comunidade que trabalha com a gente tem uma comunidade que tá junto da escola, e que vem tá criando essa relação com a gente, eu tenho uma boa relação aqui, os pais me conhecem, eu conheço o local eu conheço em volta daqui a escola onde eu trabalho é uma escola boa...

Eu acho que por que eu tive também uma infância muito pobre. Por isso que eu entendo eles, por isso que eu me identifico com esse lugar, porque minha infância foi restrita com muita dificuldade.

Desta forma, entendendo que território nada mais é que o lugar ou local em que ocupamos por diversos motivos, trata-se assim de uma marca daquele grupo, sua identidade perpassando pelo lugar onde convive sócio culturalmente. Souza nos fala de uma identidade construída pelo tempo no espaço (que é o território), uma identidade territorial, que é formadora de uma sociedade, de um espaço e de toda sorte de relações ali imbricadas.

Claval (1999) demonstra como a construção da identidade é indissociável da relação com o lugar onde um sem número de vivências se dá. O apego a que ele se refere surge nas falas de maneira sutil ou explícita, mostrando o grau de pertencimento que aquele indivíduo nutre pelo Lugar. Assim como na nossa pesquisa, as relações das professoras com seu local de trabalho e com o Lugar Austin. As influências sofridas por essas relações serão refletidas e sentidas em suas práticas de ensino.

O meu bairro, é um bairro como todos de grande parte da baixada fluminense, a gente tem pouco investimento. É um bairro ainda que tem muita pobreza, tem miséria, que as casas aqui, elas foram sendo construídas de acordo com as pessoas foram chegando e tomando os espaços, e o bairro foi crescendo meio que com as próprias pernas, e nunca se teve assim, uma visão política, nunca teve um planejamento político pro bairro, nunca existiu isso...

uma das áreas mas pobres do bairro, o bairro é um bairro pobre mas essa área específica da escola José Luiz da Silva é uma área abandonada, você percebe que as famílias são muito humildes você percebe que não tem uma perspectiva de vida.

É uma relação emocional mesmo, assim, eu poderia ter escolhido até mesmo morar em outro lugar quando eu me casei. Eu optei a vir morar, primeiro porque tá perto das pessoas que eu amo e segundo porque eu queria, eu tenho um sonho desse bairro evoluir sabe...

...eu nunca penso em outro lugar que não seja o lugar em que eu moro, onde eu vivo que eu quero que evolua. Então eu tenho isso dentro de mim, se é pra eu trabalhar se é pra eu fazer esse trabalho específico com crianças de classes populares que seja no meu bairro...

Ah, eu gosto, eu acho assim que ainda deixa muito a desejar, mas acho que mudou muito em relação a época que eu era criança, nossa, meus tios contam que quando meu avô veio pra cá não tinha nada, nem luz, a luz era lamparina a querosene...

Com Bauman e suas reflexões acerca de identidade, somos capazes de identificar os dois tipos por ele apontados nas falas das professoras. Há aquelas que claramente pertencem as “comunidades de vida”, que se sentem pertencendo ao lugar por nele nascidas. Porém as que seriam de “comunidades de destino”, onde as relações se fortaleceram com a empatia, com a identificação a realidade do lugar, ao ideal de vida, aos princípios, são mais representativas em nossa amostra.

Quando me refiro às crianças: são as minhas crianças, os nossos vizinhos, os meus vizinhos, filhos dos meus amigos né, a gente conhece as pessoas daqui, então eu tenho muito carinho por esse lugar e conhecer a vida deles faz toda a diferença porque é você tá planejando você sabe...

O que demonstra mais uma vez que a pertença tem a ver com o quanto a pessoa se identifica com o conjunto, o cenário de realidade e relações vividas em um determinado lugar/território. E como Bauman no fala, essa identidade é algo que se inventa e reinventa, através das relações e por isso é algo inacabado e incluso, assim como o sujeito, e que será constantemente criada e recriada (Bauman, 2005).

Não iria pra um lugar totalmente estranho, num outro contexto. Eu conheço bem a área, e hoje em dia tem alunos meus que já são pais, mães então quer dizer é um ambiente acolhedor.

Austin é um lugar meio esquecidinho, acho que precisava assim de políticos que atentassem mais pra cá, o centro de Austin não muda há anos, nossa sábado fui lá, ah meu Deus do céu é a mesma passarela é o mesmo comercio a mesma disposição dos vendedores ambulantes...

...mas eu tô bem, tenho amigos aqui, conheço bem o lugar ...

De Haesbaert (2005), pegamos a noção do lugar como um fundamental instrumento de criação das relações sociais, que se apropriam simbolicamente do lugar de maneira tão intensa, que tornam o lugar um dos maiores produtores de identidade. Assim teríamos esclarecido as falas de professoras que deixam claro sua preferência pelo lugar onde trabalham, e mais uma vez a prática será influenciada pela identidade formada e/ou em formação, já que inacabada.

...é um lugar muito bom de trabalhar tranquilo, a classe que tenho pegado, os alunos que tenho trabalhado, inclusive essa turma assim, eu to acompanhando já há três anos eu nunca fiz isso to fazendo porque é uma turma muito especial pra mim...

...eu gosto desse ambiente, o cheiro do lugar, eu gosto, gosto demais, agora as condições as quais eu vejo os meus alunos, nos arredores. Moram nas piores condições possíveis e eu pude comprovar... eu visito meus alunos eu conheço um pouco da realidade deles sabe, então nesse aspecto não é nada agradável, não é agradável mesmo. As valas a céu aberto, as casas numa condição higiênica que são as piores que você possa imaginar...

...se você fala do lugar em tudo que o lugar tem é diferente, entendeu? Então Austin pra mim é minha casa, é minha segunda casa, tenho minha casa lá que eu gosto daqui tem um significado afetivo pra mim...

...eu tenho muito carinho com a comunidade eu gosto daqui apesar de tudo isso que eu falei eu gosto daqui me recebeu muito bem...

Austin é para nós um “interstício”, um “entre – lugar”, uma fronteira onde se dão as experiências das diferenças (BHABHA, 2001) e as negociações dos valores. Onde as realidades se aproximam e se repelem em um confronto contínuo, pois o que é externo tenta penetrar, e o interno tenta prevalecer. A realidade próxima é aludida pela fantasia que vem de longe. Assim Santos (2004) e Bhabha (2001) dialogam sobre essa negociação onde um chama de “entre –lugares e intertícios” o outro chama de “verticalidade e horizontalidades”, mas o lugar e a questão local permanece no centro das discussões.

Ahn, como assim a minha relação? Só venho aqui em Austin só pra trabalhar, não tenho nenhuma relação com esse lugar, mas esse lugar pra mim ele tem importância no sentido de que ele faz parte de um todo chamado Baixada Fluminense, né? Nesse sentido esse lugar pra mim ele é muito importante porque, nesse lugar moram estas pessoas com realidades parecidas, que dirá, igual à realidade do local onde eu moro...

Desta forma a investigação revela que apesar das dificuldades e contradições vividas no lugar (Austin), suas professoras optaram por continuar nessa negociação a que nos remete Bhabha (2001), uma vez que tais sujeitos se querem autônomos para continuar neste lugar de encontro das diferenças, confrontando as verticalidades de fora e de longe na horizontalidade local (Santos, 2004), até quando lhes pareça preciso ou conveniente, pois como sujeitos inacabados, inacabadas e imprecisas serão suas decisões e suas identificações, ou melhor, identidade com o lugar, ou Austin. E da mesma forma, suas praticas, sofreram, sofrem e sofrerão mudanças, visto que a identidade é constantemente construída e reconstruída.

...como é que eu vou trabalhar com meus alunos, uma consciência política pra que eles no futuro não aceitem calados e quietos todos os desmandos que tem acontecido na política, só que isso ao mesmo tempo é muito difícil porque se eu acabei de dizer pra você que eu não tenho material pra trabalhar, aí a gente não fala nada disso...

...você também nota que Austin esta crescendo, populacionalmente falando. Austin é um bairro que esta crescendo, que tem um fluxo hoje de veículo muito maior. Falei que fica engarrafado em Austin?! Que é um absurdo aquilo! E é uma coisa tão estranha passa moto, carro, carroça, cavalo, cabrito, na mesma rua além dos pedestres e a gente convive com essas coisas, dá não urbanização e dá urbanização, ao mesmo tempo né...

...eu já me enfiei em tudo que foi buraco daquele lugar, eu acho que eu tenho uma boa relação com aquele lugar.

Eu acredito que eu tenho uma boa relação com Austin. Eu sou conhecida, as pessoas sabem quem sou eu. Eu passo na rua encontro ex-alunos. Já tive a felicidade de escutar assim ah: essa é a K vai ser professora do fulano, uau, que bom ela vai ser professora do fulano...

A, é um bairro bem simples né ainda não oferece nenhum tipo de lazer o comércio é bastante limitado, é as condições também são muito limitadas é um bairro que eu acho que em nível de espaço físico não tem muito que crescer né é bem limitado.

...eu acho que é um lugar muito carente, que precisar se receber um incentivo né, porque a prefeitura tem muito dinheiro, mas a gente vê que Austin é um lugar muito esquecido.

Ah, olha, é um leque de realidade né você vê assim, mais próximo do centro você tem uma clientela, uma realidade, então a pessoa tem que ter um pouco mais de recurso, e nos cantões é tudo bem mais precário... nesse bairro que eu trabalhei 12 anos, lá no Tinguazinho [sub bairro de Austin], nossa lá a gente contava nos dedos as crianças que tinham assistência da família, porque na grande maioria eram pessoas assim muito pobres sabe...

Ao final dessa pesquisa, algumas outras categorias surgiram, porém com número muito menos significativo de ocorrências. Deste modo, não foram consideradas ou foram agrupadas em outras categorias. Por outro lado, procuramos analisar as categorias de forma a fornecer respostas às questões de pesquisa, seguindo o objetivo proposto no início do trabalho. A seguir, apresentamos as conclusões provisórias, visto que ainda restaria muito mais para ser analisado devido ao grande e rico material coletado. Mas esta tarefa demandaria mais tempo do que o espaço de um curso de mestrado. Esse material encontra-se em anexo, na intenção de abrir portas para que outros pesquisadores possam utilizá-lo.

CONCLUINDO...

“os homens não deixam de fabricar um guarda-sol que os abriga, por baixo do qual traçam um firmamento e escrevem suas convenções, suas opiniões; mas o poeta, o artista abre uma fenda no guarda – sol, rasga o firmamento, para fazer passar um pouco do caos livre e tempestuoso e enquadrar, numa luz brusca, uma visão que aparece através da fenda[...] Então, segue a massa dos imitadores, que remendam o guarda – sol, com uma peça que parece vagamente com a visão. [...] Será preciso sempre outros artistas para fazer outras fendas, operar as necessárias destruições, talvez cada vez maiores, e restituir assim, a seus predecessores, a incomunicável novidade que não mais pode se ver.”(Deleuze e Guatarri, 1992, p. 261-262).

Não é fácil concluir um trabalho desta natureza, devido à grande quantidade de material coletado e as inúmeras versões possíveis para esta dissertação. Mas o curso de mestrado tem prazo para ser concluído, e fizemos nossas escolhas teóricas e metodológicas tendo em vista tais limitações. O caminho escolhido foi trilhado e as conclusões apresentadas aqui representam uma descrição desse trajeto e do que foi encontrado no decorrer da pesquisa.

Apesar de aparentemente o universo de apenas um bairro num município fosse um universo muito reduzido, vimos no decorrer da pesquisa que muitos achados refletem a realidade de um universo muito mais amplo, não apenas em termos de município, estado ou país. Alguns achados são coincidentemente próximos de pesquisas realizadas em outros países e até em outros continentes.

O estudo de caso fornece essa possibilidade de obter dados muito ricos em universos relativamente pequenos. Ao mesmo tempo em que são peculiares, apresentam similaridades com outras realidades distantes no espaço e até no tempo.

Deste modo, destaco alguns resultados da pesquisa. Já na fase dos questionários foi obtido um rico material de levantamento inicial do perfil das professoras atuantes no primeiro segmento do ensino fundamental na rede municipal de Austin. Trata - se de um corpo docente jovem, mas não carente de experiência. A maioria ingressou na profissão em torno dos 20 anos de idade, logo após a conclusão do curso de formação de professores.

Uma de nossas preocupações dizia respeito à escolha do local de trabalho, devido ao fato de sabermos que o local, dependendo das condições ofertadas, influi no desempenho profissional de forma positiva ou negativa. Assim foi, importante descobrir que o grupo pesquisado demonstra satisfação com esta escolha. Podemos ainda afirmar que o local escolhido atendeu às necessidades

do grupo, além de contribuir no seu processo de construção da identidade profissional. Poucos sujeitos pesquisados trocariam seu local de trabalho, evidenciando os fortes laços que os unem. A empatia pelo bairro foi manifestada por 75% dos respondentes.

Fomos ainda levados a constatar a forte identificação dessas professoras com a sua profissão, revelando um processo vigoroso de construção de sua identidade profissional. Essa reafirmação profissional ocorre apesar da insatisfação demonstrada pela maioria com as condições de trabalho, a pouca valorização profissional, os baixos salários etc. Mas essas fontes de insatisfação são externas, posto que a maioria absoluta escolheu a profissão por vontade própria ou por ideal.

Outra constatação da pesquisa diz respeito ao papel ambivalente do profissional da educação, ao mesmo tempo protagonista e coadjuvante do processo educacional. Isso demanda bastante coerência e autenticidade por parte desses profissionais.

Mas os achados mais interessantes certamente surgiram no conteúdo das entrevistas, sua análise revelou algumas respostas surpreendentes para as nossas questões de pesquisa.

Nos achados podemos ver que a maioria dessas professoras realizou sua formação na Escola Normal, iniciando cedo no magistério, e só posteriormente fazendo sua graduação. Poucas foram as que já iniciaram com ensino superior, o que de maneira alguma as fez menos capacitadas. Pelo contrário, o fato de já ter experiência de em sala de aula, as fez perceber uma fragilidade nos cursos de graduação, principalmente em pedagogia, pois ficou evidente que pouco se cobra e se aprende sobre vivência escolar, problema já apontado anteriormente. As Escolas Normais parecem oferecer melhor formação nesse quesito.

Outra característica observada é que a maior parte das professoras provem de famílias humildes e de baixa renda, oriundas da Baixada Fluminense ou subúrbio do Rio de Janeiro.

Com relação à sua identificação com a profissão exercida, tanto no questionário quanto nas entrevistas, a maioria esmagadora se disse muito identificada com a sua profissão e ao mesmo tempo, seja pela sua própria história, seja pela relação criada, se identificava com a realidade do lugar onde trabalham, Austin. Pode-se ainda acrescentar que conhecer esta realidade é fundamental e determinante na sua prática de ensino.

Outro ponto observado tanto no primeiro momento (questionário) quanto no segundo (entrevistas), é que a escolha por Austin se deu muito por opção própria e oportunidade, fosse pela facilidade de acesso, fosse pela proximidade de sua casa ou mesmo por gostar do lugar.

Durante nossa pesquisa de campo verificamos que há uma regularidade nas relações dos professores com o bairro de Austin, onde trabalham. Com uma leve diferença entre os professores que vem do município do Rio de Janeiro, para os que vêm da Baixada ou mesmo do próprio município de Nova Iguaçu. Posso dizer que praticamente todas as entrevistadas se relacionam bem com o lugar onde escolheram trabalhar, provavelmente porque essas professoras tenham, elas mesmas, origem humilde na Baixada ou no Rio de Janeiro, o que facilita entender e identificar com essa realidade.

Com relação ao papel da identidade profissional junto à atuação docente, esse é fundamental. Todo professor necessita, antes de tudo, se sentir professor. Saber qual o seu papel e suas atribuições junto a seus alunos, sua classe e a sociedade. Ocorre que as constantes mudanças que se fazem sentir, seja pelas necessidades e demandas discentes, seja pelos motivos alheios ao ambiente escolar, mais de interesses políticos e/ou econômicos, tem desestabilizado essa identidade profissional.

A identidade profissional das professoras de Austin poderiam se encaixar nas classificações de Bauman (2005), com suas comunidades de destino, ou ainda em Dubar (2005) com suas identidades visada, atribuída ou assumida. Porém o que podemos observar em nossa pesquisa é que muitas destas professoras se descobriram professoras em um processo de construção de identidade contínuo e interminável, pois para grande maioria, ser professor não se encerra nas quatro paredes de uma sala de aula, nem nos muros da escola. Ser professor, no caso das professoras de Austin, reside também em compreender a realidade em que estão inseridas, em compreender suas limitações as limitações impostas por tal realidade e pelas instituições públicas, mas acima de tudo, acreditar que tem um papel fundamental para ajudar a modificar tais cenários, por mais difícil que possa parecer. Se pudesse atribuir alguns adjetivos às professoras do 1º segmento do ensino fundamental de Austin, dois não poderiam faltar: teimosia e criatividade. Assim, a identidade profissional para essas professoras constitui, antes de tudo, um compromisso com sua profissão, seus alunos e a sociedade a que estão atreladas diretamente.

Ficou claro que para estas professoras, se identificar com o lugar, conhecer a realidade deste lugar, é fundamental para o bom andamento de seu trabalho e assim, conseqüentemente, sua identidade profissional é moldada (mas não definida) por essa realidade vivida, e suas relações cotidianas com o lugar. O mesmo ocorre com o processo de ensino, que sofrerá as naturais adaptações a fim de obter melhor êxito junto à comunidade escolar.

Do mesmo modo, a prática docente será afetada por essas peculiaridades. As professoras foram claras e incisivas em dizer que “o lugar onde se está trabalhando interfere sim” na prática docente. A sua relação com seus alunos é permeada por um conjunto de compreensões e sentimentos que as permita saber “a medida certa” para que os alunos consigam acompanhar a o conteúdo, mas que seja respeitado seu tempo, suas limitações, sem causar prejuízos a seu aprendizado e sua autoestima. O desafio destas professoras é grande, pois mesmo conhecendo a realidade local, é preciso avançar, para que seus alunos não sofram um isolamento maior do que já sofrido pelo abandono público e social.

Em suma, após as investigações realizadas, é possível afirmar que no caso de Austin, mas muito provavelmente também em outras realidades próximas (campo vasto para mais estudos), o processo de construção de uma identidade profissional passa necessariamente pelo lugar, que contribui nesta construção, porém não se encerra nele. Assim como o próprio lugar, que também tem seu processo de construção e reconstrução contínuo, a identidade das professoras de Austin, sofreram, sofrem e sofrerão mudanças, neste processo incessante de formação identitária.

Outra afirmação possível de ser feita é o fato de que há influências sofridas na prática docente por conta das relações com o lugar, no nosso caso Austin, mas que provavelmente ocorre em outros “lugares”, pois definitivamente não se podem querer resultados homogêneos em realidades diferentes, como tem tentado organismos públicos ligados à área da Educação em todas as esferas. Certamente aí reside um dos problemas relativos ao fracasso educacional brasileiro. As realidades, suas peculiaridades e limitações devem ser levadas em conta, assim como as condições de trabalho de seus docentes.

O que pude ver em Austin foi uma realidade sofrida e muito precária, o que os aproxima de muitas realidades brasileiras, mas também pude ver pessoas que continuam acreditando na educação como único meio de se mudar uma sociedade. As professoras de Austin, assim como todas as professoras deste segmento muitas vezes esquecido e que passa despercebida, mostraram um claro sentimento de abandono. Porém não só o abandono causado pelo poder público, mas também pela sociedade e principalmente pela academia.

É fácil ver como essas professoras tem uma carência pelo conhecimento, pela valorização de seu trabalho, pela vontade de dizer: “somos todos professores e estamos todos juntos”. Cabe aqui o alerta, para que a nossa classe não se torne uma classe com subclasses. Onde uns acreditem estar acima de outros, seja pela sua posição profissional, grau de conhecimento ou remuneração. E esse

sentimento me deixou extremamente preocupado, pois ficou muito claro nas falas e expressões das professoras que o que mais lhes aflige e incomoda é a desvalorização profissional, a falta de reconhecimento do seu trabalho, da sua importância e do seu papel no processo de construção social. A estes se acrescem os frequentes equívocos cometidos nas poucas tentativas em lhes oferecer uma capacitação melhor.

Talvez por isso tenha me empenhado tanto neste trabalho, para tentar elucidar muitas questões sobre a complexa construção da identidade profissional do professor, e sugerir muitas outras, mas também por ter me perguntado várias vezes: por quê tão pouco se fala dessas professoras, tão importantes para o início de todo o processo educacional?

Concluo sabendo que alguns sentiram falta de falas mais contundentes com cobranças as “autoridades” ou um apontar de “dedos” para os “verdadeiros culpados”. Porém o que se buscou neste trabalho foi clarificar um pouco lacunas há muito carentes de respostas, sem a pretensão de encerrar o assunto, que é muito vasto e continuará vivo, à espera de novas pesquisas, novas abordagens.

Ao final o que dizer? Estamos em um momento que mudanças ocorrem em uma velocidade frenética. O mundo se movimenta mais rápido do que nunca. Seriam as consequências de séculos sob o julgo de um sistema onde “tempo é dinheiro”? E se o dinheiro é o combustível desta máquina que objetiva como produto final o lucro, o tempo teria um papel fundamental no funcionamento desta máquina. Mas tal velocidade tem feito a própria “máquina” dar sérios sinais de fadiga.

Vivemos em dias de transmutação, onde o mundo globalizado, com amarras econômicas e mordanças políticas tem se debatido em vários lugares em busca de libertar-se das suas aflições e seus fantasmas e sua liquidez cada vez mais fluida como o rio de Heráclito, onde *"Tudo flui, nada persiste, nem permanece o mesmo"*. E Platão ainda diz de Heráclito: *"Ele compara as coisas com a corrente de um rio - que não se pode entrar duas vezes na mesma corrente"*. Estes dias tem novas e velhas novidades. Surpreendemos-nos com povos que acordam do profundo sono da passividade e questionam seus “senhores, seus reis, seu modo de vida, sua própria vida”. Mas é cedo para comemorar, pois é sabido que a “máquina” já passou por outros momentos difíceis e conseguiu readaptar, e triunfar por vezes. Enquanto o “ter” for mais forte que o “ser” o capital se moldará as novas demandas e acabará encantando “a força” num transe hipnótico, de fantasias alienantes.

No Brasil vivem “todos” felizes com a copa e as olimpíadas. Chegamos lá e nem precisamos terminar o primeiro grau – dirão muitos. O fetiche nos tenta envolver novamente, e pacíficos,

contemplatórios, assistimos atentos ao crescimento do país. A inflação é passado! A democracia é plena! Democracia? Governo onde o povo exerce a soberania. Não, ainda não podemos chamar nosso país de democracia. Pois ainda não é dado ao povo o direito de decidir como e o que deve ser prioridade. A sociedade ainda contempla e quando muito reage, não age, não protagoniza. Mas é fácil culpar a “maquina” do capital por todos os problemas do mundo. Porém maquinas não pensam ou agem sem que haja quem as controle.

A educação ainda grita! Grita para todos que queiram ouvir. *Eu posso transformar, eu posso mudar a história, o destino.* Mas se tentam tampar nossos ouvidos, o que fazer? Parados e confortáveis ficam os senhores do saber, a criticar e teorizar soluções. Os fatalistas dirão: Não tem mais jeito, é preciso garantir o que já foi feito. Já os ortodoxos bravatearão: Só com o fim do atual modelo poderemos resolver o problema. Mas o problema é esse, enquanto discutimos não resolvemos.

Enquanto isso, em um bairro pobre de um município da baixada fluminense, a educação resiste, teima e continua gritando para quem quiser ouvir. Isso, pois ainda existem aqueles que frente aos problemas agem e enfrentam mesmo lhes faltando as “estratégias”, os modelos e toda sabedoria que lhes é proibida pelo esquecimento perverso da arrogância que nos cerca.

Não haverá democracia enquanto não ouvirmos os gritos da educação que se quer calar nos “Austins” do Brasil. Não haverá democracia, não haverá liberdade, mas haverá esperança sempre que houver uma criança e um professor disposto a acreditar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALEIXO, José Carlos da Costa. *A Formação Inicial e Continuada do Professor dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Nova Iguaçu*. Trabalho de conclusão do curso de Pedagogia, apresentado na UFRRJ, campus Nova Iguaçu, em julho de 2011.
- ANDRÉ, Marli E. D. A. Estudo de caso: seu potencial na educação. *Cadernos de Pesquisa* no. 49, p 50 - 54. São Paulo, 1984.
- ARROYO, Miguel. Aprendendo nas transgressões, p. 135 – 149. In:_____. *Ofício de Mestre*. 9ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2005.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- CLAVAL, Paul, O Território na transição da Pós-Modernidade, *Geographia*, Revista do Programa de Pós-Graduação Em Geografia da UFF, Ano I N° 2. Niterói: UFF/EGG. 1999.
- COSTA, Euler Oliveira Cardoso da. A Identidade territorial como uma das estratégias de Produção do Espaço: O caso de Austin em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense –RJ. Trabalho de conclusão do curso de geografia, apresentado no Centro Universitário Moacyr Shreder Bastos. Rio de Janeiro. 2006.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix, O que é a filosofia? Rio de Janeiro. Editora 34, 1992.
- DIAS, Regina Lucia Cerqueira. O trabalho docente e a questão da autonomia: um estudo a partir das percepções de professores sobre seus ciclos de vida profissional. Extrato da dissertação de mestrado apresentada à PUC-MG em 2001 e publicada no sítio www.biblioteca.pucminas.br/teses
- DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FRANCO, Maria Laura. *Análise de conteúdo*. Brasília: Liber Livros, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- HAESBAERT, Rogério. Identidade E Migração Em Áreas Transfronteiriças, *Geographia*, Revista do Programa de Pós-Graduação Em Geografia da UFF, Ano III N° 5. Niterói: UFF/EGG, 2001.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós – modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados sobre Nova Iguaçu, 2006.
- INÁ, Elias de Castro, Paulo César da Costa Gomes, Roberto Lobato Corrêa, orgs. *Geografia: Conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- GOULART, João. *As reformas de base*. Discurso proferido no Congresso Nacional em novembro de 1961. Publicado na Revista Carta: falas, reflexões e memórias. Gabinete do Senador Darcy Ribeiro, s.d.

KERLINGER, Fred. *Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: EPU, 1980.

LOPES, E.M.T.; FARIA FILHO, L.M. e VEIGA, C.G. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MONTEIRO, Aloisio. Anotações de aula, 2010.

NVIVO. Software de análise de conteúdo, disponível no sítio: www.qsrinternational.com/products_free-trial-software.aspx.

NUNES, Clarice. (Des)encontros da modernidade pedagógica. In: LOPES, E.M.T.; FARIA FILHO, L.M. e VEIGA, C.G. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. pp. 371 – 397.

PETRONI, Ana Paula. Autonomia de professores: um estudo da perspectiva da psicologia. Extrato de dissertação de mestrado apresentada à PUC-Campinas em 2008, publicado no sítio www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/6

SANTOS, Milton. O professor como intelectual na sociedade contemporânea. Anais do IX Encontro Nacional de didática e prática de ensino. São Paulo, 1998.

_____. *A Natureza do Espaço: Técnica E Tempo, Razão E Emoção*. São Paulo: EDUSP. 2004.

SAVIANI, D. As concepções pedagógicas na história da educação brasileira. Texto publicado no sítio www.histedbr.fae.unicamp.br. Artigo 036, 2008a.

_____. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. Trabalho encomendado pelo GT 15 da ANPEd, 31ª. RA, 20 de outubro de 2008b.

SOUZA, Marcelo Lopes de, O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: INÁ, Elias de Castro, Paulo César da Costa Gomes, Roberto Lobato Corrêa, orgs. *Geografia: Conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

TARDIF, Maurice e LESSARD, Claude. *O Trabalho docente*. Petrópolis: Vozes, 2008.

THOMPSON, E.P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*, Vol 1: A árvore da liberdade Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ANEXO 1:



Questionário dirigido aos professores e professoras, para a pesquisa de mestrado do **Programa de Pós - graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC), UFRRJ.**

Aluno: Prof. Euler Costa Orientadora: Prof. Dra. Lilian Ramos

1. Cara (o) Professora (o), em que faixa etária você se enquadra:

1 – de 19 as 25 anos () 2 – de 26 aos 35 anos () 3 – de 36 aos 45 anos () 4 – 46 anos ou mais ()

2. Com relação ao seu município de origem, você é:

1 – De Nova Iguaçu () 2 – Do Rio de Janeiro () 3 – Queimados () 4 – Outro, citar _____ ()

3. Em que faixa se enquadraria, seu tempo de magistério:

1 – de 1 a 5 anos () 2 – de 6 a 10 anos () 3 – de 11 a 15 anos () 4 – de 16 a 25 anos () 5 – mais de 25 anos ()

4. Com relação à renda como professora (o), em que faixa você se enquadra:

1 – R\$ 1000,0 a 1900,00() 2- R\$1901,00 a 2500,00() 3 – R\$2501,00 a 3000,00() 4 – R\$ 3001,00 ou mais()

5. Falando sobre sua escolha com relação ao local de trabalho, trabalhar em Austin foi:

1 – Minha opção () 2 – Oportunidade () 3 – Necessidade() 4 – Falta de opção ()

6. Ainda sobre esta escolha, com relação à satisfação em trabalhar neste Bairro (Austin), você está:

1 – Muito satisfeito () 2 – Satisfeito () 3 – Pouco satisfeito () 4 – Insatisfeito ()

7. Professora(o), se você tivesse a oportunidade de mudar de Bairro (Austin) de trabalho você:

1 – Mudaria imediatamente () 2 – Mudaria () 3 – Pensaria em mudar () 4 – Não mudaria ()

8. Com relação à opção pela profissão de professora (o), se tivesse uma oportunidade você:

1 – Mudaria imediatamente () 2 – Mudaria () 3 – Pensaria em mudar () 4 – Não mudaria ()

9. Ainda com relação à profissão e ao magistério, como você se sente, em quanto professora(o):

1 – Realizada () 2 – Respeitada () 3- Arrependida () 4 – Desrespeitada () 5 – Desanimada () 6 – Outra

10. Ainda com relação à profissão de professora(o), o quanto você se identifica com ela :

1 – Completamente () 2 – Bastante () 3 – Em parte () 4 – Pouco () 5 – Não me identifico ()

11. O que levou você a se tornar professora(o) :

1 – Vontade () 2 – Necessidade () 3 – Familiares () 4 – Ideal () 5 – Falta de opção () 6- Outra

12. Agora, falando do seu local de trabalho o quanto você se identifica com a realidade da comunidade ou bairro em que trabalha (Austin):

1 – Muito () 2 – Em parte () 3 – Pouco () 4 – Muito pouco () 5 – Nada ()

13. Se pudesse escolher novamente, você seria professora(o)?: () Sim () Não . Por que:

14. O que você gostaria de acrescentar sobre sua escolha profissional:

ANEXO 2:**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**

Questões propostas:

1. O que a levou a ser professora?
2. Ser professora foi sua primeira escolha profissional?
3. Quais fatores mais influíram na sua decisão?
4. Você alguma vez se arrependeu dessa escolha?
5. Qual aspecto do trabalho de professora mais lhe agrada?
6. Qual não lhe agrada?
7. Como você vê sua profissão comparada com as demais?
8. Em qual momento você começou a se enxergar como professora?
9. Em sua opinião, o que a sociedade pensa sobre o professor?
10. Qual a sua carga de trabalho?
11. Você recebe capacitação, cursos, alguma forma de atualização?
12. Qual a sua opinião em relação aos recursos materiais e instalações fornecidas pelo Município?
13. Qual a sua opinião sobre o seu salário?
14. O que você pensa sobre a autonomia na prática do seu trabalho?
15. Como considera as legislações e novas demandas da Secretaria?
16. Por que motivo você veio trabalhar em Austin?
17. Qual a sua opinião sobre o lugar?
18. Em relação à realidade local, o que você observa/ percebe das pessoas do lugar?
19. Qual a diferença em relação a outros lugares? Se você sair de Austin e for para outro lugar, vai fazer diferença?
20. A atual crise mundial afeta o seu trabalho? De que modo?
21. Por que ser professor, apesar de tudo?

ANEXO 3:

FOTOS DE AUSTIN

Neste anexo, mostraremos algumas fotos do bairro de Austin, a fim de aproximar e familiarizar os interessados com a realidade do lugar estudado. A primeira é um vista panorâmica de Austin, mostrando seu centro urbano e ao fundo os morros que cercam o bairro; a 2ª foto mostra a igreja matriz, onde ocorrem as missas e casamentos da maioria da população que é predominantemente católica; a 3ª foto nos mostra a principal rua de Austin e sua estação; na 4ª foto uma típica contradição da peculiar urbanidade rural de Austin, onde o homem e seu cavalo, preservando toda característica de um meio rural, se misturam a este cenário; já na 5ª foto temos um exemplo da urbanidade frenética onde carros motos e bicicletas engarrafam o transito no melhor estilo Bombaim; na 6ª foto temos a linha férrea que corta Austin, uma periferia que cresce entorno da sua estação de trem, o principal meio de transporte dessa população; 7ª foto: como falado anteriormente o comércio de Austin é primário e seu centro um lugar de encontros; na 8ª foto mais um belo exemplo da convivência harmônica entre o urbano e o rural, que traçam o perfil e a identidade do lugar e de sua gente; 9ª e 10ª fotos: a precariedade persistente nas periferias da Baixada, isoladas e esquecidas pelo poder público; mais uma vez o rural se faz presente em Austin na 11ª foto; e para terminar onde tudo termina, na 12ª foto um típico cemitério de cidade do interior, em Austin.

Obs: Todas as fotos foram tiradas pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.



1ª foto



2ª foto



3ª foto



4ª foto



5ª foto



6ª foto



7ª foto



8ª foto



9ª foto



10ª foto



11ª foto



12ª foto

ANEXO 4:**ALGUMAS FOTOS DAS ESCOLAS DE AUSTIN**

O que pretendemos com este anexo é mostrar a diversidade escolar de Austin, ou como um pequeno bairro da Baixada fluminense pode apresentar tantas diferenças em seu ambiente escolar. E é preciso lembrar que muitas vezes estes extremos que veremos a seguir são consequência da ação ou da inércia dos gestores educacionais, e da reação ou dormência da própria comunidade/sociedade local.

Entre as fotos de 1 a 7 temos uma mostra da inércia pública e dormência social que levam a um estado de precariedade extremo, comprometendo todo o trabalho pedagógico dos docentes e consequentemente o processo de ensino aprendizagem.

Nas fotos 8 e 9 temos ainda uma situação precária, porém nesta escola há a tentativa de se realizar projetos instituintes como a horta na escola.

Já o que podemos observar entre as fotos 10 a 16 seria o outro extremo, onde se vê uma escola com instalações adequadas, com salas, espaços e ambientes convidativos, que não significa solução de todos os problemas, mas favorece e viabiliza o trabalho docente, além de ser notório que o ambiente escolar é harmonioso. Prova do quão importante o “lugar” é no processo pedagógico. Resultado de uma gestão dinâmica, audaz, participativa e diríamos “instituinte”. O que foi plantado por alguns e abraçado por todos daquela comunidade escolar.

Obs: Todas as fotos foram tiradas pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.



1ª foto



2ª foto



3ª foto



4ª foto



5ª foto



6ª foto



7ª foto



8ª foto



9ª foto



10ª foto



11ª foto



12ª foto



13ª foto



14ª foto



15ª foto



16ª foto

ANEXO 5:**ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS****PROFA AA VFD 1508**

P: Professora AA, o que a levou a ser professora?

R: Acho que desde criança sempre tive o desejo de ser professora. Talvez por ter tido professoras maravilhosas no meu caminho, eu sempre me identifiquei muito com o ofício de ensinar. Com o passar do tempo, veio o ensino médio. Eu não fiz ensino médio em Formação de professores; fiz técnico em administração. Mas na hora de prestar vestibular, a vontade que tinha na infância acabou falando mais alto. Foi quando eu fiz o vestibular para pedagogia. Mas o que me levou a escolher a profissão foi a vocação que se manifestou quando eu era criança, uma vontade de ensinar.

P: Ser professora foi então a sua 1ª escolha? Que fatores te influenciaram na decisão?

R: Foi por prazer mesmo. E a minha família tem muitos professores. Mas vou te falar a verdade: quando entrei no ensino médio e prestei concurso para técnico em administração, fiz essa opção justamente pela rentabilidade que poderia me trazer - porque a gente cresce com aquela ideia de que professor ganha mal, trabalha muito, corre de um lugar para o outro, faz tudo ali naquele desespero, naquela correria... De fato a gente não ganha suficiente, não ganha por aquilo que faz. Mas eu optei por ser professora, não dei importância ao que as pessoas falam – se desse ouvidos às pessoas, não seria professor, não optaria por essa carreira. Quando eu entrei na faculdade de pedagogia, eu voltei na escola que eu estudei no primário, no antigo primário, e aí eu cheguei lá e encontrei a diretora, que na época era professora. Falei que estava fazendo faculdade de pedagogia na UERJ e ela me perguntou se eu queria mesmo ser professora. Aí eu olhei para ela e falei: “bom, se eu prestei vestibular e já to em tal período é porque eu quero, é o que eu quero...”. Então, é mais ou menos por aí, é a vontade que te leva, que te dá aquele impulso inicial.

P: Você já se arrependeu de ter feito essa escolha alguma vez?

R: Graças à Deus, até o dia de hoje, não.

P: Que aspecto de trabalho de professora mais lhe agrada?

R: Acho que o que mais agrada, principalmente quando a gente trabalha com o 1º segmento, é quando a gente observa no dia a dia a evolução do aluno, quando a gente percebe que às vezes aquele aluno chega pra gente como se fosse uma pedra bruta, e a gente começa a trabalhar e a perceber que ele tá ficando polido. Acho que isso é o legal! Sei que em educação é errado falar isso, falar que o aluno chegou bruto, mas não é esse sentido que eu estou falando. É que os professores sempre falam assim: não existe aluno “papel em branco”, que a gente vai escrever; ele traz o histórico. Mas o aluno chega pra gente com aquela série de dificuldade e a gente começa a trabalhar e ele começa a evoluir, ele começa a ler, a escrever as coisas básicas, como o nome dele... então, são coisas que ele não sabia, e que ele passa a fazer, coisas básicas, coisas triviais, que são coisas que ele passa a fazer, e a família começa a reconhecer. Então, esse retorno, esse *feedback*, é muito bom.

P: O que não te agrada?

R: A estrutura governamental que acaba tirando da gente muito do que a gente pode fazer. Você tem a lei do ciclo que muitas vezes não funciona. Então há esse aparato, essa legislação. Muitas das vezes argumenta-se, como se a gente não estivesse fazendo o certo. Essa discussão não existe, isso é empurrado porque está em moda, e é colocado para gente de uma maneira totalmente deturpada, e a gente tem que aceitar, tem que fazer e se adaptar. A escola muitas vezes não tem estrutura: você não tem uma sala ventilada, há muitos alunos em sala de aula, a sala é pequena, muitas vezes falta tudo - material, carteira etc. Eu já dei aula em pé com aluno sentado na minha cadeira, porque não tinha cadeira para o aluno. Então, não tem material, você precisa de um papel pra fazer um trabalho diferenciado e não tem, não tem canetinha pro quadro branco... eu compro tudo: compro minha recarga, as canetas que eu quero, e isso me atrapalha muito, a falta de materiais, essa legislação que é empurrada goela a baixo.

P: O que você acha da sua profissão comparada às outras?

R: Muitas vezes nós somos desvalorizados. Como dizem: você pode ser médico, engenheiro, advogado, mas pra tudo você precisa de um professor. Somos como uma mola propulsora e tínhamos que ser mais valorizados enquanto profissionais. Não é uma visão nostálgica, nada disso. Antigamente era, tinha que ser mais valorizado porque em todos os níveis de escolaridade nós somos essa base da sociedade - como na Índia que você tem um professor ocupando um *status* mais valorizado.

P: Em que momento você começou a se enxergar como professora?

R: Eu acho que a partir do momento em que entrei em sala de aula. Porque antes, quando a gente tá na universidade realizando um trabalho, nem faz um estágio nem nada, a gente está ali como aprendiz. A partir do momento que a gente assume aquele compromisso, ou que você assina a carteira pela 1ª vez, você toma posse do concurso, é daquele momento em diante que você assume aquele compromisso acaba que meio vinculado com sua imagem: agora sou professor.

P: O que a sociedade pensa sobre o professor?

R: Eu percebo que muitas vezes há uma ideia muito deturpada em relação a nossa profissão. Eu percebo isso quando eu leio um jornal ou vejo um noticiário. O professor é às vezes visto como um algoz. Outras vezes, há notícias de violência, abuso sexual, por exemplo, em que o professor está envolvido. Como esses veículos de comunicação, de marketing, são formadores de opinião, então é claro que acaba influenciando como a sociedade vê a nossa profissão. A maioria dos professores não abusam, não espancam. As pessoas que olham como expectadores e não participam da rotina da escola, não sabem. Eu, por exemplo, cansei de separar briga, de consolar aluno que tem problemas em casa, que vem conversar comigo... então, acho que a gente tem também que passar o melhor, trabalhar da melhor forma, pra que a sociedade tenha essa visão correta.

P: Como é a sua carga de trabalho?

R: Eu trabalho atualmente só aqui em Nova Iguaçu. Trabalho 20 horas semanais.

P; Você acha que sua carga de trabalho é muito pesada ou satisfatória?

R: Eu trabalho 20 horas em sala e 20 horas em casa, fazendo planejamento, fazendo coisas que me ajudam no trabalho. Acho que é uma carga horária que para o trabalhador brasileiro está até equilibrada, não reclamo muito disso não.

P: Você recebe capacitação, cursos, atualização?

R: No início deste ano, a gente fez um curso de formação continuada, uma semana inteira, gostei muito do curso. A gente já participou de outros seminários, curso de atualização, mas é uma coisa que sinto falta. Porque eu gosto muito de estudar, então às vezes eu fico perguntando tem algum curso se tem alguma coisa. Ano passado fiz um curso de pós-

graduação, uma especialização que eu paguei. Outros cursos que você faz, você paga. Eu sinto falta desse incentivo, de você fazer uma pós e até de você participar de uma pós, porque muitos cursos de universidade pública você tem que fazer durante a semana, e muitas vezes coincidem com seu horário de trabalho, e aí como é que você faz pra arranjar, remanejar? Já vai diminuindo a sua possibilidade de se especializar, e de ser um pesquisador também, de melhorar sua prática pedagógica e tudo isso.

P: Em relação aos recursos, materiais e instalações dados pelo município, o que você acha?

R: Acho que as escolas, as estruturas, não são suficientes até para a demanda que a gente tem, aqui em Austin. A gente tem outras escolas na mesma situação. Você vai passar pelas outras escolas, se já não passou, e vai ver os relatos das nossas colegas. Porque a gente se encontra dentro do trem, do ônibus, e a gente está sempre conversando. Eu acho que as estruturas já não são mais suficientes, tinha que ter mais construções, mexer nas estruturas, fazer mais escolas, expandir as salas, mexer na estrutura mesmo, porque já não é mais suficiente. A quantidade de aluno é muito grande, então não dá pra você continuar hoje com uma estrutura que podia dar conta há dez, quinze anos atrás. Mas que hoje já não é mais suficiente, tem que ser repensado isso. Que estratégias a prefeitura tem que tomar para conciliar os gastos com a nossa necessidade, mas vendo principalmente o que é melhor pra nossa população. Com certeza, o melhor para a população não é manter quarenta crianças dentro de um cubículo com uma professora quase ficando maluca porque não tem ar, não tem nada na sala; têm salas que não tem nem os raios do sol - a criança fica ali parecendo que está em uma caverna e não tem como aprender.

P: Em relação ao salário, o que você acha?

R: A gente teve um plano de carreira aprovado no ano passado, então o salário deu realmente uma aumentada. Mas com base no abono do Fundeb, que não é incorporado. A gente teve um aumento de 16% no nosso salário base, mas a gente tem o abono, então a gente também fica nessa situação, será que vai entrar outro prefeito e vai priorizar outra área e vai tirar o abono do professor? Então, querendo ou não, a gente acaba ficando nessa sinuca de bico. Eles se sentem inseguros? Com certeza, porque antes do recesso teve uma paralisação, uma greve aqui no turno da tarde. As pessoas não aderiram à greve, mas justamente um dos questionamentos que eram feitos pelo pessoal que estava em greve era em relação ao Fundeb

e ao abono do Fundeb. Sempre correm aqueles boatos. Mesmo que sejam boatos, você pensa: “meu Deus, será que tem um fundo de verdade?”. Então você não pode comprometer muito seu orçamento, você não pode fazer dívida de longo prazo, não pode pensar em carro, casa, não pode fazer compras que não dê no seu orçamento. Por exemplo: se tirar seu abono hoje, será que você vai conseguir pagar aquela compra? Então é mais ou menos por aí. Claro que, em relação ao abono, a gente fica inseguro, fica com pé atrás em relação ao que você vai fazer, ao que você está querendo planejar, mas em relação a outras redes e então conversando com elas, e até em relação a salário, a gente tá em vantagem mesmo com essa história de abono.

P: Em relação a autonomia para a prática de trabalho, o que você pensa?

R: A gente tem os planejamentos, mas o professor trabalha e tem que se sentir a vontade. Graças a Deus, eu nunca tive problemas aqui. Só observações e propostas de coisas novas. Sinto-me muito a vontade para trabalhar.

P: Com relação às legislações ou até mesmo demandas da secretaria, você sente que isso pode atrapalhar?

R: Muitas vezes atrapalha. Alguma coisa que vem eu te dou o exemplo da lei do *ciclo*. Eu estudei na UERJ com vários professores criadores da lei do ciclo, então você ouvindo os caras falando você acha aquilo tudo maravilhoso, aí você fica embasbacado. Então quer dizer que é aquilo!? Partindo deles é muito legal, mas aí você começa a perceber que quando chegar pra gente já está totalmente deturpado. Com relação à Lei do Ciclo, por exemplo, a ideia inicial é manter uma professora do 1º ao 3º ano, justamente pra dar esse conceito de continuidade, que o aluno não leva um ano pra ser alfabetizado, mas sim 3 anos, quer dizer é uma ideia maravilhosa. Porém, chega aqui o negócio é diferente. Muita das vezes você está sendo forçado a aprovar o aluno, e o aluno que não tem condições, eu estou com uma turma de 3º ano é o ano final do ciclo eu conto pelo menos uns 8, 10 alunos que não tem condições de cursarem um 4º ano com qualidade, que vão ter que ser promovidos porque já foram retidos, isso porque a gente tem que avaliar muito bem esse conceito. Muitas vezes a gente fala assim, a mais porque ele não tá pronto? Mas será que é justo pegar o aluno que não tem condições de cursar um 4º ano e jogar ele em uma turma, e ele perceber que os colegas estão acompanhando o ritmo do trabalho e ele não? Porque é claro, tem que ter um trabalho diversificado, você não tem homogenia é lógico, é claro e evidente. Mas você também tem

um planejamento, mas você precisa de alguma maneira atender aquele planejamento. Então, é justo colocar aquele aluno naquele momento no 4º ano, será que não seria bom a gente tentar ver uma estratégia? Nesse sentido, até em outros anos de escolaridade também porque não pode reter?

P: Porque você veio trabalhar em Austin?

R: A gente não tinha muita opção. A gente não conhecia os lugares... eu não sou de Nova Iguaçu. Alguém me falou que tinha transporte fácil... mas eu não sabia que tinha que caminhar 20 minutos da estação até a escola. Na hora de escolher, achei que era a mais vantajosa pra mim.

P: O que você acha de Austin?

R: Eu gosto do lugar. Passando pelos mesmos lugares todos os dias, você acaba conhecendo todo mundo... É claro que é um bairro com muitos problemas, tem muita coisa pra se fazer aqui, mas é um lugar que hoje eu gosto bastante.

P: Em relação à realidade do lugar, o que você observa, o que você percebe das pessoas do lugar?

R: Eu percebo que é um lugar que ainda não tem uns problemas que a gente vê no Rio. Eu já trabalhei em outras escolas e vi coisas bem piores. Mas já houve mudanças, já percebo pessoas diferentes, situações que eu não via quando entrei aqui há quase 4 anos. Por exemplo, a violência, pessoas ouvindo funk, os proibições, não era assim quando cheguei aqui. Mas é um lugar que precisa de assistência, tem aspectos importantes que precisam melhorar.

P: Quais as diferenças entre lugares? Você trabalha aqui em Austin, se você for para outro lugar vai fazer alguma diferença?

R: Cada lugar tem sua especificidade.

P: Porque ser professora?

R: Apesar de todas as dificuldades, tudo que existe, quando a gente enfrenta algumas situações, a gente se pergunta se vale a pena? eu ainda sou professora porque sou apaixonada pelo ato de ensinar, não me vejo fazendo outra coisa.

PROFA AJ JAT 1808

P: O que a levou a ser professora?

R: Eu acredito que essa vocação vem é de infância, porque eu sempre gostava de brincar de escolinha com meus irmãos em casa quando eles chegavam da escola. Eu procurava corrigir os cadernos deles, passava mais atividades. Eu via na TV aquelas entrevistas e eu sempre coloquei na cabeça que queria ser professora. Eu gostava, tinha paciência, então eu acredito que era a vocação latente em mim.

P: Como é que foi o processo de construção dessa profissão com você?

R: Logo de início eu não me identifiquei. Eu gostava, mas procurei outras atividades antes do magistério. Tanto que sou técnica em secretariado, fiz SENAC, entrei nas empresas na área administrativa, trabalhei na área de informática, trabalhei com vendas e só depois que eu comecei a fazer a faculdade é que eu fui me identificando com o magistério. Quando eu já estava na faculdade, comecei a trabalhar com alguns projetos sociais, em ONGS, trabalhei como estagiária, como voluntária, mas eu percebi que a minha praia era ser professora, era o magistério.

P: Então a principio não foi a sua 1º escolha?

R: Não foi. Como eu sempre gostei muito de geografia, eu coloquei na cabeça que queria ser paleontóloga, queria estudar os fósseis e tal... Mas, com o tempo, fui descobrindo que eu gostava de ler, eu pensei em ser bibliotecária, só que as coisas foram se direcionando pra área do magistério, e fui unindo uma coisa com a outra, gostava de ler, sempre gostei muito de estudar... a faculdade foi me lapidando como professora.

P: Então os fatores que influenciaram você pra escolha de professora você saberia dizer?

R: A principio foi a leitura na escola. As professoras me incentivaram muito a ler. Não só a mim, mas também meus colegas. Eu pegava muitos livros na biblioteca, tinha uma coleção que eu gostava muito, a Coleção Vaga Lume. Então eu lia, eu estudava de manhã, a tarde eu eu lia dois ou três livros. Com o tempo eu fui entender que essa vontade estava ligada também na questão do ensinar, de ter paciência primeiramente com meus irmãos e depois com a formação, percebi que realmente eu queria ser professora.

P: Alguma vez você se arrependeu dessa escolha?

R: Hoje em dia, atuando, vendo a atual situação do ensino no país, de um modo geral, algumas vezes me bateu sim um certo arrependimento. Não há valorização do profissional. Porque o professor estuda muito, ele tem que esta sempre se aperfeiçoando, fazendo cursos. A educação é uma linha de mão dupla. Falta a parte da família, dos pais, pois eles acham que a escola é um depósito onde as crianças estão ali pra estudar e o professor se vira para ensinar, e não percebem que o ser humano é um conjunto de coisas: é o social, o psicológico, uma série de coisas que influenciam a aprendizagem. O aprendizado muitas vezes fica prejudicado porque a criança não tem o estímulo da família, então fica só a escola tentando salvar. Mas hoje em dia a escola tem várias outras atribuições, a escola tem que ter o serviço social, psicólogo, e médico. É uma série de coisas que a gente não dá conta.

P: O só educar ficou pra traz há muito tempo, não é?

R: Há muito tempo eu percebo que a família perdeu a capacidade de educar. Ela perdeu o controle por uma série de fatores, por conta de leis, o ECA e outras coisas que vem respaldando a criança. Elas foram mal interpretadas e a família coloca que como se fosse assim, se a criança fosse um ser intocável. A gente sabe que a educação há 10, 15 anos atrás era muito rígida, rigorosa, então essa geração sobreviveu, conseguiu gerar bons cidadãos, bons profissionais e se formar, e hoje em dia essa perda do controle da autoridade da família está influenciando negativamente na escola.

P: Professora J, que aspectos do trabalho de professora mais lhe agradam?

R: Particularmente eu gosto muito de alfabetizar quando eu percebo que a criança conseguiu se apropriar de como funciona o sistema da escola, da leitura, ela consegue entender como é o mecanismo... isso pra mim é uma coisa fascinante, brilhante. Porque lidar com o cognitivo humano, de modo geral, é uma coisa complexa, complicada, então a leitura exige muito da criança, coisas que a gente quando adulto nem imagina. E você vê aquela criança que no início mal conseguia identificar as vogais, o alfabeto, depois ela consegue ler uma palavra, depois frase, texto. Ela se apropria daquele conhecimento, daquela leitura de mundo... isso pra mim é fascinante, é uma coisa que ainda me motiva no magistério.

P: O que lhe menos agrada?

R: O que menos me agrada, como eu falei anteriormente, é a falta da valorização, a estrutura das escolas que é muito ruim, é muito precária, a falta do material. Eles colocam muito o professor e a escola para darem conta das datas comemorativas, de comprar

lembrancinhas. Eu não concordo muito com isso, porque a gente acaba estimulando a questão do comércio, do consumo, e essa parte da desvalorização profissional, que um professor é tão capacitado quanto um juiz, um engenheiro, um advogado e deveria ganhar tão bem quanto. O que se faz no nosso país é só pra agradar os tabloides, agradar a mídia, é pra agradar o Banco Mundial, os sistemas que financiam a educação, é muito baseado em números, em parte estatística, e a questão da qualidade em si está sendo deixada de lado, e assim o país só perde.

P: Quando que você começou a se sentir professora realmente?

R: Eu me vi professora realmente quando percebi que aquilo que eu fazia, de certa forma, não estava tendo uma resposta. Você entra numa sala de aula com seus objetivos, seu planejamento, tenta atingir aquelas metas e você vê que está sozinha, não consegue fazer acontecer, precisa de uma série de coisas, de pessoas, de estrutura, pra você conseguir funcionar. E eu vi que ser professor hoje no Brasil está se tornando uma coisa quase inviável.

P: Você já falou da desvalorização profissional. Se você fosse colocar num quadro, como é que você acha que estaria hoje a profissão de professora, com relação as outras profissões?

R: A profissão do magistério, em modo geral, falando em números, parte salarial, ela é muito diversificada. Cada prefeitura paga um determinado valor, algumas valorizam mais, outras menos, acaba o professor ter que se desdobrar em 1, 2, 3, matriculas, pra que ele consiga obter algumas coisas, uma casa própria, ter seu carro. O professor estuda muito, tanto quanto outros profissionais como médico, juiz, advogado, e o status dele decaiu muito. Hoje em dia, as pessoas falam: “ah, professorinha coitada!” Ainda tem aquela visão de que o professor é mal remunerado, trabalha muito e “coitado”. Essa visão de coitado eu percebo muito latente na fala das pessoas.

P: Eu percebo que essas profissões como engenheiro, advogado, médico, por exemplo: são profissões que falam por si só, e tem instituições fortes que lhes dão suporte. Você acha que falta isso pra classe de professor?

R: Com certeza, pelo fato do professor não ter esse respaldo, em conselho regional, ele fica muito a margem; tem prefeituras pagando um salário mínimo, não paga passagem e tem outras que tem um valor acessível. Há muitos prós e contras dentro da carreira.

P: O que a sociedade pensa sobre o professor?

R: Eu ainda acredito que no imaginário social das pessoas ainda existe aquela expressão do coitado, do professor que se desloca de um lugar para o outro, da professorinha que já me chamaram aqui na rua, mãe de aluno. Então parece que na sociedade ainda tem aquele saudosismo de outras épocas daquele professor que se dedica, que tudo tira do bolso, que guarda trabalhinho no imaginário das pessoas.

P: Em relação a sua carga de trabalho?

R: Extenuante, exaustiva, cansativa... o professor não tem tempo de ler, de se aperfeiçoar, de estudar, de sentar direito, nem ao menos planejar suas aulas. O professor hoje em dia deixou de aprender, então ele tem condições de ensinar? Tem, mas não na qualidade que deveria ser. Ele não tem tempo. A maioria faz faculdade a distância, por que com o tempo que você gasta para se deslocar, o professor acaba desistindo de se qualificar, é uma carga muito grande. Eu trabalho em duas escolas, passo o dia inteiro trabalhando, chego em casa cansada, ainda vou dar conta dos meus afazeres em casa: lavar, passar, cozinhar, para no dia seguinte acordar e começar toda essa rotina novamente.

P: Há capacitação e atualização para os professores?

R: Em algumas redes até oferecem, nas que eu atuo atualmente oferece, mas é muito pouco, muito aquém do que deveria ser, do que a realidade exige da gente. Tem muitos alunos incluídos, a maioria dos professores não estão preparados, não estão capacitados para dar conta disso, das síndromes que existe, como você tem que trabalhar aquele aluno regular, que tem as demandas dele, as peculiaridades dele... então, assim, o professor está praticamente perdido, sem saber o que fazer. Como o que acontece aqui na nossa escola também. Nós temos um aluno com problemas mentais e simplesmente a escola não sabe o que fazer com ele. Às vezes ele entra na sala, tem crises e a gente fica sem saber o que fazer. O que vai fazer com aquele aluno, como tratar? O ambiente não é preparado para isso, não há um espaço para isso. E o que acontece é o seguinte: matricula, aceita, dá um jeito, se vira! É isso que tá sendo feito. Um Deus nos acuda!

P: Qual a sua opinião sobre os recursos oferecidos pela secretaria de educação?

R: Vou falar da realidade que eu atuo, inexistente, porque a secretaria de obras aqui em Nova Iguaçu atua de forma muito precária. A escola está há muito tempo precisando de uma pintura, reforma, o material que falta, nós temos que fazer nossos eventos na escola, o professor muitas vezes tira do próprio bolso pra poder consertar uma lâmpada, consertar

aquilo que esta precisando de reparo. O material que chega é uma verba do governo federal e chega uma vez ao ano, e com aquela verba o diretor tem que se virar durante o ano todo, o que não é suficiente. Muitas das vezes o professor acaba tendo que tirar do bolso, quase sempre para repor, para tentar dar uma aula de qualidade, que não seja cuspe e giz apenas.

P: Com relação a questão salarial, como é que você vê ?

R: Na rede de Nova Iguaçu, quem está iniciando recebe R\$ 1500,00; na rede de Nilópolis, R\$ 742,00. Há muitas discrepâncias de uma prefeitura pra outra. O MEC tem sinalizado, eles estão tentando sanar essas discrepâncias. Aqui em Nova Iguaçu é um salário razoável pra quem está começando. A maioria das pessoas que trabalham aqui não moram aqui, pegam 2, 3 conduções e a passagem não cobre todo o valor. Você acaba tendo que tirar do seu salário, e você acaba se complicando. Eu morava em Inhaúma, pegava 3 conduções, gastava R\$ 300,00 de passagem por mês. Eu acabei me mudando pra mais perto da escola, pra reduzir esse custo, e a maioria das pessoas que moram muito longe acabam saindo da rede com esse desgaste de condução. Você acaba tendo alguns problemas, ficando muito estressado, cansado, chegando atrasado, ouvindo reclamação dos pais, e isso acaba gerando problema de saúde pros professores

P: Com relação a atual crise que o mundo vive hoje, o que você pensa?

R: Não sou muito otimista não. A situação do mundo, eu vejo, as relações entre as pessoas estão muito difíceis, pai e mãe, vizinhos de modo em geral, andam egoístas, cada um por si e Deus por todos. Isso é passado de uma forma muito clara para as crianças e a gente como educador tenta passar outros valores. A gente vê uma coisa caminhado meio que para o caos, eu não consigo ver de uma forma positiva .

P: E você acha que a comunidade de Austin de alguma maneira sofre as consequências dessas mudanças?

R: Eu acredito que essa agressão não seja tão grande. Aqui já sofre com a questão da água, mas eu não vejo assim as pessoas depredando, sujando, pichando, não vejo isso aqui, até porque é uma comunidade meio que rural, ainda não tem a consciência ambiental, mas também não procuram piorar o local onde elas vivem.

P: Com relação a autonomia na sua pratica?

R: Ela existe. De certa forma, o professor trabalha da forma e com os métodos e as práticas que ele acha que vai dar resultado, e de certa maneira essa autonomia é cobrada, por parte da orientação, coordenação, que traga do professor uma resposta, um resultado.

P: Por que você veio trabalhar em Austin?

R: Na verdade porque foi a oportunidade que me apareceu. Assim que me formei, fiz vários cursos, e foi a primeira prefeitura que me chamou. Como eu morava em Inhaúma, gastava muito dinheiro de passagem, e acabei vindo morar aqui e não me arrependo, gosto do lugar, do ambiente e pretendo continuar residindo por aqui.

P: O que você acha do lugar, Austin?

R: Olha, em relação ao lugar em que eu morava, aqui é um paraíso. Porque eu morava em área de risco, Complexo do Alemão, área de conflito, tinha tiroteio, blitz. Aqui não existe isso, mas tem outras questões envolvidas.

P: Com relação a realidade do lugar, dos moradores, dos alunos, você conhece?

R: Eu resido aqui, mas não fico muito preocupada. Dos meus alunos em si eu procuro saber como é a vida deles, como é que eles moram, mas a preocupação é mais aqui dentro da escola. Como é que ele está, se vai se desenvolver, se a família está ajudando, se tem algum tipo de colaboração... mas fora daqui, eu procuro separar as duas coisas, o que é difícil até para as pessoas que moram aqui, porque às vezes vão na minha casa me perguntar as coisas. Eles não sabem separar bem isso. Professor ainda é visto como aquele que não pode se divertir, as pessoas acham um absurdo ver o professor num bar tomando um refrigerante ou conversando... ainda tem muito isso aqui com relação ao professor.

P: Qual sua relação com um lugar onde você trabalha?

R: Eu acredito que minha relação seja boa, porque eu interajo com todo mundo, converso, eu acredito que seja boa, tranquila, não tenho problema.

P: Por que ser professor apesar de tudo?

R: É por ainda acreditar em uma utopia, é por acreditar que a educação é ainda um bem e uma prioridade pra que o país se desenvolva, para que as coisas aconteçam. As duas áreas que eu acredito serem mais importante são saúde e educação. A educação, por formar consciências, por formar as pessoas pensantes que vão contribuir para o país, e a saúde para

cuidar desse corpo, tanto físico quanto mental, porque são duas coisas para mim indissociáveis.

PROFA ES VFD 1508

P: O que a levou a ser professora?

R: Eu acho que já nasci com esse dom. Desde pequena, eu brincava de escolinha. Estudei pra ser secretária, só que não era bem o que eu queria, faltava alguma coisa. Depois de casada, resolvi fazer o curso de normalistas e segui a profissão com a qual me identifico.

P: Ser professora foi sua primeira escolha?

R: Foi, sempre foi. Não pensava em outra coisa. Acho que já nasci com esse dom mesmo. Eu gostava de livros, cadernos, gostava de ensinar, as minhas primeiras brincadeiras, que me lembro, eram sempre de brincar de escola.

P: Que fatores mais influenciaram a sua escolha?

R: O amor pela profissão. Não pensei no salário; se tivesse pensado, não seria a primeira opção.

P: Alguma vez você já se arrependeu da sua escolha?

R: Não, nem naquela hora em que você está saturada. Você vai embora pra casa, descansa e volta renovada.

P: Que aspecto do trabalho de professora mais lhe agrada?

R: Ver a criança evoluindo... quando você pega aquele relatório do início do ano, da criança que não sabia nem pegar no lápis, e chega no final do ano ela já sabe escrever as vogais, algumas palavras, lê frases... porque nem todos têm o mesmo ritmo, mas você vê aquele progresso. Isso é gratificante.

P: O que não lhe agrada?

R: O tratamento dado ao professor, em algumas escolas, pela direção, como se o professor fosse culpado de tudo. A educação está assim: os pais não se interessam, acusam o

professor do filho ter tirado nota baixa... estamos sempre na berlinda! Ninguém cobra do aluno, cobram do professor. Até se o aluno não aprender, somos cobrados.

P: Você acha que o novo estatuto da infância e do adolescente veio pra contribuir pra isso?

R: Veio, e muito... a inversão de valores. Em qualquer discurso, o professor é culpado.

P: A partir de que momento você começa a se enxergar como professora?

R: Eu sempre me enxerguei como professora, não conseguia me ver com outra profissão, como enfermeira, advogada... sempre tive “essa coisa” de ser professora. Eu dava aula para as bonecas. Eu acho que já nasci com esse dom.

P: O que você acha das outras profissões comparadas com a profissão de professora?

R: Vou ser sincera: eu não acho que o salário seja tão ruim assim comparado com as outras profissões. Eu trabalho 4 horas por dia. Mas é um desgaste muito grande, o professor tá muito desvalorizado, todo mundo culpa o professor de tudo. A cada ano ele desce um degrau. Todo mundo coloca o médico na frente, o advogado, e o professor fica por último. Hoje, se alguém fala: “Ah, eu quero ser professor.”, alguém logo diz: “Poxa, professor? Ah, vai ser outra coisa.” Antigamente não. Isso contribui para a desvalorização.

P: Com relação a sociedade e a profissão de professor, o que você pensa?

R: Os pais sabem que temos um valor fundamental na vida da criança, só que eles também não estão dando o apoio que deveriam dar, estão fazendo do professor uma babá, principalmente na série que eu estou, que você não pode reprovar. Você conversa com o pai o ano inteiro, e às vezes o pai não toma solução nenhuma, sabe que o filho vai passar. A sociedade sabe do valor que o professor tem, só que eles não estão dando esse valor, há uma acomodação. Isso acabou coma educação. O professor faz o mesmo trabalho, independente se o aluno vai ser aprovado ou não, mas que a gente fica chateado em pensar que aquela criança que o pai não ligou, não deu atenção, vai passar junto com aquele que se esforçou e conseguiu.

P: Com relação a sua carga horária, como ela é?

R: Hoje em dia, o ano letivo aumentou. Na minha época, a gente tinha férias de 3 meses. Agora, eles colocam aula até na semana do natal e os alunos não estão aprendendo. Tá

ficando desgastante para o professor, que não consegue cumprir o seu plano de aula. Hoje muitos professores ficam doentes, tem que tomar remédios, tranqüilizantes, para conseguir trabalhar.

P: Com relação à capacitação, atualização, você tem?

R: Sim, mas as palestras estão fora da realidade: parece que tudo vai dar certo. Mas quando você tenta aplicar em sala, colocar em prática o que o palestrante fala, você entra numa turma de 30 alunos pra fazer um trabalhinho desses, você não consegue. Essas palestras tinham que ser dentro da realidade de sala de aula, eles não conseguem entender o que acontece. A maioria das palestras está completamente fora da realidade.

P: Com relação aos recursos, materiais, instalações, o que você pensa?

R: Eu não sei o que o município disponibiliza. Pelo que sei, disponibilizou computadores, mas ficaram 1 ano sem usar, ou porque não tinha professor, ou porque estava com defeito, e a secretaria não manda concertar porque não tem verba, o recurso é pouquíssimo. Os pequeninos precisam muito de imagem, visualização bonita, mural... você vai pedir um papel não tem. Os próprios professores quando querem variar vão lá e compram. Os pais, raríssimos aqueles que colaboram. Botaram o quadro branco, mas o professor é quem tem que comprar a caneta e o apagador.

P: Com relação ao salário de professor, qual sua opinião?

R: Comparando com o que muitos trabalhadores fazem e o salário mínimo, eu não acho tão mal assim, por que tem trabalhadores que trabalham o dia inteiro para ganhar um salário mínimo. Por outro lado o salário é pouco, porque são 4 horas desgastantes demais, se bobear o dinheiro nem compensa. Você gasta o dinheiro todo em remédio. O professor deveria ganhar melhor pela responsabilidade que ele tem, e pelo desgaste com os alunos.

P: Com relação a autonomia na sua prática de trabalho?

R: Aqui na escola, a autonomia é total. Você monta o currículo daquele ano, a maneira que você vai aplicar o currículo fica a seu critério. É ruim por que a gente não tem material pra trabalhar aqui.

P: Porque você veio trabalhar em Austin?

R: Primeiro, porque foi o concurso que eu passei. Depois tive a oportunidade de ir pro Rio, só que eu não quis ir, sabe por quê? Porque eu acabei me apegando às crianças daqui: elas têm problemas, são agressivas, igual a todas as crianças. Só que, comparando com o Rio, pelo que i e já conheci, lá é bem pior, até o relacionamento de um professor com o outro é pior. Parece uma competição, o que pelo menos aqui na escola não acontece - um ajuda ao outro, não tem essa competição. Então eu prefiro aqui, acho mais tranquilo.

P: O que acha do lugar?

R: Acho que Austin é um lugar bem pobre, carente de policiamento, limpeza. Você não vê carro de polícia, gari. Precisa melhorar muito. Tem ônibus pra tudo que é lugar, mas ônibus muito precário, não tem semáforo, faixa de pedestre. Você dá aula, explica, mas a criança aqui não vê isso. Você ensina as leis do trânsito e aqui não tem lei. Fazer uma política de urbanismo, coisa que não vai aparecer muito, o poder público não vai fazer.

P: Com relação a realidade aqui do bairro, das pessoas, das crianças, o que você pensa?

R: Uma realidade muito mista, porque têm crianças pobres, muito pobres mesmo, como têm crianças que a mãe vai trabalhar, compra coisas caras, procura dar o melhor... mas esses que tem um padrão mais elevado são poucos, são raros. A maioria vive uma realidade precária.

P: Você se identifica com esse lugar, com Austin?

R: Por ter tido também uma infância muito pobre, eu me identifico. Por isso, entendo eles, me identifico com esse lugar. Minha infância foi restrita, com muita dificuldade. Se a pessoa vier de um padrão elevado, não vai entender por que a criança pega o biscoito do chão e come. Porque se ela não comer, depois os pais não vão comprar. Então o colega deixa cair, a criança vai lá, pega e bota na boca. No fundo, a gente sabe que se a criança não comer aquele, ela não vai comer de novo.

P: Há diferença na sua prática de trabalhar em Austin ou em outro lugar?

R: Aqui eu tenho que dar aula da melhor maneira possível, tanto é que às vezes eu queria mostrar mais coisas pra eles e não consigo, por falta de material. Procuro trazer novidades, dependendo do que nos oferecem. Se na escola tiver tudo, não há necessidade do desgaste de correr atrás para conseguir material, comprar material. O conteúdo é o mesmo,

mas o que muda é a maneira de dar aula, a maneira de apresentar o conteúdo. Sempre procuro diversificar.

P: Por que ser professora?

R: No meu caso, é dom. Acho que já nasci com esse dom, ou predestinada a isso, tanto é que fiz vários cursos, até tentei outras profissões, mas sempre ficava faltando alguma coisa. O que estava faltando? As crianças para que eu pudesse transmitir o conhecimento. Percebi que tudo me levava para o magistério. O que me satisfaz é pegar na mão, é o A E I O U, é alfabetizar mesmo.

PROFA NLA JAT 1808

P: Professora o que a levou a ser professora?

R: Minha mãe sempre dizia pra mim: “você vai ser professora”. Na época, a formação era em pouco tempo e se tornava relativamente mais fácil que outras profissões. Minha mãe era costureira, autônoma, vivia trabalhando demais e recebendo de menos. Ela dizia “eu não quero isso pra você”, então ela me convenceu a ser professora.

P: Como foi a construção desse processo para se tornar professora pra você?

R: Olha, foi um processo fácil. Eu sou evangélica e na minha igreja tem escola dominical, que é um espaço criado para ensinar as lições bíblicas para as crianças. Então, desde muito cedo, eu já tinha turma na igreja, comecei a lecionar lá desde os 12 anos de idade. No momento do curso de formação de professores, com a experiência que tinha da igreja, eu ajudava as colegas nos momentos do estágio em que elas não sabiam como reagir, quando uma criança chorava ou agredia a outra... Já tinha passado tantas vezes por isso que iniciei o curso aos 17 anos. Para mim, era fácil e até ajudava as colegas.

P: Foi sua primeira escolha?

R: Na verdade, não tive uma escolha. Nunca pensei em outra área porque, naquela época, há quase 30 anos, as opções eram curso normal, contabilidade, secretariado ou enfermagem, que estava muito na moda. Acabei ficando com o curso normal mesmo.

P: É acho que você já respondeu. Os fatores que influenciaram você na escolha foram seus pais no caso. Porém, você já se arrependeu da sua escolha?

R: Não nunca me arrependi. Eu me identifico muito com essa profissão, gosto muito do que eu faço... então, nunca passei por essa questão do arrependimento não.

P: Que aspecto do trabalho mais lhe agrada?

R: A relação com a pessoa. Gosto muito de lidar com pessoas, estar em contato com elas é muito bom, e essa pessoa sendo criança é melhor ainda. A criança é mais pura, tem menos malícia, e é mais verdadeira na hora de tratar com você. Essa relação me agrada muito, acho que cresço todos os dias trabalhando com crianças.

P: O que menos agrada?

R: Toda a dificuldade que envolve ser professor na sociedade de hoje. Uma das grandes questões é o descaso em que a gente vive, com relação às políticas públicas, que sempre dizem que a gente pode trabalhar do jeito que a gente quer, mas no fundo isso não é verdade, você tá sempre vigiado (sem autonomia, grifo meu).

P: Quando você começou a se sentir professor de verdade?

R: Me sinto professor desde sempre, eu acho. Minha mãe brinca que, quando eu era muito pequena, a minha avó falava muito carregado no R, então quando ela chamava meus irmãos, eu já ensinava para ela. Depois cresci como filha mais velha, entre adultos, sempre ouvindo eles falarem, prestando atenção na correção. É uma qualidade de professor ser observador, e acabei me sentindo professora desde sempre, principalmente por ter começado na igreja tão cedo.

P: O que você acha da profissão de professor comparado com as outras profissões?

R: O professor está muito desvalorizado. A gente sente isso. Eu faço uma formação, pós formação superior com neurociência, que eu trabalho. A gente tem vários tipos de formação diferente lá no mesmo grupo e quando a gente diz que “ah, eu sou pedagoga” ou “sou professor de criança pequena”, aí é que a gente fica desmerecido mesmo. As pessoas não levam em conta a sua opinião, acha que você sabe menos, e na verdade esquecem que todos eles passam pelo professor. Então a gente está muito relegado na sociedade. O professor está desvalorizado mesmo.

P: Na sua opinião, o que a sociedade pensa sobre o professor?

R: Bom, o que ela pensa eu não sei. Mas como ela trata, eu vejo, sinto na pele. Antigamente, a gente pensava que a professora era a segunda mãe; hoje, nem de longe o professor é comparado como mãe, primeiro porque a própria mãe da criança não valoriza mais o professor. A gente vê muita cobrança hoje com o professor e pouca participação, pouco envolvimento por parte dessa família que cobra. Acho justo que se cobre do professor, mas a gente também precisa desse apoio familiar. Precisamos trabalhar juntos.

P: O que você acha da sua carga de trabalho dentro e fora da sala de aula?

R: Bom, eu tenho um sonho que eu acredito que todo professor tenha: uma carga horária dividida entre o trabalho com o aluno em sala de aula e o planejamento. Muitas vezes, usamos o final de semana para planejar. Então você pensa que se o professor escolher aplicar, investir na formação dele fora do horário de trabalho, tem que ser no sábado, pensando ainda na família, marido e filhos. No final de semana eu gasto pelo menos 4 horas fazendo planejamento porque sei a importância que desse plano de estudos. Sem contar com a produção do material didático. Eu já fui a papelaria comprar mapa porque eu precisava trabalhar a divisão política no Brasil. Isso é o essencial dentro da sala de aula. Quando se trabalha com alfabetização, você precisa de muitos recursos. Eu tenho que fazer um investimento pesado, porque a escola não oferece isso para a gente.

P: Na sua opinião existe capacitação, atualização para os professores?

R: Olha, existe pelo menos uma tentativa. De vez em quando, a gente faz cursos de capacitação. Mas a qualidade dessa formação, mas ninguém nos pergunta do que precisamos, quais são nossas dificuldades...

P: Ela não sai de dentro pra fora, de dentro da escola pra fora...

R: Então, isso é complicado. Teve um ano que nós tínhamos uma grande dificuldade na rede que era a alfabetização dos alunos do 3º ano, por causa dessa questão do ciclo, que o aluno não podia ficar retido mais de uma vez no 3º ano. Ele passa automaticamente, sem saber, então a rede foi percebendo que precisava de professores alfabetizadores. Naquela ocasião eu estava dentro da Semed, trabalhava como supervisora, e sugeri montarmos um grupo de profissionais para passar a experiência deles, porque é uma experiência real, é dentro da nossa comunidade, na nossa realidade, nossa clientela; não é nada que vai vir de fora, não é

nada que você tenha que pagar um milhão de reais pra conhecer. A sugestão não foi acolhida. Então, é assim: o que a instituição de fora pensa e manda pra gente. Acredito até que eles tenham uma boa intenção, mas não atende.

P: O que você acha sobre os recursos materiais que são oferecidos pelo município?

R: Os recursos são quase nulos. A gente percebe que não há uma política pública voltada para a educação em Nova Iguaçu. Eu tenho um exemplo, da minha vida: estudei em Austin, município de Nova Iguaçu, na escola pública Nena Rodrigues. Quando entrei na escola, tinha 7 anos de idade (minimamente isso já tem 40 anos). Naquela época, era um espaço alugado e ele continua alugado até hoje. A escola literalmente caiu na cabeça das crianças, o reboco do teto caiu, atingiu algumas crianças, sorte que não foi um acidente muito grave. A nossa escola tem um vídeo montado com o histórico, como é que nós chegamos aqui, porque é uma escola pequena, instalações muito simples; a gente só tem 6 salas de aula, no entanto já foi muito pior. Precisou fazer mutirão da comunidade pra ajudar. Nós tínhamos uma vala negra que cortava a escola aberta, as crianças brincavam de se esconder debaixo da escola, praticamente dentro da vala negra. Hoje a gente está vendo o reflexo disso, porque hoje não pode abrir um poço artesiano aqui, porque a água pode ser contaminada. Esse valão ainda existe, ainda passa aqui do lado da escola. Não há investimento, a gente não vê construção da escola. Se temos 90mil eleitores na região, tendo cada eleitor 2 filhos, veja a quantidade de alunos que teremos até o ensino médio. E a gente ainda vê a prefeitura se vangloriar disso, dizendo que construiu escolas (construiu uma e fizeram poucas reformas em outras). Vejo com muita tristeza a situação, as escolas estão precárias demais. Nós ficamos aqui 2 meses sem 2 telhas na sala de educação infantil. Para que houvesse uma mobilização da secretaria para trocar essas duas telhas, a gente teve que fazer um movimento (sou presidente do conselho escolar da escola), até conseguirmos essa assistência. Foram mais de 2 meses mandando email todos os dias, telefonando todos os dias, mandando fotografia, os registros que a gente pedia, convocamos a secretária para uma reunião aqui conosco – e ela não compareceu, mandou alguns representantes mas ela pessoalmente não veio. Então, é tudo muito complicado, muito difícil, fora que tem 11 anos que a escola não recebe uma pintura. A realidade infelizmente é essa.

P: Interessante como parece que é recorrente não só aqui em Nova Iguaçu, mas nas escolas da baixada, a prática dos municípios de não construir escolas, eles alugam e vão

dando jeito vão empurrando..., tampa buraco ali, ajeita uma coluna aqui e vai..., é interessante isso.,

R: Isso mesmo. Na escola Nina Rodrigues, que é uma escola do meu coração, escola da minha infância, por exemplo, disseram que fizeram um investimento de 70 mil reais numa obra de reparo. Se você olhar a obra que foi feita, não gastaram 7 mil,

P: Tive lá hoje e entrevistei uma professora,

R: Então você pode ver, constatar que não houve obra e:

P: Foi a tinta mais cara do mundo,

R: Você viu a tinta? Eles colocaram na minha época, não tinha aquelas telhas lá no final onde colocaram em baixo da mangueira. Então, foi aquele telhado, o reboco do teto e a pintura.

P: E a sala tá interditada, aquela sala que te falei que caiu tá fechada, trancada,

R: Obra lá não houve.

P: Como você se sente como professora?

R: Adoro minha profissão. Gosto de ser professora, gosto da relação humana, da relação com a criança, me sinto bem quando me avalio nessa questão, sobretudo na educação especial. A gente tem casos assim, muitos graves, de saúde, de superação. Tenho uma aluna que tem 38 coágulos na cabeça pressionando o cérebro, mitocondriopatia, ou seja, as mitocôndrias que são responsáveis por dar energia a célula, não estão funcionando. Então, as células vão morrendo e os coágulos vão aumentando e pressionando o cérebro. A medida que o cérebro fica pressionado, elas vão perdendo algumas funções motoras. Ela já não anda mais, está na cadeira de rodas, tem muita dificuldade de falar, mas tem uma alegria de viver, tem esperança, progride e assim, a força que essa criança tem faz a gente crescer como pessoa.

P: Como você vê a atual crise no mundo?

R: Desde que o mundo é mundo, existe crise. Penso também que o mundo é formado de ciclos. A gente viveu um grande período de opressão; depois a gente foi se libertando e começou a viver o que se chama democracia. Mas não é o que a gente vive de verdade. A gente tá caminhando pra entender de fato o que é a democracia. O país está crescendo muito

devagar, mas há um crescimento, a gente não pode negar isso. Tenho esperança que essa crise vá passar... há também, por outro lado, a crise das relações - relação familiar, relação com o próprio trabalho. A gente está numa sala de informática onde os computadores existem pra que um usuário trabalhe nele. Então, isso vai isolando, vai desmanchando as relações. Isso é muito complicado, mas eu penso que esse ciclo vai se fechar com a percepção de que a gente não consegue viver isolado, a gente não pode viver isolado, a gente precisa do outro, precisa estar junto e a escola ainda é esse ambiente que agrega.

P: Com relação ao salário do professor, qual a sua opinião?

R: O salário é um problema serio. Nosso grande desejo é trabalhar metade na escola e metade em casa. Como é que o professor pode se manter com o salário que ganha ficando meio período em casa? Não tem como, a gente não consegue viver. Aqui na prefeitura de Nova Iguaçu, se comparado a outras prefeituras, a gente tem um salário razoável, só que esse salário razoável também é problemático, pois a gente não sabe até quando essa prefeitura vai conseguir manter.

P: Cheio de incertezas,

R: O ultimo prefeito deu aumento e foi embora, acabou o tempo dele. A prefeitura atual vai conseguir manter, porque na verdade o salário é muito pequeno, pouco menos que dois salários mínimos. O que a gente tem são enxertos, pré-salários que podem sair a qualquer momento. É uma vergonha o salário, e viver com ele, com esse ideal de professor, não tem condição.

P: Em relação a sua pratica educacional, você tem autonomia, você acredita na autonomia?

R: Olha, comparado a outras escolas, a gente tem autonomia, tem uma equipe bem formada, tem a sorte de ter reunido profissionais legais., então a gente vê orientador pedagógico que leva em conta a sua pratica o seu jeito de trabalhar a sua forma de trabalhar, e a gente elenca aí o currículo mínimo, para que todo mundo a partir dele, desenvolva o seu próprio trabalho. Mas a verdade é que essa liberdade de trabalho não existe. A partir do momento que eu como educadora acredito na educação, na troca de experiência, eu queria que meu aluno experimentasse mais, vivenciasse mais, aprendesse junto com o colega, participar dessa comunhão para a aprendizagem acontecer. Aí eu entro numa sala de 20 metros quadrados onde preciso acomodar 40 alunos em carteiras individuais que não serve para

encaixe, não serve para formar grupo. São carteiras universitárias. Se eu quiser abrir mão das carteiras para poder acomodar melhor esse meu aluno, para que possam olhar um para o outro, eu não posso. Não posso pedir essa criança para sentar no chão, porque normalmente ela só tem uma muda de uniforme e o chão tem muito barro. Como é que esse uniforme dura o ano inteiro? A gente não sabe. É muito difícil de dizer que você tem liberdade. A liberdade não existe a partir do momento que você está impedida, por vários fatores da própria escola.

P: Por que você veio trabalhar em Austin?

R: Bom, eu sou do tempo das parteiras. Eu nasci em Austin, estudei aqui, a minha história de vida é aqui. Casei e crio meus filhos aqui, só tive que sair para estudar o ensino médio porque não tinha mais formação em Austin. A região merecia mais escolas, mais cuidados. Sempre quis trabalhar aqui. Fui para o Rio me especializar em educação infantil e voltei pra trabalhar aqui.

P: Como você reconhece a realidade do lugar, das pessoas? Faz diferença na sua prática, conhecer essa realidade?

R: Isso faz toda a diferença. Vejo algumas colegas que vem de outros bairros, até de outros municípios, que quando elas chegam aqui, falam das crianças como algo distante. Eu falo dos meus vizinhos. Tenho muito carinho por esse lugar e conhecer a vida deles faz toda a diferença, porque é você que está planejando. Você precisa conhecer a realidade para não cometer erros que eu ainda cometo, apesar de tanto tempo apesar de tanta vivência. Por exemplo, outro dia eu estava com um livro de história com pouco texto e nele tinham cenas de uma casa. A criança ia identificando comigo que lugar e que ambiente eram aqueles. Perguntei ao meu aluno, quando vimos a figura de um sofá, se ele sabia que objeto era aquele. Ele respondeu que sabia que era um sofá e que o lugar da casa onde o sofá ficava era o quintal. Disse isso porque na casa dele só havia um cômodo. Quando eu entrevisto os pais de todos os meus alunos, são 26 hoje, eu tenho dois que tem cama. O restante dorme todos em colchonete. Isso faz muita diferença,

P: Porque ser professora apesar de tudo?

R: Parece contraditório né, assim eu amo a minha profissão, já falei para você que eu curto muito essa coisa da relação de estar junto com as pessoas, e criança é um barato né,

criança diz muita coisa boa eu aprendo muito com eles o tempo todo então assim, eu gosto mesmo de ser professor e também porque eu quero contribuir essa contribuição na verdade é uma retribuição, assim como hoje eu sou uma poucas do meu bairro que tem o nível superior, que tem um carro, que tem uma casa própria conseguindo isso através do estudo eu quero mostrar pra eles que eles também são capazes, infelizmente a gente conversando com as crianças eles almejam coisas muito pequenas ainda, porque eles não acreditam que possam alcançar coisas maiores, é outro dia eu fiz uma pesquisa com meus alunos, o que eles queriam ser quando crescessem, e aí tem ajudante de carregador de caminhão, pedreiro, ajudante de pedreiro porque não ser pedreiro? Não tia pedreiro meu pai disse que trabalha muito é melhor ser ajudante, então assim, não há nenhuma é problema em ter essa profissão e você tem essa opção, tem que ser o pedreiro tem que ser o carregador de caminhão porque você não pode ser mais nada porque lhe foi negado o a oportunidade, então isso que eu procuro mostrar para eles, oh! Vocês podem mudar se o pai de vocês carrega o caminhão, vocês podem ser donos do caminhão então vamos dirigir o caminhão, comprar um caminhão, tia mas é muito caro não sei o que, vocês conseguem como que vocês conseguem, tem que ser através do estudo ainda, nessa esperança que eu continuo sendo professora.

P: Professora N muito obrigada pela sua contribuição mais uma vez e que você continue contribuindo com seu trabalho para a educação dessas crianças OK.

PROFA SSL JLS 2208

P: Professora S o que a levou a ser professora?

R: Eu não queria ser professora. Fiz prova para enfermagem e não passei. Minha mãe dizia que pobre tinha que ter profissão. Aí eu fui fazer magistério, sem querer, mas no decorrer do curso eu me apaixonei e hoje sou professora porque gosto.

P: Esse processo da construção da sua identidade como foi?

R: Eu iniciei o meu curso de magistério no Nordeste quando morava em Pernambuco. Lá a escola era ruim, o curso em si também foi muito ruim, e no meio do curso eu passei pro Rio de Janeiro, vim morar no aqui e fui estudar no Instituto de Educação de Nova Iguaçu. Foi no Instituto que percebi mesmo o que era ser uma professora, as técnicas de aprendizado e comecei a me interessar por isso. Logo depois que me formei e passei pro concurso daqui,

comecei a fazer faculdade no Instituto de Educação do Rio. A construção foi no cotidiano mesmo, mas eu sempre tava fazendo um link com o que eu estava fazendo na faculdade. Foi basicamente a minha faculdade no Instituto de Educação que me abriu os olhos pra dimensão do que é o magistério, qual é a nossa função, o que fazer, qual é o objetivo do professor e principalmente a consciência política do que é ser um professor, minha identidade como professora.

P: Foi no Rangel Pestana?

R: O curso normal foi no Rangel, a faculdade de normal superior foi no Instituto de Educação no Rio de Janeiro, na Mariz e Barros.

P: Que fatores influenciaram nessa escolha?

R: A consciência política que eu tenho da minha profissão vem parte pela minha identidade de vida. Sempre fui uma pessoa questionadora, crítica, mas fui me moldando de acordo com os meus estudos na Universidade, fui moldando minha visão, meu olhar político e o trabalho. Esse tipo de relação que eu tive com o estudo, com o ler - eu leio muito sobre educação, a minha formação é basicamente voltada para a educação especial, pra dificuldade de aprendizagem - foi uma questão de olhar o mundo e tentar enxergar as pessoas de forma diferente. Hoje eu consigo compreender meus alunos que tem dificuldades de aprendizagem, porque eu consigo entender que aquela dificuldade é fruto de “n” coisas que ocorrem na vida dela. Foi na prática, trabalhando com ele, e lendo sobre os autores, sobre o assunto, estudando que a gente vai construindo a identidade e trazendo para a prática.

P: Você já se arrependeu alguma vez dessa sua escolha?

R: Nunca me arrependi. Questiono o fato de a gente estudar muito, se preparar tanto e não ser valorizado. Mas nunca me enxerguei fazendo outra coisa na vida, nunca parei pra pensar em fazer concurso em outra área. Quero que a minha profissão seja valorizada, luto pra isso, mas nunca me vi em outra profissão, nunca parei pra pensar “não quero isso pra mim”. Nem mesmo mudar de função dentro da minha profissão, porque a maioria dos professores querem sair da sala de aula. Eu já estive fora da sala de aula pela educação especial, mas senti falta de lecionar. É uma escolha mesmo.

P: Que aspectos da profissão lhe agradam?

R: O crescimento do outro. Acho que é o que mais me motiva é saber que faço parte do crescimento de um ser humano, que estou contribuindo para o desenvolvimento de uma criança, para a formação de uma pessoa... isso é o que me emociona na minha profissão. Tenho muito orgulho disso, de saber que daqui a 20 anos eu posso encontrar um adulto na rua que vai lembrar de mim, que vai lembrar do que ele aprendeu... isso é o que mais me emociona.

P: O que mais te desagrada?

R: A desvalorização profissional, não ter condições mínimas de trabalho, saber que eu poderia fazer muito mais, mas não tenho os recursos adequados pra isso. É ter que me desdobrar em três turnos para poder ganhar um salário digno e investir em capacitação. A gente tem que dar jeitinho, a gente enrola, mas perde na qualidade. Isso é o que mais me chateia.

P: Quando é que foi que você começou a se sentir realmente professora?

R: Quando eu peguei minha primeira turma que era uma turma muito difícil. Em dois meses, a turma tinha mudado da “água pro vinho”. Eu consegui dimensionar a importância que eu tive na vida daquelas crianças, o quanto eu fiz a diferença na qualidade de vida e na aprendizagem delas. Foi a partir desse momento que eu tive a real consciência do meu papel, que eu percebi que eles estavam mudando a vida deles, a partir da minha intervenção.

P: Em comparação a outras profissões, como você vê hoje a profissão de professor?

R: Como eu já te falei, existe uma desvalorização financeira. Sou referência cultural para as pessoas quando elas têm dúvidas, principalmente relacionadas à infância no desenvolvimento do ser humano ou a questões históricas, me enxergam como uma pessoa culta e inteligente, mas não tenho valorização profissional. Conheço diversas outras profissões que têm um desempenho financeiro muito melhor do que o meu. Percebo é que o professor, quando ele investe na sua formação, quando lê, estuda e entende o cotidiano, ele se torna uma pessoa extremamente culta, bem informada, tem valor de pensamento diferente dos outros, enxerga a realidade de outra maneira... porque as outras profissões são muito fechadas. O dentista só pensa em dente, o empresário na empresa e o professor não, ele tem uma dimensão gigantesca na sua prática.

P: Em sua opinião, como a sociedade vê o professor hoje?

R: Acho que, no geral, a gente ainda tem aquela visão de que o professor é muito importante, de que o professor merece ser valorizado... Mas, ao mesmo tempo, as pessoas não conseguem compreender o quanto essa relação que o professor tem com os seus filhos, com os filhos dos seus filhos, é muito mais ampla do que o aprender a ler e a escrever. No dia a dia, as pessoas não valorizam a função que o professor tem na vida dos filhos, é uma utopia. Um dia, quem sabe...

P: O que você acha da sua carga horária?

R: Extremamente cansativa. Até o ano passado, eu tinha uma matrícula. Esse ano, estou com duas matrículas, acabando com minha saúde, problema de estômago, cansaço, dor de cabeça, problema articular... a carga de trabalho é muito cansativa, porque você não deixa o trabalho quando você sai da escola. É muito estressante. No seu momento de descanso, você precisa pensar em atividades para o aluno, fazer plano de aula, elaborar provas, se preocupar porque 3, 5, 10 alunos não estão aprendendo... você pensa no aluno que está faltando, nunca se desliga da sala de aula, e isso vai acabando gradativamente com a nossa saúde mental e física. Há sete anos eu achava que o professor que pegava licença era um cara que não queria trabalhar; hoje em dia, vejo o quanto de esforço eu faço para estar todo dia na sala de aula, quantas vezes eu levanto querendo não vir trabalhar porque estou exausta, cansada, passei o fim de semana estudando, trabalhando, fazendo plano de aula, montando material... então é cansativo, estressante, e hoje eu entendo porque tem tanto professor de licença na rede.

P: Em sua opinião, existe capacitação ou atualização para os professores?

R: Essa questão para mim tem dois nortes: o primeiro é a capacitação oferecida pelas secretarias de educação; a segunda é uma auto-capacitação. Posso ir a dez capacitações oferecidas pela secretaria de educação e não me capacitar posso não ir a nenhuma e me capacitar estudando, procurando... Ir a uma palestra, a um curso, traz pra mim algum benefício, é uma diferença que vai me fazer refletir, mas capacitar é você repensar a sua prática cotidiana. Seria perfeito se o professor tivesse um espaço de troca de experiências e de reflexão da sua própria prática. Da forma como acontece, eu não entendo como uma política pública de capacitação de professores. Seria uma política de capacitação se o professor tivesse espaço pra construir e refletir a sua prática.

P: Qual a sua opinião sobre os recursos materiais e instalações oferecidos pelo município.

R: Horríveis, péssimos. A gente não tem materiais para trabalhar. A minha escola, em especial, é extremamente deteriorada, não dá vontade de aprender, não dá vontade de estudar, é feia, mal estruturada, barulhenta, sem recursos... Os alunos tem que andar pelas escolas atrás de cadeiras porque não tem cadeira para todo mundo. Se um dia vierem todos os alunos da escola, vai ter gente que não vai ter lugar pra sentar; a gente não tem espaço pra guardar material, nem tem material; a verba que a escola recebe é para ir remendando as coisas que estão destruídas. Então, a verba não pode ser investida na parte pedagógica, a gente tem que se virar em mil, tem que gastar o nosso dinheiro, fazer do jeito que a gente pode fazer. A secretaria de educação e a prefeitura não investem em nada. Não é a minha escola, é a rede inteira que tem essa política de não se investir na parte pedagógica, apesar de quererem resultado,

P: É, até reparei uma coisa, tinha uma professora botando dinheiro da Xerox que ela tirou não é?

R: Exatamente, porque aqui na escola, por exemplo, a gente tem uma cota de Xerox: 80 cópias por professor e 30 alunos em cada sala; se eu der 2 folhas de atividades diferenciadas, eu tenho que pagar, e é o que a gente faz aqui. A gente tem compromisso, não dá pra você passar o mês inteiro com giz e quadro negro; a gente vai se virando em mil, pega retalho, pede pro marido trazer folha que já foi usada, faz reciclagem de folha... por isso que eu disse, perdemos na qualidade, porque às vezes a gente quer fazer uma atividade diferenciada, recorte e colagem com os alunos, e você precisa comprar todo o material, tesoura, cola, revistas. Quando as colegas precisam, vão na minha sala me pedir. Já é comum, a gente nem procura mas questionar a prefeitura quanto a isso. É óbvio que é um erro deles, mas virou tão comum não ter que as pessoas já vão sobrevivendo dando aula com seus próprios recursos.

P: Banalizou, o que está errado.

R: Exatamente, porque a gente cansa. A gente já fica com vergonha de pedir, achando que a gente está errado. Todas as outras profissões tem material básico pra trabalhar, não tira um grampo do próprio bolso, só o professor faz isso...

P: É interessante você falar isso da empresa, porque hoje é uma tendência transformar o professor em um funcionário de uma empresa privada, não é? Muitas cobranças...

R: É a lógica de mercado. Querem transformar a educação em mercadoria, mas não querem privatizar, não querem trazer o modelo de empresa...

P: Os benefícios do mercantilismo educacional.

P: Qual a sua opinião sobre o salário do professor?

R: Eu acho que está melhorando. Quando eu entrei na prefeitura de Nova Iguaçu, por exemplo, eu não tinha a dimensão política que eu tenho hoje, então eu achava que ganhava bem, já que a maioria das pessoas que eu conheço hoje ganha menos do que um salário mínimo. Mas quando eu comecei a construir a minha identidade como professor, percebi a dimensão do meu trabalho e o quanto eu me dedico pra que eu faça bem o meu trabalho e comecei a comparar a minha figura na sociedade com outras funções que não tinham a dimensão política nem a responsabilidade que eu tinha, e que ganhava muito mas que eu. As coisas têm melhorado gradativamente, não no meu município, mas no geral as coisas têm melhorado. Mas ainda está muito distante do que merecemos, diante da dimensão do nosso trabalho, da importância que a gente tem no desenvolvimento do país. A gente precisa melhorar muito. Acho um absurdo a gente ter que se matar de trabalhar pra ter o mínimo de condições financeiras, para ter uma vida digna, para poder custear até mesmo os nossos estudos, para comprar um livro. A gente ganha tão pouco, que não dá para comprar muitos livros, ir a bons museus, se atualizar... , o professor não consegue isso porque tem uma renda para custear uma vida básica, alimentação, transporte..., a gente trabalha muitíssimo pra conseguir um salário que dê para o sustento da nossa família.

P: Como você vê a atual crise mundial?

R: Dentro do modelo capitalista, estão quebrando porque as pessoas não estão aguentando sustentar esse modelo. E eu acho que vai piorando, há coisas isoladas não vão resolver enquanto não se mudar o modelo, à visão de mundo dessas pessoas, a gente não vai conseguir mudar, vamos continuar com esses problemas.

P: E de alguma maneira você acha que atinge você em sala de aula, seus alunos?

R: Com certeza, a gente sente na pele a fala de distribuição de renda, de recursos básicos pra trabalhar, de uma estrutura econômica que valorize todos e não apenas uma parcela da sociedade. Eu leciono preocupada em como vou formar essas crianças pra que elas não assistam passivamente o que estão fazendo com o serviço público, com os hospitais... preciso trabalhar com meus alunos uma consciência política para que eles no futuro não aceitem calados todos os desmandos que tem acontecido na política. Mas, ao mesmo tempo, eu acabei de dizer pra você que eu não tenho material pra trabalhar. Esse ano, o município fez

uma greve de uns 16, 17 dias, mas eu fiz questão de explicar pra eles que ato político foi esse, o que a gente tava querendo fazer, que não era simplesmente deixar de dar aula, não era isso o que a gente estava querendo. Diariamente eu tento passar isso pra eles, porque a gente percebe claramente o quanto eles sofrem, a gente sofre por conta deles. E tudo isso é fruto de uma política econômica.

P: E Com relação a autonomia na sua pratica educacional, qual a sua opinião?

R: Eu não consigo me perceber professora, sem ter o livre arbítrio pra desenvolver o aprendizado do meu aluno. Mas não acho que essa autonomia tem que ser cega, eu não acho que eu tenho que determinar aquilo que o meu aluno tem que aprender e do jeito que ele tem que aprender. Eu acredito que a gente precisa de uma base comum, que cada município e cada escola tinham que ter uma base pedagógica comum. Dentro dessa base comum, seria levado em consideração a realidade da escola, cada professor dentro da sala de aula a autonomia pra trabalhar, os conteúdos e as aprendizagem necessárias para os alunos, com a orientação de um orientador pedagógico. Ninguém pode me dizer o que fazer em sala de aula, porque sou quem conhece aquela realidade, tanto nas questões pedagógicas quanto no conhecimento da turma. Eu acho que a gente tem que ter uma orientação, um objetivo pré-determinado que contribua para o objetivo coletivo, o objetivo da escola.

P: É porque você veio trabalhar em Austin?

R: Porque eu moro aqui.

P: E o que você acha do lugar?

R: É um bairro com pouco investimento, como grande parte da baixada fluminense; um bairro que ainda tem muita pobreza, miséria; as casas foram construídas de acordo com os espaços que foram sendo tomados; o bairro foi crescendo com as próprias pernas e nunca se teve uma visão política, um planejamento político para o bairro. Aqui ainda existe a política do coronelismo, compra de voto... Mas não há investimento no bairro. Eu percebo que a qualidade da vida das pessoas melhorou, você vê as casas melhorando, o saneamento básico, o comércio do bairro está aumentando, mas não tem estrutura pra crescer. Falta um investimento público.

P: É, com relação à realidade do lugar, dos seus moradores, dos seus alunos, você conhece?

R: A área em que a escola está é uma das áreas mais pobres do bairro, uma área abandonada; você percebe que as famílias são muito humildes, não têm uma perspectiva de vida. Os pais não têm dimensão da importância da leitura. Ninguém na família lê... e eles não sobreviveram? É uma comunidade muito carente, tanto de recursos financeiros quanto de consciência. Há 29 anos, quando eu nasci, a parte do bairro onde eu morava era como aqui, onde é a escola, e eu pude perceber que no caso da minha mãe e dos moradores do entorno, eles tinham a consciência de que eles queriam para os filhos, investiram na educação. Os anos estão passando e as crianças vão entrando e saindo da escola. A escola quando é compromissada consegue resultados. Às vezes, a criança tem todo o potencial, mas a escola não consegue dar conta disso; às vezes a criança não tem potencial e a escola, com o trabalho duro, consegue com que ela se desenvolva. Mas eu não percebo na família essa preocupação, os pais não têm essa consciência, do quanto eles têm direito de ter, do quanto eles são abandonados... então eles não lutam pelos seus direitos. Eles não têm dimensão do que o pouco que ele aprende aqui é muito pouco diante daquilo que ele poderia aprender.

P: Um estado de dormência social, uma letargia total,

R: Exatamente.

P: E pra você, faz diferença na sua prática, conhecer essa realidade?

R: Completamente! É primordial! Se a gente não conhece a realidade em que o nosso aluno vive, a gente não desenvolve nele as potencialidades que ele tem pra desenvolver, eu não consigo uma discussão que leve o meu aluno a olhar a realidade dele. \se eu não consigo nenhuma leitura dessa realidade, eu não consigo despertar nele esse olhar. Estou falando de dormência social: se eu não consigo olhar pra essa realidade, fazer as minhas indagações, refletir sobre elas e tirar minhas conclusões, eu não vou conseguir ensinar meu aluno a fazer isso; e a partir do momento que ele não fizer esse movimento, desenvolver esse olhar, compreender, perceber, indagar, refletir, ele não vai além disso. Para mim é primordial você entender, ate mesmo pra diferenciar um bairro do outro, saber as condições em que vive cada aluno, porque eu sei realmente o quê essas crianças têm passado porque elas trazem pra mim certos comportamentos, certos pensamentos, certas ideologias, e a partir dessas constatações que eu vou começar a construir com ele uma nova realidade, um novo pensamento, uma nova ideologia... É preciso entender a realidade de cada família. Eu tenho alunos que moram aqui, mas os pais trabalham fora e não são alfabetizados; outros têm alguma formação, mas querem

para o filho algo diferente..., temos várias realidades no mesmo bairro e na mesma sala de aula, como é que eu vou trabalhar essas questões? Eu tenho que ter esse conhecimento pra eu poder saber como que eu vou intervir com cada um.

P: Qual é a sua relação com o lugar, esse lugar onde você trabalha?

R: É uma relação emocional. Eu poderia ter escolhido morar em outro lugar quando eu me casei, eu optei por morar aqui, primeiro porque está perto das pessoas que eu amo e segundo porque eu tenho o sonho de ver esse bairro evoluir, e eu quero contribuir pra isso, para que as coisas mudem pelo menos na vida de alguém. Tenho uma relação afetiva com o bairro, por ter nascido aqui, por ter conseguido sair dessa estagnação, por ter conseguido criar uma consciência política. Hoje eu penso em contribuir pra o desenvolvimento do bairro. Se eu trabalho com crianças de classes populares, que seja no meu bairro, porque eu quero que ele evolua, eu quero contribuir para isso.

P: Por que ser professora, apesar de tudo?

R: Porque eu amo trabalhar com isso. Eu me apaixonei pela educação a partir do momento que comecei a entender o quê é isso. Hoje eu estudo a área de educação especial justamente porque eu tenho uma queda pelas minorias, quero mudar essa realidade. Sempre quis trabalhar com questões sociais, mudar a realidade das pessoas, e não tem lugar melhor pra isso do que a sala de aula, a escola. A relação humana que a gente tem é que me motiva a trabalhar, a importância que eu sei que vou ter no desenvolvimento do aluno. Se o meu trabalho for comprometido, ele vai fazer a diferença, como pessoas comprometidas fizeram a diferença na minha vida.

P: Professora S, muito obrigado por sua entrevista. Foi ótima! Que você continue com esses pensamentos.

PROFA TBS JLS 2208

Ele : Professora T, o que a levou a ser professora?

R: Inicialmente, influência da família. Venho de uma família em que a minha bisavó, a minha avó, as minhas tias, todas eram professoras. Todo mundo dizia que eu tinha vocação

para ser professora. Optei por fazer curso de formação de professores, mas no início fiquei meio insegura, entrei na pedagogia... não saberia hoje fazer outra coisa.

P: E como é que foi esse processo de construção da sua identidade como professora?

R: A princípio não foi muito fácil porque inicialmente eu me formei, eu fiz a formação de professores, mas eu não fui atuar na área. Trabalhei no comércio, passei uns 5, 6 anos no comércio. Então, quando eu fiz o concurso e passei para Nova Iguaçu, na primeira vez, me senti um peixe fora d'água. Fui jogada em sala de aula, sem nenhuma base prática, só com a teoria, mas entre teoria e prática tem uma diferença muito grande. Eram salas superlotadas, uma escola com várias carências, eu não sabia nem usar o mimeógrafo. Tive dúvidas se tinha escolhido a profissão certa, mas fui pelo lado humano, lidar com criança, e isso me cativa até hoje no magistério. A minha formação profissional no magistério foi aos poucos, gradativamente.

P: Foi a sua primeira escolha?

R: Não. Quando eu era criança, sonhava em ir pra área médica, queria ser veterinária ou pediatra. Só depois decidi que seria professora.

P: Que fatores mais influenciaram na escolha da profissão?

R: Bom, em primeiro lugar, a vocação; depois, a descoberta de como era trabalhar com crianças, estudando. A educação é uma área com a qual eu me identifico e vejo como um desafio mesmo. Você aprende a separar a realidade das crianças da sua...

P: Você alguma vez se arrependeu dessa escolha?

R: Não me arrependo, mas eu falo para minha filha que se ela tiver outra opção, ela não deve ser professora. É uma profissão digna demais, mas hoje a gente vive em um contexto complicado, em um sistema político onde não há muito interesse para que a coisa evolua de fato na educação. A gente encontra muitos empecilhos dentro da escola. Às vezes, a gente quer desenvolver um projeto que aborde a violência, que é o que mais preocupa hoje em dia dentro das escolas, até mesmo a violência doméstica que se reflete dentro da sala de aula. A criança não aprendeu a valorizar o espaço da escola. Mas acho que a minha filha vai seguir os meus passos.

P: Que aspectos da profissão mais lhe agradam?

R: A doação. Ensinar é uma coisa magnífica. Ver o que a criança aprendeu com você é impagável, até os problemas se acabam. Você sabe que aquilo ali é um ensinamento para o resto da vida, não tem como esquecer. A parte mais significativa de ser professora é lidar com o humano, você ensina as pessoas a se descobrirem.

P: E o que mais desagrada?

R: Ver que o próprio sistema dificulta o nosso trabalho. A gente se sente um pouco frustrado por não poder ajudar as famílias, porque muitas crianças têm limitações pelo que elas vivem em casa. A escola não consegue dar conta disso.

P: Quando é que você realmente começou a se sentir professora?

R: Quando eu entrei em sala de aula, porque uma coisa é você aprender os métodos de alfabetização de Bia Ferreira, Vigoski, Piaget; outra coisa é você colocar em prática com uma turma totalmente diferenciada, onde cada um está numa fase. Foi um desafio, eu achava que eu não ia dar conta... e o processo de alfabetização não é um processo rápido; é lento e delicado. Então, quando eu comecei a ver o resultado do meu trabalho, foi muito gratificante. Fazer uma criança descobrir que a partir da leitura ela vai descobrir o mundo é muito legal. Foi a partir daí que eu me identifiquei.

P: O que você acha é da sua profissão em relação às outras?

R: Está muito desmerecida, ela não tem o mérito que tinha antes, a dignidade, a respeitabilidade. Na época em que eu estudei, todo mundo olhava o professor com respeito. Hoje em dia falam do professor com um tom pejorativo.

P: E o quê, em sua opinião, a sociedade pensa sobre o professor?

R: Os pais não entendem as modificações propostas para o Ensino Fundamental, mudança de nomenclaturas, promoção do aluno... o professor perde um pouco o respeito dos alunos e dos pais...

P: O professor ele perdeu a tal respeitabilidade, nesse momento a sua importância talvez, com esse movimento, ciclo...

R: Perdeu porque o professor não tem mais o poder de decidir que aluno tem condição de passar ou não... o sistema empurra o aluno para a série seguinte, o crivo do professor não representa nada. Então, o professor perde um pouco da força sim.

P: O que você acha da sua carga de trabalho dentro e fora da sala de aula, como professora?

R: Como professora é muito pesado. Estava até discutindo isso na semana passada com uma pessoa aqui da escola. O ideal é que a gente tivesse equipe: um psicólogo, pessoas de outras áreas para dar um suporte técnico para a gente que lida com criança, pessoas na área de saúde, um orientador educacional e pedagógico que tenha mais um turno... Porque, por exemplo, a gente tem um orientador pedagógico, mas ele trabalha vertical, quer dizer, tem dias que eles estão aqui e tem dias que não estão. Essa equipe de apoio tinha que estar ali constantemente, porque muitas vezes a gente para as nossas atividades pra dar suporte aos alunos, agir como um psicólogo; a gente conversa com a criança, chama a atenção, concilia um problema... a equipe está desfalcada, sobrecarrega o professor, há uma falta de suporte técnico, sem contar a superlotação das salas de aula.

P: Em sua opinião, existe capacitação, atualização para os professores?

R: Não tenho participado das capacitações desde o ano passado, mas vejo vários professores sendo dispensados pra ir, principalmente esse ano com o programa do governo federal chamado Pró-Letramento, no qual Nova Iguaçu está incluído. Principalmente porque os professores podem fazer a capacitação no próprio turno em que trabalha, não precisa pedir licença se trabalha em outro município. Ouço dizer que os cursos são válidos porque dá para aplicar em sala de aula. Isso já é um ganho, porque quando eu participava, não achava válido, não tinha possibilidade de colocar em prática o que aprendíamos. Infelizmente nosso dia a dia não nos permite muita conversa, muita fantasia, porque o tempo com a criança é precioso e precisamos otimizar.

P: E qual a sua opinião sobre os recursos, materiais, instalações oferecidos pelo município?

R: Aqui a gente vive uma situação caótica. A escola é como foi fundada, nunca teve uma reforma estrutural. A diretora administra bem a verba que recebe e consegue comprar o material que precisamos para trabalhar em sala de aula; ela mandou comprar uma copiadora, auxiliou bastante no trabalho das meninas. Mas as instalações aqui da escola são precárias,

todo esse equipamento que você está vendo aqui está parado porque não tem instrutor. Quer dizer, é muito dinheiro investido em coisas que não são relevantes. Nós estamos “largados”. Recebemos uniformes em número insuficiente e em tamanhos que não correspondem aos alunos que temos... então temos alunos com uniforme, outros sem. Penso o seguinte: não é interessante para a prefeitura promover essa escola porque ela está escondida e não é carro-chefe de campanha de ninguém. Leonel Brizola, e na época que o Lindenberg era o prefeito, ele vivia dizendo que a escola José Luis estava na pauta dele para ser reformada. Mandaram engenheiros, disseram que o dinheiro estava na conta e, de repente, começa a obra lá em baixo a todo vapor, mas era fazendo uma escola nova em um terreno que não tinha nada...

P: Acidentado...

R: O nosso abastecimento de água é com pipa. Fomos reclamar e disseram que tínhamos que ter reclamado com o outro prefeito, pois o nosso dinheiro tinha sido investido na escola nova. Fizeram lá porque a escola fica na beira da estrada, é visível, dá para fazer uma boa promoção. Aqui ninguém vê! Acho que é por isso que a gente está largado aqui.

P: Nem telefone vocês tem...

R: Não, a gente tem um telefone comunitário que está há mais de seis meses escangalhado. A diretora solicita um técnico e nada...

P: E com relação ao salário do professor, qual a sua opinião?

R: Olha, se formos comparar com a maioria da população, estamos bem, pois ganhamos de dois a dois salários e meio. Mas se a gente for pensar no investimento que o professor precisa fazer para realizar bem o seu papel e na responsabilidade que tem, não estamos sendo bem remunerados.

P: E com relação a atual crise mundial, qual a sua opinião?

R: Acho que falta mais humanidade, pensar mais no outro, ter solidariedade. As pessoas pensam muito em si, a questão do dinheiro sempre na frente tudo. O dinheiro cega as pessoas. A crise mundial parte de três princípios o egoísmo, a ganância e a falta de humanidade das pessoas.

P: Você acha que de alguma maneira os seus alunos são atingidos?

R: Com certeza. Se há tanta gente miserável é porque há uma má distribuição na renda. O lema hoje é totalmente capitalista: se você não tem um celular touchscreen ou smartphone, você está fora! Se você não tem um computador em casa, você não está inserido. Mas a criança não quer ser excluída, então ela tenta se enquadrar num padrão que ela não consegue ter. Isso causa frustração. Se ela tiver uma boa orientação, ela consegue relevar isso tudo e se posicionar; mas ela pode não aceitar e buscar outros meios para ter... e aí é complicado.

P: E como você se sente enquanto professora?

R: Descrente. Parece que a gente está nadando, nadando, e morrendo na praia. Dizem que o professor é muito utópico, acreditam num sonho que nunca vai se realizar. Mas a gente tem que acreditar que a educação ainda é a saída.

P: E com relação à autonomia na sua prática, qual é a sua opinião?

R: Acho o professor da rede pública tem mais autonomia que o professor da rede particular. É bom ter autonomia, porém nem toda ação que parte de você depende somente de você. Tem todo um sistema por trás. Então a gente pode ter autonomia, tem que ter autonomia, mas se o sistema não colaborar, a nossa autonomia é limitada.

P: Ela não é plena.

R: Isso é o que mais acontece. Muitas vezes você quer realizar uma coisa que o sistema não permite que você coloque em prática.

P: E porque que você veio trabalhar em Austin?

R: Escolhi a escola mais próxima da minha casa, porque eu tenho um problema sério de acordar cedo. Além disso, achei que estaria rodeada de pessoas que conheço, não iria para um lugar totalmente estranho. Conheço bem a área. Hoje em dia têm alunos meus que já pais, mães. É um ambiente acolhedor. Acho legal trabalhar assim, perto de casa.

P: O que você acha do lugar?

R: Austin é um lugar meio esquecidinho, acho que precisava de políticos que atentassem mais para o bairro. O centro de Austin não muda há anos: é a mesma passarela, o mesmo comércio, a mesma disposição dos vendedores ambulantes... têm muitos bairros aqui que parecem zona rural, então eu acho que Austin está bem abandonado sim.

P: E você, conhece a realidade do lugar, dos moradores, dos alunos?

R: Moro na Rodilândia. Há 10 anos, era um lugar bem ruinzinho. Quando chovia, a gente tinha que pisar no barro; para sair com um sapato melhor, tínhamos que colocar sacos plásticos nos pés até chegar no ponto de ônibus. Hoje, após a pavimentação, a gente não tem mais aquele barreiro todo, mas tem outros problemas da pavimentação mal feita: se chover alaga. Se antes da pavimentação não alagava, então quer dizer que algo na pavimentação foi errada. A gente percebe que o lado onde passam os ônibus ficou mais alto e o lado das casas mais baixo. O rio transborda e as casas ficam alagadas. Se melhorou por um lado, piorou pelo outro. Aqui no entorno, alguns bairros estão numa situação ainda pior, ruas de chão, sem rede de esgoto, vala negra a céu aberto. No bairro do negreiro, a situação é tão ruim que, se chover muito, as crianças não têm condições de sair porque tem aquele barro vermelho, aquela tabatinga braba de atolar o pé. Passa muito caminhão que vai buscar aterro, então, quando chove, a rua fica intrafegável. Tem muita área carente aqui na região.

P: Pra você, faz diferença conhecer essa realidade na sua prática?

R: Totalmente. Porque conhecendo a realidade da sua região, você pode fazer considerações, você leva em conta a realidade onde eles vivem e trabalhar isso. Porque eles são crianças hoje, mas eles vão ser futuramente adultos e podem vir a intervir nessa realidade, serem atuantes a ponto de tentar modificar essa realidade.

P: E qual é a sua relação com o lugar onde você trabalha hoje? Digo não só aqui na escola, mas no bairro também?

R: É boa, tenho amigos aqui, apesar de tudo é tranquilo, não é um lugar de alta periculosidade. Acho que merecia melhorar, merece mais atenção, há um descaso com o lugar.

P: Se identificar com o lugar faz diferença no seu trabalho?

R: Trabalhar num lugar em que se sente bem, se identificar, é muito importante sim.

P: E porque ser professora apesar de tudo?

R: Gosto de lidar com o ser humano, gosto de ouvir as pessoas, de me sentir útil, de poder ajudar. Então, acho que ser professora é poder ser útil para alguém ou representar algo na vida de alguém.

P: Professora T, muito obrigada pela sua participação no nosso trabalho.

PROFA KVS KMF 2908

P: Professora K, o que a levou a ser professora?

R: Não foi uma escolha pessoal, um sonho, uma inclinação, nada disso! Eu não tinha opção de fazer o 2º grau que eu queria, informática, que estava em moda e a gente achava que era a profissão do futuro. Como não tive essa opção, e minha família não podia financiar meus estudos, então fiz a prova para o Instituto de Educação Rangel Pestana e comecei a fazer o curso de formação de professores, e foi no curso me encontrando, me identificando com a profissão.

P: Então esse processo de construção da sua identidade profissional, como é que ele se deu?

R: Quando eu terminei o curso e caí em uma escola, no trabalho, no exercício diário da profissão, no contato com profissionais mais antigos... na época, tive uma boa orientação pedagógica e isso, hoje, eu percebo que conta, porque pude perceber o quanto as recém-formadas que chegam nas escolas, sem boa orientação pedagógica, ficam perdidas, necessitam de auxílio, recorrem à gente o tempo todo... Então, foi nesse ambiente de troca, de amizade, errando e acertando, tentando utilizar aqueles conhecimentos que foram adquiridos, foi que me vi. Depois que comecei a lecionar foi que eu descobri que queria ser professora.

P: Foi a sua primeira escolha?

R: Não foi. Algumas pessoas escolheram ser professores porque tinham na família essas referências e pensam “sou filha de professora, neta de professora, minha mãe foi professora... sou professora também quase que por osmose...”

P: Hereditária

R: A pessoa recebe uma carga genética. Mas na minha família não tinham professores e eu tive muita liberdade para escolher o que eu quisesse ser. O fato de eu ser professora vem também do fato de não ter professora na minha família, porque hoje as minhas amigas não querem que os filhos sejam professores, elas estão fazendo de tudo pra que eles desistam da ideia. Ou seja, a profissão que elas têm, que as sustenta, elas não querem para os filhos. Não é

contraditório?

P: É muito paradoxal

R: É terrível! Eu não tive isso na minha família, não tem letrados, e a minha mãe me deu total liberdade pra eu ser o que eu quisesse, o que me trouxesse satisfação. Então, por isso, ser professora não foi a minha primeira escolha, pois ser professor não era uma coisa que tivesse tanto valor e que principalmente remunerasse bem. Ouvi de alguns familiares, por exemplo, que eu escolhi ser professora porque sou preguiçosa, porque é fácil...

P: Quem disse que é fácil?

R: Segundo meus parentes seria uma coisa fácil de estudar. Mas a minha mãe disse que sempre fui excelente aluna, adorava estudar, e aquilo me feriu profundamente. Minha mãe tratou de desconstruir esse mal, esse julgamento. Ser professor tem honra, tem status...

P: Pensam que alfabetizar é fácil!

R: Não é fácil alfabetizar... Acredito que me torno um pouco mais professora a cada dia...

P: Você já se arrependeu alguma vez dessa escolha?

R: Me arrepenho, às vezes quando me sinto sobrecarregada. Dia desses, trabalhamos meses sem energia elétrica na sala de recursos, na sala de educação especial, e com meia luz na minha classe de alfabetização. E esses são ambientes importantes dentro da escola, tudo tem que estar funcionando. A tarde caindo e a gente na penumbra, a meia luz, sem condições de trabalhar. Então, todas as vezes que acontece algo assim, eu me arrepenho e penso: por que não fui ser aeromoça? Há uma desvalorização do profissional, um descaso muito grande. Me especializei, fiz uma faculdade de pedagogia, curso de extensão, atendimento para educação especial..., toda a minha vida voltada para a educação. Todas as vezes que me sinto desrespeitada, penso: porque que eu não fui ser, meu Deus do céu, palhaço de circo por aí?!

P: Que aspectos do trabalho mais lhe agradam?

R: Ah, eu queria uma escola maravilhosa, com todos os materiais e recursos que eu quisesse usar, com uma organização perfeita, ter a família dentro da escola, assumindo a responsabilidade que também é dela... eu ficaria muito satisfeita com tudo isso acontecendo. Mas o que eu mais gosto é poder transformar, com o meu trabalho, o meu aluno. Fico muito

feliz quando vejo o progresso de um aluno meu da alfabetização, ver que ele entende a lógica da construção das palavras... fico emocionada! Mais bacana do que isso é você pegar um aluno excluído, aquele que ninguém quer, e transformá-lo com o seu trabalho. A gente sente a vida brotando naquela criança, na mãe, na família. Eu tive um aluno no 3º ano que era repetente, não podia ser mais retido, não sabia ler. Comecei um trabalho de alfabetização com ele e durante o ano ele aprendeu a ler. A mãe nunca ia à escola, apenas o pai. Mas no final do ano, ela deu um jeito de sair do trabalho para vir, pessoalmente, me agradecer por tudo o que fiz pelo filho dela, pois ela já tinha perdido a esperança que ele se alfabetizasse. Isso é o que tem mais valor pra mim.

P: E o que menos lhe agrada?

R: O descaso que o país tem com a educação. Que os projetos são implantados para atender determinadas manobras políticas e não interesses pedagógicos. Um dos aspectos mais negativos é você ter que desenvolver um bom trabalho com condições mínimas. É uma discussão muito longa, mas a gente perde a paciência no dia-a-dia, não temos giz, não temos ventiladores nas salas de aula... Meu Deus, estamos num mundo rápido, multimídia, mas com instrumentos retrógrados, arcaicos, morando em cavernas. Não gosto de me sentir “massa de manobra”.

P: E quando você realmente começou a se sentir professora?

R: Exercendo a profissão eu percebi que sabia fazer alguma coisa, que eu podia levar o aluno X a aprender, a melhorar, a se encontrar. Quando esses caminhos foram ficando claros para mim, eu fui me sentindo professora. Não adianta o professor deter o conhecimento se ele não sabe aplicar isso, se a ponte de construção do conhecimento do aluno não é feita. Não dá pra se sentir educador se você não consegue levar, ajudar, trazer algo para o indivíduo descobrir.

P: Dá uma angústia, e até uma frustração muito grande, perceber que você não consegue fazer essa ponte...

R: Como é que você vai se sentir um educador se você domina sua área de conhecimento, mas não consegue fazer a ponte com o aluno?!

P: E o que você acha da sua profissão com relação às outras profissões?

R: Nossa profissão é importantíssima porque a partir dela formamos todos os outros

profissionais: médicos, engenheiros... Não vou ser hipócrita de dizer que ninguém vai se tornar um marceneiro, ou um carpinteiro, ou um pedreiro, se não souber ler e escrever. Mas a nossa profissão é, talvez, a mais importante, mas somos desvalorizados, não temos importância, nossa formação é equivocada.

P: Na sua opinião, o que a sociedade pensa sobre o professor?

R: Acho que está difusa a identidade do professor. Vejo isso no trato de alguns pais. Eles dão muita importância à figura do professor. Mas, ao mesmo tempo, eles dão muitas sugestões no nosso trabalho. Tem sempre alguém para me dizer o que eu tinha que fazer, como eu deveria fazer... Por isso acho que a nossa identidade está difusa, fragmentada. Mas acredito também que em diferentes classes sociais a opinião sobre o professor mude muito, por conta das diferentes perspectivas.

P: Com relação a essa fragmentação, a essa difusão da identidade, você sente falta de uma representatividade mais efetiva do professor?

R: Representatividade da categoria, você diz? Acredito que a educação melhora se a gente educa melhor. A gente está com o IDEB baixíssimo, analfabetos funcionais... como o professor pode ser bem visto? Não saberia te dizer todos os elementos que permeiam essa situação...

P: Vou te dar um exemplo: o médico. A nossa saúde pública está fracassada, falida! A gente vê diariamente nos noticiários que a saúde pública está sucateada, mas nem por isso é transferido para o médico essa culpa... mas o professor acaba sendo culpado pela falência da educação pública...

R: A culpa é sempre do professor. É lógico que a gente tem algumas culpas, mas e o governo? E a sociedade? Ninguém mais tem culpa?

P: O que você acha da sua carga de trabalho dentro e fora da sala de aula?

R: Muito grande. As turmas são muito grandes, tenho 31 alunos em uma turma de alfabetização, num espaço que não os comporta. Fico dez horas, aproximadamente, dentro da escola. Às vezes, não tenho tempo de ir ao banco; para ir ao médico, preciso faltar e levar o atestado. Se o professor não consegue se manter com uma escola só, por uma questão financeira, passa por isso. Sustento minha família. Não existe nenhum tempo para fazer planejamento, pensar no material, corrigir provas... é muito difícil! Se sua aula demanda

planejamento, você vai ter que fazer em casa. E você ainda tem que dar conta da sua vida, da sua família, da sua casa. Minha quantidade de trabalho é muito grande.

P: Na sua opinião, como é feita a capacitação para os professores?

R: Nova Iguaçu tem se preocupado com fóruns, oficinas e palestras para formação de professores. Existe formação continuada, mas depende do professor saber aproveitar e criticar.

P: Qual a sua opinião sobre recursos, tanto materiais quanto instalações, oferecidos pelo município?

R: Na minha escola está tudo péssimo. Existem escolas funcionando muito bem, e acho que isso tem a ver com a administração, com a gestão da própria escola. A gente recebe dinheiro dos programas na escola, mas de qualquer forma eu acho um absurdo existir dentro de um mesmo município escolas funcionando perfeitamente, com todo o seu mobiliário, com toda a sua estrutura física, com todo o seu material, e outras não. Não sei o que a secretaria de educação ou a prefeitura deveriam fazer, mas eu acho que deveria existir uma unidade em todas as escolas do município, em todos os prédios.

P: Com relação ao salário de professor, qual a sua opinião?

R: Nossos salários são baixos, temos que ter, no mínimo, duas jornadas de trabalho. Tivemos um acréscimo no nosso salário, o abono, mas nem tudo está vinculado ao salário. Por isso que a gente está brigando para ver se incorpora o abono ao salário, para contar na aposentadoria. O profissional investe muito na sua formação e acaba não recebendo o equivalente para isso.

P: Como é que você se sente enquanto professora?

R: Triste, em especial nas condições que eu trabalho. Ando desanimada porque percebo que uma escola que funciona faz muita diferença na vida do profissional. É difícil falar sobre isso, porque eu vivo um momento de insatisfação muito grande na minha escola, fico triste com a nossa desvalorização. Ser pedagogo não serve para nada, as pessoas não te valorizam. Sei que sou eu que tenho que ter consciência do que sou, do meu valor. E é importante que a escola funcione através do pedagógico, em função do aluno, do aprendizado. Sei do meu papel, sei do meu valor, sei que pra alguém eu posso fazer a diferença e isso me emotiva.

P: Com relação à atual crise que o mundo vive, qual a sua opinião em relação a esse momento?

R: A crise que eu mais aponto é a crise das relações. Tudo é rápido, tudo é prático, e isso está transformando muito a maneira com a qual a gente se relaciona com o outro. Acho que a gente vive a pior crise nas relações humanas, temos que fazer campanhas a favor da tolerância. Antigamente, a gente dava lugar para o idoso e agora tem uma cadeira para o idoso; a gente dava lugar para a grávida, agora tem que ter uma cadeira especial; todo mundo ajudava os velhinhos a atravessar a rua, agora tem que ter lei para respeitar os mais velhos.

P: De alguma maneira você acha que isso atinge seus alunos na sala de aula?

R: Atinge profundamente. Os alunos hoje recebem muitas informações, têm acesso a internet, e isso gera outras aspirações, outras necessidades. É uma reação em cadeia que vai sendo gerada e você sente que se a educação não acompanha a perspectiva desse sujeito, a necessidade desse sujeito, a visão que esse sujeito tem do mundo, ele não vê serventia na escola.

P: E com relação a autonomia da prática do professor, qual é a sua opinião?

R: Atuar em um espaço público nos dá autonomia para discutir, se posicionar. Acredito na educação pública, sou cria da escola pública, acredito no espaço público da educação. Nossa autonomia não é total, é parcial. Existem determinações que vêm lá de cima e temos que acatar, programas que a gente tem que realizar: o Mais Educação foi implantado na nossa escola sem espaço, as pessoas estão lá como se fossem sardinhas enlatadas. A gente ficou sem professor até agosto, mas quando veio a provinha Brasil os alunos tiveram que fazer a prova, mesmo sem o conteúdo.

P: Esse Mais Educação é o dia todo, não é? Horário integral?

R: É.

P: Por que você foi trabalhar em Austin?

R: Fui trabalhar em Austin porque eu fiz o concurso e não conhecia o município como eu o conheço hoje. Uma coordenadora de quando eu estudava me indicou essa escola porque eu só pegaria um ônibus. Antigamente o sistema era bom e a matrícula dos alunos era feita na própria escola, sempre dava muita confusão. Então, fui pro Kerma por indicação.

P: O que você acha de Austin hoje?

R: Austin pra mim é um pequeno retrato do Brasil, no sentido de distribuição de renda. Tem barraco, casas agregadas com toda a família naquele mesmo quintal e mansões. A gente vê isso dentro do bairro. Nova Iguaçu, por exemplo, cresceu em torno da estação de trem, que podia levar as pessoas para trabalhar no Rio. O comercio é em torno da estação de trem. Austin está crescendo, populacionalmente falando, tem um fluxo hoje de veiculo muito maior, passa moto, carro, carroça, cavalo, cabrito, tudo na mesma rua, além dos pedestres. As maiorias esmagadoras dos pais que vão pegar o Japeri ficam e dormem no trabalho. As crianças foram criadas por terceiros, pelos irmãos.

P: Conhecer essa realidade da população do bairro, das pessoas, dos seus alunos, faz a diferença para você na sala de aula?

R: Ah, faz, porque você tem que entender qual é a expectativa daquela região, o quê as pessoas pensam. Para você poder abrir os horizontes de alguém, você tem que entender até onde ela enxerga, qual é o campo de visão, e só dá pra você saber isso se compreender em que cultura aquela pessoa está inserida. Isso determina como você lida com o aluno, como você o trata, o que você traz para mostrar para ele. É necessário que você compreenda toda a situação do aluno, a situação familiar desse aluno.

P: Você se identifica com essa realidade do pessoal de Austin?

R: Ah, eu acho que sim. Sou de origem humilde, minha luta para estudar é muito grande, eu também dependi do ensino particular, da merenda da escola... não gosto de assistencialismo. Para mim, as pessoas têm que ter dignidade. Eu me formei em escola públicas, porque sem ela não poderia estudar. Já conversei com alguns pais e disse “somos pobres. Já fui para a escola sem ter um sapato, mas vocês não podem permitir que isso impeça seus filhos de estudarem”. Mas, antigamente, a gente não tinha essa relação doentia com a escola, a gente respeitava a escola. Hoje, as pessoas não valorizam, não se responsabilizam na manutenção da vida daquela criança ali. Minha mãe era humilde, tinha essa dificuldade, mas ela era responsável. Conseguia o tênis, falava com a diretora.

P: Qual a sua relação com o lugar que você trabalha?

R: De amor e ódio. Gosto de lá, trabalho há muitos anos ali, mas está acabando comigo. Mas eu acho que eu tenho uma boa relação com aquele lugar.

P: E porque ser professora apesar de tudo?

R: Porque tem uma resposta humana muito boa. Saber que posso ser útil, que posso fazer a diferença na vida de alguém e isso me traz muita satisfação. E não sou hipócrita, eu preciso me sustentar. Fiz um concurso e não quero jogar isso fora. Investi na minha formação, construí um patrimônio, construí uma imagem, as pessoas sabem quem sou eu e respeitam o meu trabalho dentro da escola.

P: Professora K, mais uma vez, muito obrigado pela sua colaboração no nosso trabalho de pesquisa R: Eu agradeço também sua paciência. Espero ter contribuído para que você desenvolva bem sua pesquisa e que encontre o que você está procurando para que isso saia do papel e traga alguma modificação, que seu trabalho possa contribuir positivamente para a gente nesse sentido.

P: Obrigado.

PROFA CAL MCO 2408

P: Professora C, o que a levou a ser professora?

R: Desde pequenininha, eu dizia que queria ser professora. Eu nunca tive dúvida.

P: Como é que se deu o processo de construção dessa identidade de professora?

R: Fiz magistério e comecei a fazer vários cursos ao mesmo tempo. Acabei o normal e fui fazer faculdade de pedagogia. Depois, fiz pós-graduação.

P: Que fatores influenciaram você nessa escolha?

R: Não sei dizer se houve alguma influência na época, na minha infância. Não me lembro.

P: Alguma vez você se arrependeu da escolha?

R: Nunca me arrependi

P: Que aspectos desse trabalho mais lhe agradam?

R: O contato direto com as crianças pra mim é o primordial.

P: E o que mais desagrada?

R: Os problemas do dia-a-dia, os problemas administrativos e a falta de apoio da família, dos alunos. Isso traz uma série de transtornos e desestimula.

P: Quando você começou a se sentir professora? Em que momento?

R: Quando ingressei no magistério na área pública. Lecionei durante três anos na área privada e lá já vem tudo muito pronto, a gente é adestrada. No magistério na área pública é aonde você se descobre professora, busca seu dom, porque nada vem pronto. Você precisa descobrir no dia-a-dia com seus alunos e é aí que você cresce profissionalmente.

P: O que você acha da sua profissão comparada a outras profissões?

R: Cada profissão tem um direcionamento, seus pós e seus contras, depende muito do que você deseja enquanto profissional. Se eu fosse desejar o lado financeiro, a profissão do professor estaria desvalorizada, mas se eu comparar a minha profissão, a nível emocional, com alguém que trabalha atrás de uma máquina, eu tenho muito mais a ganhar porque trabalho com vidas e aprendo o tempo todo.

P: Mas a questão financeira acaba esbarrando na questão da respeitabilidade, da valorização profissional...

R: Financeiramente falando, o professor hoje é muito desvalorizado porque o trabalho dele é muito além do que se vê: você tem que estar sempre estudando. Eu não acho que o professor seja valorizado.

P: O que você acha que a sociedade pensa sobre o professor?

R: Que o professor não trabalha nada, que ganha bem, que é despreparado, que qualquer um pode ser professor... eu acho a grande massa pensa que a escolha da profissão é para “ficar atrás de uma mesa e trabalhar quatro horas por dia, ganhando bem.

P: Porque você acha que chegou a esse ponto? Há alguns anos a visão era outra, nos anos 60, 50?

R: Vários eixos foram levando a isso, a uma decadência do próprio ensino. A postura de alguns profissionais acaba desvalorizando todo um grupo, a falta de atenção do governo para

a área também. Alguns profissionais saem do curso de formação de professores e vão direto para o mercado de trabalho. São vários aspectos que vão se acumulando e ajudando na desvalorização.

P: O que você acha da sua carga de trabalho dentro e fora da sala de aula?

R: Absolutamente excessiva. Começo às sete da manhã e termino às cinco da tarde, dentro de sala de aula. Aí vou para minha terceira jornada que é planejar. Muito cansativo.

P: Na sua opinião, existe capacitação, atualização para os professores?

R: Há alguns cursos de capacitação, mas em muitos a gente não vê fundamentos, mas o município fornece sim.

P: Com relações a recursos materiais, instalações, oferecidas pelo município, o que você acha?

R: Aqui a gente tem uma estrutura muito boa, tem muito material pedagógico, não tenho do que reclamar. A direção tem essa preocupação constante de oferecer tudo, está sempre fazendo reparos no prédio... mas no município, em geral, não há isso não.

P: Com relação a salário de professor, qual sua opinião?

R: Eu acho que o professor ganha muito pouco porque para que ele tenha uma renda um pouco melhor, ele precisa trabalhar em várias instituições. Aí há o desgaste físico e emocional do profissional, que acaba influenciando em sua prática. Então, quando as pessoas falam que o salário do professor é ruim, se você comparar ao salário mínimo, realmente é.

P: Com relação a atual crise que o mundo vive hoje, qual a sua opinião?

R: Eu acho que o mundo está vivendo uma grande transformação em nível cultural e político. Acredito que teremos grandes mudanças que vão afetar não só a área política, mas toda a estrutura de visão de mundo, de governo, de quem manda, de quem tem mais, de quem tem menos...

P: E você acha que, de alguma maneira, essas transformações atingem seus alunos, ou você, em sala de aula?

R: Não, ainda não.

P: Você não percebe essa mudança?

R: Na prática mesmo não.

P: E com relação à autonomia, na sua prática, como que você vê isso?

R: É fundamental ter autonomia para poder refazer, acertar e errar. A gente tem total autonomia.

P: Porque você veio trabalhar em Austin?

R: Foi o destino. Quando fui convocada na Secretaria de Educação e fui fazer a escolha da escola, precisava de uma escola que fosse de fácil acesso pra Queimados , onde eu já trabalhava. Então a própria secretaria me indicou essa escola.

P: O que você acha de Austin?

R: O bairro é bem simples, ainda não oferece nenhum tipo de lazer, o comércio é bastante limitado, as condições também são muito limitadas. É um bairro que, em espaço físico, não tem muito para onde crescer.

P: Com relação à realidade do lugar, dos seus moradores, dos seus alunos, você conhece essa realidade?

R: Só em torno da escola.

P: E isso de alguma maneira atrapalha sua prática? Você acha que isso faz diferença?

R: Na realidade não, porque embora eu não conheça profundamente o lugar, a gente tem uma noção de como é a realidade de alguns alunos, mesmo não estando lá.

P: E qual é a relação com o lugar onde você trabalha?

R: Relação profissional. Eu venho, faço meu trabalho, utilizo o comércio quando necessário e só.

P: E porque ser professora, apesar de tudo?

R: É minha paixão. Sempre quis ser professora e nunca desejei trocar de profissão. Desejaria poder me dedicar mais, poder estudar mais, poder trabalhar mais em prol dos meus alunos, mas não tenho tempo pra isso. Mas o magistério é a minha vida.

P: Professora C, muito obrigada pela sua entrevista. Foi ótima.

PROFA LDC MCO 2408

P: Bom dia, professora L, o que a levou a ser professora?

R: Desde criança, eu brincava na escola e era a primeira a terminar de fazer as atividades. Ali, na minha cabeçinha, eu já me colocava como se fosse professora da turma. Passava atividades para os meus coleguinhas que sentavam ao lado. Em casa, como sou filha única, meus alunos eram imaginários. Então, desde criança eu tinha essa vontade.

P: Como foi a construção da sua identidade como professora?

R: Como falei, tinha esse sonho desde criança. Tive até interesse por outras profissões, mas o sonho de criança falou mais alto. Terminei o ensino médio e tive que optar entre informática, contabilidade e formação de professores. Optei pelo magistério e ainda como estagiária já assumi uma turma.

P: Foi a sua primeira escolha?

R: Foi. Graduação em pedagogia, pós-graduação em psicopedagogia e minha segunda pós, agora, também voltada para a área de educação.

P: Que fatores mais influenciaram na escolha da profissão?

R: Via minhas professoras e achava bonito. Queria ser como minha professora, um espelho das minhas professoras na educação infantil.

P: Você alguma vez já se arrependeu da sua escolha?

R: Não, apesar de o profissional não ser valorizado, e de o fracasso escolar ser sempre do professor, não me arrependo. Sei que faço o que gosto, faço com paixão e não me arrependo.

P: Que aspecto mais lhe agrada?

R: Quando eu vejo uma criança com grande dificuldade no início do ano, e ao longo do processo vejo o objetivo sendo alcançado.

P: E o que menos lhe agrada?

R: A falta do comprometimento da família, porque fica complicado o professor se responsabilizar sozinho. Costumo dizer nas reuniões com os pais dos meus alunos que a gente faz um casamento com duração de um ano, a escola e a família. A gente precisa andar juntos, de mãos dadas, e o nosso objetivo é aquela criança. Então, se eu não tiver essa parceria da família fica complicado.

P: E quando você começou a se sentir professora de verdade?

R: No início, a gente fica meio assustada, com dúvidas. Sou professora de estágio no Cederj. As alunas chegam e têm dúvidas se vão acertar, dizem que têm medo de não conseguir lecionar. Mas é com a prática do dia-a-dia que você vai se aperfeiçoando, vai enfrentando os obstáculos, e quando você vê, já está capacitada.

P: O que você acha da sua profissão em relação às outras profissões?

R: Desvalorizada, porque todas as profissões, para existir, precisam passar pelo professor. Não há uma grande valorização do professor e, se você pensar bem, ele é o alicerce de todas as outras profissões. Então, eu achava que o professor deveria ser mais valorizado.

P: E com relação a sua carga de trabalho?

R: Se eu puder lecionar em outras escolas, para mim está bom.

P: O que você acha que a sociedade pensa do professor?

R: Nossa responsabilidade é muito grande, formamos vidas. Mas a sociedade não nos valoriza.

P: Mas você acha que isso aconteceu por quê?

R: Tudo começa pela política, pelos governantes e eles jogam isso para a sociedade. Um exemplo disso são as greves que estão acontecendo. O governo acha que nosso salário está muito bom e a sociedade acredita e nos critica.

P: Em sua opinião, existe capacitação, atualização para os professores?

R: Existe capacitação e aperfeiçoamento sem distinção. Se você quiser, tem que procurar. Para me capacitar, me sentir uma profissional mais qualificada, eu vou atrás de

cursos, mas não que o município ofereça. O município oferece cursos mais simples, mas eles são oferecidos no mesmo horário das aulas, então a gente deixa de participar de muitas coisas.

P: E quando você participa, acha relevante?

R: Quando o curso é feito em parceria com alguma instituição, vale a pena. Mas quando é feito pelo próprio município, é uma precariedade de informação, de conteúdos mesmo.

P: Qual a sua opinião sobre os recursos, materiais e instalações oferecidos pela secretaria de educação?

R: Depende da direção. Eles nos encaminham uma verba e cada escola administra a sua. Se a gente quiser fazer um trabalho diversificado, tem que comprar do próprio bolso.

P: Com a experiência que tive nas outras escolas, vocês são uma ilha...

R: É verdade. A estrutura que você vê aqui é bem melhor que muitas escolas particulares. Acho que aqui somos privilegiados. Por isso não quero sair daqui.

P: E com relação ao salário de professor, qual a sua opinião?

R: Penso que deveria ser melhor remunerado para que ele não precisasse ter outra matrícula, se dedicasse 100% a uma escola.

P: Você acha que o governo não tem interesse na qualidade dos professores, na melhoria da condição de trabalho dos professores?

R: Um profissional mal remunerado fica desmotivado, não trabalha com tanta eficiência e a qualidade da educação só piora.

P: Como você se sente como professora hoje?

R: Eu gosto do que faço e hoje em dia estou dosando mais o meu tempo, procurando descansar. Por exemplo, trabalho aqui no município de Nova Iguaçu na parte da manhã todos os dias; à noite trabalho no Estado, no ensino médio, dando aula de filosofia; a tarde não tenho escola. Aos sábados, trabalho na UERJ. Pelo menos descanso todas as tardes.

P: É com relação a crise mundial que o mundo passa hoje?

R: O político só pensa em si e nos seus interesses... esse é o problema.

P: E você acha que de alguma maneira essa crise mundial acaba atingindo a sala de aula?

R: Sem dúvida afeta tudo, afeta todos os setores.

P: Bom é com relação a autonomia na sua prática, qual a sua opinião?

R: A gente tem autonomia. Cada professor tem sua autonomia dentro da sala de aula. A gente trabalha com o que acredita e nos tornamos multiplicadores de um trabalho com a família. Tenho uma visão bem ampla, não fico só restrita a sala de aula. O que eu passo para eles, falo que eles têm que multiplicar para os outros...

P: Porque você veio trabalhar em Austin?

R: Porque eu fiz concurso para Nova Iguaçu. Como eu moro em Ramos, uma pessoa amiga me falou dessa escola aqui de Austin, e eu só precisaria pegar um trem para vir pra cá. Foi por praticidade.

P: O que você acha desse lugar onde você trabalha?

R: Muito bom, é um dos melhores bairros onde eu já trabalhei,

P: Com relação a realidade do lugar onde seus alunos moram, você conhece essa realidade?

R: A gente fez uma aula passeando pelo bairro com os próprios alunos, mostrando a casas deles, as casas do vizinho, a realidade deles. É uma realidade de uma classe simples, mais humilde, mas que tem padaria perto, mercado, nada tão distante. Claro que se falarmos de cultura, o teatro e o cinema ficam mais distantes, praia também, mas fora isso tem tudo perto da casa deles.

P: E pra você é importante conhecer essa realidade na sua prática de aula ou você acha que isso não atrapalha?

R: Sem dúvida, é muito importante. A gente precisa conhecer a nossa realidade para trabalhar inclusive dentro da realidade deles, se não eles não vão entender nada. Então, eu prefiro conhecer a realidade deles para trabalhar dentro disso.

P: E qual a sua relação com esse lugar aqui que você trabalha, Austin?

R: Eu acho Austin bem tranquilo, até porque eu moro no Complexo do Alemão. Se bem que lá também agora está pacificado. Venho acompanhando os alunos há três anos e temos sido elogiados por todos por ser uma turma tranquila. No final do ano provavelmente vou deixá-los para pegar outra turma e já fica aquela preocupação por parte deles, e por minha parte também, de como será o ano que vem?

P: E porque ser professora apesar de tudo?

R: Porque é minha paixão, é aquilo que eu gosto. Acho que já nasci com essa paixão, com esse desejo, e me sinto fazendo um pouquinho a minha parte, tentando mudar. Se eu posso fazer algo pela sociedade, eu vou fazer dentro da minha profissão.

P: Professora L, obrigado pela sua entrevista.

PROFA SMA MCO 2408

P: Professora S o que levou a ser professora?

R: Na verdade, eu não sei o que me levou a ser professora. Eu sei que desde muito jovem, eu sempre me encantei com a área de educação, especialmente com a profissão de professor, porque tive ótimos professores que me encantaram ao longo da vida. Minha família não me apoiou muito, diziam que professor ganha muito mal... eu cheguei a mudar o meu curso no 2º grau. Mas percebi que não era aquilo que eu queria e voltei para o curso de formação de professores.

P: E como se deu o processo de construção da sua identidade de professor?

R: Não sei exatamente, eu sei que fui me construindo e ainda me construo no ofício da minha profissão. O que descobri nesses 28 anos de profissão é que mesmo trabalhando em redes públicas, particulares ou comunitárias, em todos os segmentos, é que cada turma é única, cada aluno é único, e e você deve pensar o seu trabalho sempre de forma individual. Se você não pensar assim, dificilmente vai atingir o coração de um aluno. E se você não olhar para o seu aluno, identificar a necessidade dele, para que você possa avançar com ele, você só vai passar uma lista de informações. Tenho aluno que precisa ter um conhecimento básico sobre o currículo, mas eu considero a possibilidade de imprimir nele o desejo do

conhecimento, porque as coisas mudam. Procuro incentivar no meu aluno o desejo de conhecer, não de reter informação.

P: Foi a sua primeira escolha?

R: Sim, a sala de aula para mim é o lugar onde me sinto feliz.

P: Quais os fatores que mais influenciaram na sua escolha?

R: Algumas pessoas me influenciaram, como uma professora que tive no ensino primário. Eu era muito pobre, às vezes não tinha nenhum alimento em casa. Teve uma vez que eu passei mal, e ela carinhosamente me levou até a cozinha e preparou um lanche pra mim. Ela cuidou de mim naquele momento. Teve uma outra professora que ensinava com muita paixão e um padre que também foi aquele que fechou todo esse ciclo de aprender, de definição da minha profissão, porque era uma pessoa que dizia assim: “conhecimento não é pra que você tenha diploma na parede, mas é uma ponte para um encontro com o outro, uma possibilidade para você conhecer tudo ao seu redor”. Então, essa pessoa me influenciou de forma tremenda, eu sempre que todas as coisas que eu faço, eu dedico a ele: padre Nino Miralde, uma pessoa maravilhosa.

P: E a família, no entanto, não via essa importância que você via, não conseguia enxergar?

R: Não, minha mãe e meu pai sempre me incentivaram. Minha mãe era semi-analfabeta, então ela tinha medo que eu me tornando professora pudesse humilhá-la. Por isso, ela achava que eu não deveria ser professora. Aquela ideia de que professor é sofredor. Nós sabemos que temos muitas dificuldades, que não temos o reconhecimento que deveríamos ter, mas eu imagino que profissional tem esse reconhecimento a não ser aqueles que estão no tope, tipo magistrado etc. Se for olhar os profissionais de uma forma geral, eles não têm muito reconhecimento também: os médicos, os enfermeiros.

P: É você alguma vez já se arrependeu da sua escolha?

R: Nunca. Já me aborreci muitas vezes, me desencantei outras tantas, já me desanimei muitas vezes, mas nunca me arrependi.

P: E o que mais te agrada na profissão?

R: O relacionamento com as pessoas, com meus alunos, a vaga de confiança, de respeito, que a gente vai estabelecendo, a possibilidade de trocar idéias, de fazer novos aprendizados, de ensinar, de guiar... isso me encanta muito. A conversa com os colegas, com os pais, são muito importantes, você cresce muito.

P: E o que menos agrada?

R: O olhar mercadológico para a educação onde todos os problemas da escola são uma questão de financiamento, questão de material. Na verdade, não é isso. O ser humano é muito mais complexo e esse olhar de escola de massa que se imprimiu à educação é uma parte, porque as escolas têm os financiamentos, tem os materiais, mas existem problemas que são crônicos, estruturais, que não se resolvem apenas com financiamentos da escola. Mas esse olhar mercadológico, restrito, focado apenas no desenvolvimento, nas estatísticas, isso me incomoda bastante.

P: É quando você começou a se sentir professora?

R: Quando eu peguei oficialmente a minha primeira turma. Eu trabalhava como professora alfabetizadora no meu bairro durante 7,8 anos antes de ter o curso normal. Quando terminei o curso, me sentia meio traidora por não ter o certificado. Quando peguei minha primeira turma na escola, isso para mim foi tremendo. Principalmente na escola pública que era o meu sonho. Você não pode ser salvadora, achar que vai mudar o mundo, mas você influencia beneficemente em muitos aspectos. Então, me senti professora quando peguei minha primeira turma com carteira assinada.

P: O que você acha da sua profissão em comparação com outras profissões?

R: Eu acho que cada profissão tem o seu canto e o seu amargor. Mas como eu sou professora, vou puxar a brasa para a minha sardinha. Acho encantador acompanhar o ser humano desde o início, nas primeiras letras. Ainda mais se for um bebezinho mesmo, na creche. Ele tem experiências sensoriais, tem outros tipos de experiências, tem ainda o trabalho de cognição. Com uma criança de 5, 6,10 até 15 anos, mais experiências ele viveu na vida. O que encanta na minha profissão é você poder trabalhar com o ser humano e ir descobrindo, como se fosse uma flor que se desabrocha, uma experiência em ver alguém desabrochando. No relacionamento com o filho, com o sobrinho, você vê o outro desabrochar, mas no espaço da educação sistematizada você precisar ter uma relação mais estreita, estar focado na relação. O diferencial da nossa profissão é ensinar, aprender a chegar no seu aluno.

P: Ok, mas se a gente fosse colocar num quadro de valorização a questão da valorização do professor, como você veria a nossa profissão?

R: Eu acho que ela é fundamental porque por causa da nossa profissão é que outras profissões são possíveis. Temos a responsabilidade de guiar, de imprimir algumas imagens que vão ficar no coração do outro.

P: E com relação a sociedade, como é que você acredita que a sociedade vê o professor?

R: A sociedade tem visto a gente como meros prestadores de serviço. A gente é cobrado por algo que a gente não pode dar conta, de níveis de aprendizagem, de projeções. Somos responsáveis pelo fracasso da escola ou porque a turma não aprendeu, somos cobrados nesse nível. A gente vira bode expiatório em algumas situações políticas. Pensar a sociedade de uma forma planejada é deixar de fora elementos fundamentais que nos ajuda a pensar. Acredito que todos os espaços têm a sua dinâmica própria, embora trabalhe numa escola, e essa falta de compreensão anda numa forma fria, ela prejudica numérica e mercadologicamente, o custo e o benefício. O trabalho do professor tem uma especificidade completamente diferente, porque o professor tem que planejar, ele fica cansado porque os tempos de produção são diferentes nessa profissão.

P: Apesar de você já ter praticamente respondido, vou te fazer a pergunta: o que você acha da sua carga de trabalho dentro e fora da sala de aula?

R: Hoje eu já aprendi, mas no passado eu era tremendamente escrava de mim mesma, porque eu levava bolsas e bolsas com cadernos pra casa para corrigir no sábado e no domingo. Não tinha vida. Trabalhei muito pesado. Hoje eu já consigo organizar as coisas de forma a trabalhar menos, usando experiências, mas sempre com responsabilidade e empenho. Às vezes, fico até a madrugada trabalhando, organizando, planejando. Fiz a opção de não fazer dobra, pois penso que temos que crescer verticalmente e não horizontalmente, porque se acumulamos trabalho, passamos a ser um pião. Acham que a gente trabalha só 4 horas, mas minha carga de trabalho é bem pesada no sentido de que eu trabalho na escola e ainda levo trabalho para casa. E tem outra coisa que me chama atenção: você chega atrasado à escola 10, 15 minutos, e você é cobrado em cima daqueles 10, 15 minutos. Se você fica depois do seu horário, você fica porque você quer, essa hora extra que você fica depois não é contada como trabalho.

P: É com relação à capacitação e atualização oferecidas pela secretaria de educação, você acha que existe, que é suficiente?

R: Não, eu acho que a gente ainda está um pouco longe desse trabalho de constante atualização, eu não chamaria capacitação. Acredito na atualização que precisa fazer o tempo todo. O que é oferecido para a gente não é suficiente, nem chega perto da nossa necessidade. Fui orientadora pedagógica, orientadora educacional, e meu sonho era que a gente conseguisse unir todas as professoras num mesmo desejo. Pensei no seguinte: “eu estou querendo formatar todo mundo em um grupo, e queria que pensassem daquele jeito, e não é assim que acontece o trabalho”. Você não vai conseguir fazer um trabalho se não conseguir influenciar, e comecei a descobrir que me ajudaria muito com os meus alunos, influenciar os meus alunos, mas tentar trazê-los e motivar para negócios. Descobri que o nosso fazer é mais significativo do que o nosso falar, e a partir da minha sala de aula, comecei a ganhar a confiança dos meus colegas, e quando comecei a ganhar confiança dos meus colegas de trabalho. Hoje os meus colegas têm confiança no meu trabalho.

P: É qual sua opinião sobre os recursos sejam materiais, instalações, oferecidas pela prefeitura?

R: Oferecidos pela prefeitura, quase nenhum. Se a gente for pensar a prefeitura não oferece nada em relação a recursos, os nossos recursos vêm das verbas dos programas federais, e nesse aspecto eu ressalto a dignidade, a nobreza, da direção da escola, a transparência com que lida com os recursos, e isso faz com que os recursos abrandem, não porque vem muito, mas porque ela consegue gerenciar e administrar muito bem. As prestações de conta estão sempre expostas, a direção sempre conversa sobre as prioridades. Tivemos problemas com as telhas aqui no vendaval que teve em Austin. Destelhou a escola, 4 a 5 salas sem telha, e a direção foi até a secretaria de educação, que foi a prefeitura, e ninguém resolveu. Ela teve que pegar as verbas, comprar no cartão dela, e depois vinha para as nossas mãos para a gente poder ver tudo direitinho. O empenho da direção pelo bem da escola, pela estrutura material, pedagógico... se você olhar essa sala, por exemplo, ela tem tudo o que você pensar em nível prático para se usar na sala, até pra você pesquisar, o material está todo ali para a gente utilizar. Nesse aspecto, eu me sinto no paraíso, é a primeira vez que eu trabalho numa escola com uma estrutura como essa, uma escola pública.

P: Bom com relação ao salário de professor, qual a sua opinião?

R: A gente ainda ganha muito menos do que deveria ganhar com relação aos cursos que a gente precisa fazer, falando do profissional que se dedica, que faz a sua tarefa. Mas nesses últimos tempos, eu tenho visto uma melhoria com relação ao salário, eu sustento a minha família com o salário que eu ganho aqui. É claro que eu trabalhei naquela parte vertical que eu te falei, nas especializações, então nesse sentido eu estou satisfeita, não posso reclamar.

P: E com relação ao sentimento de ser professora?

R: Ah eu me permito o luxo de sentir prazer trabalhando, a satisfação é de fazer o que eu amo. A profissão da gente é o nosso companheiro diário e eu não só amo a minha profissão, eu amo o meu espaço, as pessoas que trabalham comigo, os meus alunos, eu sou muito feliz com o que faço.

P: Com relação à crise mundial que o mundo vive hoje, o que você acha?

R: Tenho uma opinião um pouco particular com isso, porque a transformação vem do interior, ela acontece primeiro dentro do ser humano. Você precisa de boas influências, de bons cuidadores, que passem solidez, que passem amor, afeto, reconhecimento, admiração. A gente vê líderes frustrados, pessoas que cada dia mais olham para si, sem pensar no outro. A gente vive uma coisa que não é só na esfera econômica, a gente tem centralizado as nossas preocupações apenas com baixo salário, com os nossos direitos. A gente está vivendo um momento de colapso.

P: E você acredita que de alguma maneira esse fato atinge você na sua sala de aula, os seus alunos?

R: Ah, não tenha dúvida. A gente não é uma ilha separada. Isso tudo chega na minha sala e eles entram naquelas questões que eu tinha dito a você, que não se dá conta apenas com o pedagógico, não se conta apenas com o injetar dinheiro na escola, que não se dá conta apenas com botar materiais, coisas maravilhosas na escola. Tem problemas que a gente não quer, mas a gente precisa fazer alguma coisa, encaminhar alguma coisa; a gente não vai ser o salvador da pátria, mas sempre tem alguma coisa que a gente possa fazer.

P: E com relação a autonomia na sua prática, você vê isso hoje de uma forma plena?

R: Eu acho que a autonomia é diferente de independência. Nós somos um todo e nós somos partes de um todo interligado, então dentro do que eu necessito, eu tenho autonomia

para trabalhar, e essa autonomia me dá cada vez mais responsabilidade e o meu trabalho é respeitado.

P: Por que você veio trabalhar em Austin?

R: É perto da minha casa... mas eu já gostava daqui, gosto das pessoas daqui.

P: O que você acha de Austin?

R: Essa parte específica da escola me encanta, a vista da montanha... sei que nos arredores há a falta de saneamento, mas eu gosto desse ambiente, o cheiro do lugar. Eu visito meus alunos, eu conheço um pouco da realidade deles, então nesse aspecto não é nada agradável mesmo, as valas a céu aberto, as casas numa condição higiênica ruim, dentro de algumas favelas aqui em Austin me assustei, nesse aspecto não é nada bom.

P: E é importante conhecer essa realidade?

R: Só faz, sabe por quê? Porque quando a gente olha um aluno vivendo nessas condições, quando você nota, você vai conversar com a família, você vê as lutas daquela família, os problemas psicológicos que aquela família tem, quando você olha para o seu aluno na sala você tem um olhar diferenciado. Não que você vá passá-lo sem condições, não é isso, mas você vai ter possibilidade de pensar em formas de ajudá-lo, de chegar perto daquilo que você sabe que é aquilo que você precisa fazer por ele ali na sala. Além de que você ganha uma autoridade moral quando o menino cresce aqui, a gente tem um canal aberto então, isso faz muita diferença para o trabalho.

P: Qual sua relação com o lugar que você trabalha?

R: Eu gosto de Austin, eu sempre falo daqui com muito carinho porque Austin para mim é minha casa, é minha segunda casa, tem um significado afetivo pra mim.

P: E por que ser professora apesar de tudo?

R: Porque quando você encontra aquilo que te motiva, que faz seu olho brilhar, não tem como você não ser.

P: Professora muito obrigada pela entrevista e o brilho nos seus olhos responde a pergunta.

R: Muito obrigado.

PROFA MF JAT 1808

P: O que o levou a ser professor?

R: Queria terminar meus estudos no Ensino Médio com uma profissão. Escolhi o curso normal e acabei gostando...

P: Como foi o processo de construção dessa profissão para você?

R: Como eu falei, a principio foi só com o intuito de ter uma profissão. Achava que me formando professor, eu poderia trabalhar e conseguir outra coisa melhor com o tempo. Mas acabei gostando e fiz faculdade de Letras.

P: Qual foi sua primeira escolha profissional?

R: Escolha oficial ou desejo do coração?

P: Desejo do coração.

R: Quando eu era pequena, queria ser dentista. Mas depois fui vendo a realidade, as dificuldades de fazer uma faculdade e ai eu acabei optando pelo magistério mesmo.

P: Que fatores influenciaram sua escolha?

R: No princípio foi mesmo a questão pratica, precisava de uma profissão, mas depois me identifiquei com o curso e vi que era o que eu queria mesmo.

P: Alguma vez você já se arrependeu de ter feito essa escolha?

R: Sim, às vezes me pego pensando em outras possibilidades, até mesmo pela desvalorização do magistério, você acaba desanimando, a baixa remuneração...

P: Então você ainda pensa em um dia mudar de profissão?

R: Sim, pensando no aspecto financeiro. Mas não queria romper com a área de educação, ser professor seria um hobby.

P: Que aspectos de trabalho de professor mais lhe agradam?

R: Eu acho que é a relação professor-aluno. Você aprende muito, são várias histórias, você se identifica, apesar das dificuldades. Acho essa troca entre professor e aluno muito bacana.

P: E o que mais desagrada?

R: Muitas coisas! A carência de tudo, a desvalorização do magistério, a questão da remuneração, a questão da infraestrutura, a falta de recurso, a falta de participação da família, a responsabilidade exagerada sobre a escola...

P: Quando que você começou realmente se sentir professora de verdade?

R: Quando eu passei no meu primeiro concurso público. Trabalhei seis anos em creche, mas me sentia babá porque a creche não tinha foga pedagógico, era apenas um depósito de bebês. Quando assumi uma turma para alfabetizar, tinha que ensinar a ler e escrever, aí percebi a responsabilidade efetiva que eu tinha.

P: E o que você acha da sua profissão com relação com outras profissões?

R: Muito desvalorizada. Acho que deveria ser a profissão mais valorizada, até porque as demais passam pela educação. Mas a sociedade não nos apoia: por exemplo, os bombeiros fizeram uma greve e a população toda abraçou; os professores também fizeram greve, mas não houve essa afetividade do povo, essa mobilização, não houve apoio, porque o professor é muito mal visto. O magistério hoje está numa situação complicada e tende a piorar cada dia mais.

P: O que você acha que pode ser feito pra mudar essa situação atual em que realmente se encontra o magistério?

R: Acho que deveria ter mais incentivo ao professor, mais políticas públicas que valorizem não só financeiramente o professor. Hoje, as políticas públicas não funcionam, o governo só lembra da educação na época de eleição. A gente tem que buscar mudanças na mentalidade dos nossos alunos. Enquanto a sociedade não vir o magistério como algo importante e exigir que realmente isso aconteça, vai continuar tudo como está.

P: Em sua opinião, o que você acha da sua carga de trabalho dentro e fora da sala de aula?

R: Muito pesada. Apesar de alguns lugares onde você trabalha ter uma carga aparentemente pequena, você precisa trabalhar em várias escolas para ter um salário decente para uma qualidade de vida razoável.

P: Na sua opinião, existe capacitação e atualização para os professores?

R: Acho que deveria ter algo mais profundo, pois o que oferecem para a gente é muito superficial. Acho que deveria ter uma formação mais contínua mesmo, até mesmo para mestrado. É raro ver professor da rede pública com mestrado. Não se tem incentivo. O processo seletivo é muito rigoroso, tem muito professor bom que quer, mas não consegue se dedicar, a prefeitura não te dá licença remunerada.

P: Você acha que o professor está se tornando operário?

R: Sim, tem muita burocracia, muitas ordens, chegam muitas coisas prontas.

P: Qual sua opinião sobre os recursos, materiais, instalações oferecidos pelo município?

R: Insatisfatório. Na nossa escola, há onze anos não tem uma pintura, a quadra não é coberta, e a gente sabe que o município tem uma boa arrecadação. Os alunos estão recebendo o uniforme em agosto, não recebem nenhum material no início do ano letivo. Tem pais que compram, mas a grande maioria não tem. Então essa questão do material é muito precária.

P: Como você se sente enquanto professora hoje?

R: Tem momentos em que estou muito desanimada, são muitas dificuldades por parte dos alunos, a gente esbarra em burocracias, na falta de recursos, na carga horária extensa de trabalho, então você acaba ficando cansada, desanimada.

P: Com relação a atual crise mundial que a gente vê todos os dias nos jornais, o que você acha?

R: Esse é um processo que vem acontecendo ao longo do tempo e chega uma hora que culmina para a crise em todos os setores, não só na educação, mas também na saúde. O desempenho dos alunos é péssimo, o RJ tem um dos piores desempenhos do Brasil, então é vergonhoso. Mas isso não está acontecendo agora, é algo que veio da minha geração e, se algo não for feito, vai culminar na falência definitiva.

P: De quem é a culpa?

R: Acho que todos nós temos uma parcela de culpa. Somos muito acomodados, achamos que está tudo muito bom até acontecer algo que não dá mais para remediar. Os governos são omissos, mas a própria população precisa votar com mais consciência.

P: Você acha que esses problemas externos de alguma maneira atingem você e seus alunos na sala de aula?

R: Acho que sim, com certeza, porque a escola não está isolada do mundo, então tudo o que acontece fora acaba repercutindo dentro da escola também. Se há uma crise na saúde, vai afetar também a gente de uma forma ou de outra.

P: E com relação a sua autonomia na sua prática, qual sua opinião?

R: Eu acho que a gente tem autonomia para desenvolver o nosso trabalho, apesar dos projetos que mandam a gente executar. A rede de Nova Iguaçu permite uma autonomia dos professores que não acontecem em outros lugares. A gente vê que há dificuldades de fazer algo diferente. Mas aqui a gente consegue se colocar, a gente é ouvido, o nosso trabalho é respeitado, então não tenho do que reclamar.

P: Com relação ao salário do professor, o que você pensa?

R: Se a gente for comparar o nosso salário com o salário mínimo, a gente vai dizer que está muito bom, mas pelo papel que a gente desempenha, nós somos formadores de opinião, eu acho que ainda é pouco comparado a outros casos que ganham três vezes, quatro vezes mais. Mas o salário mínimo não é parâmetro para ninguém.

P: Por que você veio trabalhar em Austin?

R: Ah, eu vim trabalhar aqui porque na hora da escolha tinha uma vaguinha e uma professora daqui me indicou a escola dizendo que a equipe era muito boa, além de ser próximo ao município de Queimados, onde eu trabalho também.

P: E o que você acha do lugar?

R: Acho que é um lugar carente, que tem muita precariedade, as ruas ainda não são asfaltadas, não tem água encanada. Precisa receber um incentivo porque a prefeitura tem muito dinheiro, mas a gente vê que Austin é um lugar muito esquecido.

P: E com relação à realidade do lugar que você está trabalhando hoje, a realidade dos seus alunos, você conhece?

R: Conheço a realidade muito carente pela questão dos materiais, eles não tem nada! Muitos alunos só têm a refeição da escola, as famílias são desestruturadas, as crianças ficam muitos soltas nas ruas. É uma realidade muito dura, uma comunidade muito carente.

P: Faz diferença conhecer essa realidade na sua pratica?

R: Faz porque já vem para a sala de aula com outros olhos, você acaba se sensibilizando mais, influencia o seu trabalho, a sua postura. Você sabe até onde pode ir, até onde pode cobrar. Então ajuda muito na hora de você orientar a formação do aluno, passar valores para eles. A gente usa esse tempo não só para alfabetizar, mas para acrescentar o que eles não têm na família, os valores. Então, a gente acaba tendo essa função de educar e de conscientizar.

P: Qual a sua relação com o lugar onde você trabalha?

R: Tenho muito carinho com a comunidade. Gosto daqui, apesar de tudo isso que eu falei. A comunidade é tranquila, respeita a escola, valoriza a escola, então gosto muito.

P: E por que ser professora apesar de tudo?

R: Difícil essa pergunta. Acho que é por amor mesmo. Não consigo viver longe da educação. Queria buscar uma fonte de renda melhor, mas não queria perder essa oportunidade de acrescentar alguma coisa na vida de meus alunos, plantar uma semente, uma palavra, contribuir para a formação deles. Mais do que ler e escrever, são os conhecimentos, os valores que a gente pode deixar para os alunos, o que você pode despertar de bom na vida dos alunos. Acho que isso ele vai levar para a vida toda.

P: Você se identifica com a profissão?

R: Muito, apesar de estar desanimada, me identifico.

P: Professora M, muito obrigado pela sua entrevista, pela contribuição que você deu para o trabalho.

PROFA ISB RBA 2908

P: Professora I, o que a levou a ser professora?

R: Em um primeiro momento foi a necessidade. Fiz o curso técnico em contabilidade, mas fiquei desempregada e fui trabalhar numa escola, na área administrativa, e a partir daí eu comecei a ver que era possível ser professora. Já trabalhava na igreja, na área da educação catequese, então eu vi que poderia trabalhar com crianças na escola. A partir daí, busquei o curso de formação de professores.

P: E como se deu o processo de construção dessa identidade profissional?

R: Identifico-me com os alunos e eles comigo. Isso é um fator. E estou sempre tentando formar a minha identidade de professora, junto com os alunos.

P: Foi a sua primeira escolha ser professora?

R: Não, foi a minha segunda escolha, mas se eu pudesse responder com a cabeça de hoje, naquela época, eu teria escolhido o magistério.

P: Que fatores influenciaram você nessa escolha?

R: A minha Irma que já atuava no magistério e sempre compartilhava o estudo, o estágio, então isso contribuiu bastante. E o fator principal foi estar dentro da escola, se eu não estivesse talvez não tivesse feito essa opção, porque formaria pré-conceitos. Estava lá dentro e via como era a dinâmica; achei que eu poderia ser professora, atuar como professora dentro da escola.

P: Que aspecto do trabalho mais lhe agrada?

R: A aula em si me agrada muito: preparar, planejar, estar com os alunos.

P: E o que menos lhe agrada?

R: Quando a gente planeja uma aula, a gente acha que vai ser tudo maravilhoso e nem sempre é. Muitas vezes, você se aborrece, se estressa, e isso me desgasta muito.

P: Quando você começou a se sentir professora realmente?

R: No terceiro ano de atividade, me senti mais competente na profissão.

P: O que você acha da sua profissão em comparação as outras profissões?

R: Acho interessante, mas nossas atividades nos tomam muito tempo, a gente não trabalha só dentro da escola, a gente trabalha 24 horas, porque quando chega em casa precisa planejar a aula, e isso toma muito tempo, demanda muito tempo.

P: E com relação a respeitabilidade, ao reconhecimento, qual a sua opinião?

R: Hoje em dia, o professor está muito desvalorizado; antes era muito respeitado. O professor não é visto como um profissional, não recebemos o respeito que deveríamos ter.

P: Na sua opinião, o que a sociedade hoje pensa do professor?

R: O professor é aquele que pode provocar no aluno a possibilidade de transformação e na nossa realidade percebo que a sociedade não entende muito pra que serve o professor.

P: O que você acha da sua carga de trabalho dentro e fora da sala de aula?

R: Muito grande. A gente passa quatro horas na escola, em media. E quando chego em casa, preciso planejar a aula do dia seguinte, pesquisar...

P: Na sua opinião, existe capacitação para os professores?

R: os cursos normalmente são dados no horário de trabalho nas escolas, e a direção muitas vezes não libera os professores. A gente percebe que muitas vezes os encontros de formação não têm uma sistematização, não tem uma linha a seguir, não tem um plano de ação.

P: Qual sua opinião sobre os recursos, materiais e instalações oferecidos pela prefeitura?

R: Não são as melhores possíveis. A gente percebe que tem material, mais ainda precisa ser melhor utilizado.

P: Com relação ao salário de professor, qual sua opinião?

R: Poderia ser melhor, poderia ser um salário que correspondesse mais à função que desempenhamos. Comparando com outros profissionais de níveis superiores, nós estamos ainda muito distantes no nosso salário.

P: Como você se sente como professora?

R: Hoje eu me sinto com vontade de trabalhar com adolescente, adulto. Estou um pouco estressada, me sentindo cansada, precisando renovar as baterias.

P: Com relação à crise mundial atual, qual sua opinião?

R: O nosso país está conseguindo sobreviver a essa crise, a crise mundial parece não nos afetar, mas é preocupante porque a gente fica sem saber até quando a gente vai ter essa suposta estabilidade, essa segurança.

P: Você consegue perceber que acontecimentos externos à escola acabam afetando internamente os alunos, os professores?

R: Penso que nós, enquanto escola, poderíamos ser muito mais atentos ao que acontece lá fora, trazer isso para dentro de escola, para os alunos. Ficamos alheios ao mundo exterior só dando as nossas aulas, como se nada estivesse acontecendo. Tudo isso afeta, mas às vezes não se tem essa consciência.

P: Com relação a autonomia na sua prática, qual a sua opinião?

R: Sinto que tenho autonomia, e acho isso muito bom porque não se pode limitar o professor.

P: Por que você veio trabalhar em Austin?

R: Porque eu moro em Queimados e a escola é bem próxima ao lugar onde eu moro, por isso eu escolhi trabalhar aqui.

P: O que você acha de Austin?

R: No centro de Austin tem muita sujeira. Eu tenho uma impressão que é meio ruim.

P: Em relação a realidade desse lugar, dos moradores, dos alunos, você conhece essa realidade?

R: Conhecer efetivamente eu não conheço. Conheço mais a realidade de Queimados, da escola de Queimados onde eu trabalho. Mas a gente percebe que os alunos são muito carentes: materialmente, afetivamente, culturalmente, carente em diversos aspectos.

P: E faz diferença conhecer essa realidade na prática da sua aula?

R: Faz muita diferença, porque eu preciso saber o que vou ensinar e para quem eu vou ensinar, porque senão não vou ter nenhum retorno, não vai ter nenhum sentido o meu trabalho.

P: Qual a sua relação com Austin?

R: Só venho aqui para trabalhar, mas esse lugar para mim é muito importante porque aqui moram pessoas com realidades parecidas com a minha.

P: Alguma vez você se arrependeu de ser professora?

R: Não me arrependi.

P: Por que ser professor, a apesar de tudo?

R: Porque é uma oportunidade que nós temos de afetar a vida do outro, de transformar a realidade dele, então acho que isso me motiva em saber que posso colaborar na transformação social, afetiva, de afetar positivamente a vida de outra pessoa.

P: Professora I, muito obrigado pela sua entrevista.

R: Eu é que agradeço e espero ter colaborado com a sua pesquisa.

PROFA MDR RBA 2908

P: Professora MR, o que a levou a ser professora?

R: A necessidade. Quando fui para o curso normal, foi por pura falta de opção, não uma escolha. Meu pai não tinha condições de pagar o que eu desejava fazer. Mas só fui trabalhar mesmo quando eu conclui a faculdade, 5 ou 6 anos depois da minha formação, porque só nessa ocasião eu me senti mais forte. Quando eu terminei o curso normal, fiquei muito assustada com a responsabilidade e tive muito medo.

P: Como é que foi o seu processo de construção da identidade como professora?

R: Descobri um gosto pela profissão, de estar a frente de um grupo. Fui estudando, perguntando, participando de cursos... acho que construí a minha identidade assim.

P: Foi sua primeira escolha?

R: Não, eu queria ser secretária. Mas me lembro que na época da greve em Nova Iguaçu, a gente ficou 7 meses sem salário, pensei em mudar, mas desisti. Fiz psicologia, mas não me vejo atuando na área.

P: Que fatores influenciaram você na sua escolha?

R: Meu pai faleceu e eu precisava trabalhar. Ser professora era um ganho rápido. Fiz o concurso em 1991 e fui aprovada. Estou na profissão há 20 anos.

P: Você alguma vez se arrependeu dessa escolha?

R: na época da greve, que ficamos sem salário, fiquei muito desmotivada, muito desmerecida como funcionária. Não temos um programa que valorize a carreira. Nessa época, pensei em desistir.

P: Que aspectos do trabalho de professora mais lhe agradam?

R: Trazer conhecimento, sensibilizar o aluno.

P: Quais aspectos menos lhe agradam?

R: A falta de recursos, de valorização, a falta de parceria da família, a desvalorização na nossa carreira.

P: Quando é que você realmente começou a se sentir professora?

R: No início foi muito difícil para mim, eu tinha muita dúvida, ficava meio enrolada com a questão dos conteúdos, do planejamento. Quando eu comecei a dar conta dessas coisas, comecei a me sentir professora.

P: O que você acha da sua profissão em comparação às outras?

R: O professor é muito desvalorizado. Trabalho com classe especial há 16 anos e alguns pais não se importam com o que dizemos, com nossas orientações. Muitas vezes é por este motivo que os alunos não se desenvolvem. Sou psicóloga de formação e essa formação influencia na minha prática. Mas os pais só acreditam quando um psicólogo fala e não quando o professor diz.

P: Você acha que falta uma representatividade da nossa classe?

R: Acho que essa falta de credibilidade é um pouco culpa nossa, vejo as pessoas se esquivando de certas situações, ninguém quer se expor, ninguém quer escrever, ninguém quer perguntar, as pessoas têm medo de protestar. Não sei se gostaria de uma instituição me representando, porque isso só dá despesa. É uma representatividade inquestionável, oferecem

assistência jurídica, liberdade de usar o carimbinho com aquela isenção... isso pra mim é pouco, muito pouco.

P: Na sua opinião, o que a sociedade pensa sobre o professor?

R: Algumas pessoas valorizam, acreditam na sua responsabilidade, na sua importância, mas a maioria não está nem aí.

P: O que você acha da carga de trabalho do professor dentro e fora da sala de aula?

R: Muito puxada, principalmente fora da sala de aula, ainda mais para o professor do 1º segmento, porque você tem as 4 horas na turma e o trabalho extra de analisar o seu planejamento, você tem que pesquisar... se você não fizer isso, a sua aula fica muito crua. O tempo é muito escasso. Tínhamos que fazer o planejamento dentro da escola.

P: Na sua opinião, existe capacitação para os professores?

R: A qualidade não é boa e os horários não são adequados. Não somos liberados para fazer os cursos nos horários das aulas.

P: Com relação aos recursos materiais, instalações, oferecidas pela prefeitura, qual a sua opinião?

R: Quando a escola é nova, acho que tem mais recursos de instalações, mas quando a escola é um prédio antigo, alugado, tudo é mais complicado, tudo é arranjado, improvisado, é bem difícil!

P: Vocês aqui enfrentam muitas dificuldades?

R: É um prédio alugado e, de certa forma, está equipado por causa desses projetos. Aqui é muito pequeno e mesmo assim ela conseguiu fazer o laboratório de informática, fizeram a reforma, mas eu acho que na medida do possível tem recurso.

P: Com relação ao salário do professor, qual a sua opinião?

R: Gostei de ter meu vencimento mudado, mas, por exemplo, a regência não existe mais. Antigamente existia uma um incentivo para quem estivesse em turma, hoje não existe mais. Do último reajuste que a gente teve, nós passamos 10 anos sem ter mais nada. Ele me cria uma política salarial que inventa um abono que, conforme quanto mais você avança na carreira, o abono diminui. Fui enquadrada agora em abril, fiz 20 anos, sofri um

enquadramento na verdade..., mas segundo a funcionária lá parece que hoje o meu nível já mudou, então meu abono vai diminuir, meu vencimento vai aumentar, aí eu fico pensando: gente qual o meu aumento real nisso tudo! Estou na expectativa pra saber qual será o aumento real, mas o salário não é uma coisa que motive não, porque, com certeza a gente vai ficar uns 10 anos sem reajuste. Daqui a pouco esse valor que ele deu, que parece uma coisa enorme vai perder o poder de compra, como eu já vi perder no ultimo governo, antes do Lindberg o salário não tava tão ruim pra quem tava na ativa, agora o que me preocupa mesmo é a política pra quem está aposentado, porque a qualidade salarial não está mais sendo respeitada.

P: É como que você se sente enquanto professora nos dias de hoje?

R: Quando eu olho para trás, eu acho que profissionalmente eu cresci muito. Hoje sinto uma firmeza para enfrentar qualquer situação. Sei que vou ter muitas dúvidas, vou ficar sem saber o que fazer, mas hoje eu tenho a certeza que com o tempo eu vou descobrir o que tenho que fazer com aquela turma, com aquele aluno. Assumo minha responsabilidade, ainda tenho muita coisa para aprender, ainda tenho muitas deficiências, mas assumo o que é meu.

P: Com relação a atual crise mundial, qual a sua opinião?

R: Acho que a gente está vivendo um processo de desgaste da humanidade, não sei se é um ciclo que se repete, porque as pessoas parecem estar perdidas. Diante de tanta tecnologia, o ser humano ainda é muito cru, muito ignorante, muito sem conhecimento.

P: Você acha que de alguma maneira isso acaba atingindo as crianças em sala de aula?

R: Ah, com certeza!

P: Com relação a autonomia na prática de professor, qual a sua opinião?

R: A gente tem mais autonomia na sala de aula, com seus alunos. Mas tem certas coisas que você acaba seguindo o que a escola impõe, o que a direção impõe. Os professores da escola particular não têm muita autonomia, eles direcionam muito o trabalho, não tem muita liberdade de expressão.

P: Por que você resolveu vir trabalhar em Austin?

R: Eu moro aqui desde que nasci. Quando eu fui aprovada, o meu desejo era trabalhar numa escola mais próxima da minha casa, porque em 5 minutos eu chegava na escola e eu posso economizar.

P: O que você acha do lugar do bairro de Austin?

R: Deixa muito a desejar, mas acho que mudou muito em relação à época em que eu era criança. Meus tios contam que quando meu avô veio pra cá não tinha nem luz. Trouxeram a tubulação de água, a luz melhorou, alguns bairros têm saneamento, estão pavimentadas, e o comércio bem ou mal cresceu.

P: E com relação à realidade do lugar, dos seus moradores, dos seus alunos, você conhece essa realidade?

R: Próximo do centro, você tem uma realidade, um pouco mais de recurso; e nos cantões é tudo bem mais precário, você vê criança bem mais desassistida, porque na grande maioria são pessoas muito pobres, pais desempregados, muitos casos de alcoolismo, até mesmo de droga.

P: E faz diferença conhecer essa realidade na sua prática?

R: Com certeza! Eu acho que é o X da questão. Quando você tem noção da vida dessa criança, muda tudo. Saber se ela estudou, saber um pouco da verdade que a família dela carrega. Quando você descobre um pedacinho da história familiar da criança, você entende o comportamento dela.

P: E qual a sua relação com esse lugar aonde você trabalha?

R: Eu sou nascida e criada. Fui aluna e hoje sou professora. Você acaba se dando conta do que acontece nessa escola, mas eu fico contente quando eu sei do progresso das outras escolas. E assim acabo defendendo e falando para as pessoas do progresso ou não das outras escolas, da educação do bairro, no município.

P: E é porque ser professora, apesar de tudo?

R: Faltam cinco anos para me aposentar. Vou me aposentar e vou voltar. Eu já estabeleci um modo de vida pra mim e largar mão disso é muito complicado. Eu estou me arrastando para chegar lá no meu tempo e sair fora, porque está muito desgastante ser professor hoje em dia. Penso em fazer mestrado. Não estou satisfeita com as condições de

trabalho, mas fico feliz em sala de aula. Você não vê uma política de administração que ofereça um plano de carreira, você vê pessoas que acabam se desviando de função, são readaptados..., readaptação é uma novela para se conseguir, é muito desestimulante, acho que tinha que ter um negócio para estimular o professor.

P: Professora MR, muito obrigada pela sua entrevista.

PROFA VB NRS 1808

P: Professora V, o que a levou a ser professora?

R: A vontade de tentar melhorar o histórico que eu via dentro da sala de aula, os jeitos que os professores tratavam os alunos. Na realidade, queria ser professora para poder fazer melhor do que aquilo que eu via.

P: Como foi esse processo de construção da sua profissão?

R: Foi a 1ª opção eu quis ser fui procurar assim que eu terminei a 8 serie eu fui procurar uma escola que tivesse o magistério ai achei conclui fiz e assim que eu me formei eu já procurei logo uma escola pra trabalhar não tentei em nenhum momento outra profissão eu já foi lendo procurando o magistério

P: Então foi a sua 1ª escola?

R: Sim foi a minha 1ª escolha

P: Que fatores influenciaram na sua escolha?

R: A facilidade do serviço e assim é um serviço que não vai acabar a gente sempre vai ter esse serviço nunca vai, não tem fim, tudo que tai é que eu achava que era bem campo que eu ta conseguindo ser encaixando logo no trabalho assim que terminasse eu não queria ter que ficar procurando não teria tantas pessoas alias do mesmo serviço, entendeu, então eu por isso eu achei que seria bom campo também.

P: alguma vez você já se arrependeu da sua escolha?

R: Até hoje não ainda não.

P: Que aspectos da profissão de professora mais lhe agrada?

R: A mudança que a gente consegue fazer nas crianças o que a gente consegue modificar e apesar de não ser tão grande hoje em dia mais o valor que a gente tem dentro da sociedade a valorização que é dada em alguns lugares não é infelizmente não nenhuma acham o ser professor como algo grande né mas eu ainda vejo em muitos lugares isso é o olhar da criança principalmente no olhar deles quando eles conseguem se achar porque a gente ajuda o olhar de gratidão deles é um, a coisa que mexe bastante.

P: É o que mais desagrada?

R: É justamente o outro lado, a desvalorização, as pessoas que não consideram o professor como algo importante na sociedade. A diferença que a gente tem hoje do respeito que se deve ser dado, e o que os pais passam aos alunos. O respeito que deve ser dado aos professores, a gente é tratado como se fosse uma pessoa qualquer. O fato do governo não valorizar a classe. Porque sem a gente, eles não vão conseguir coisa nenhuma, e eles não dão a valorização total. A gente não vê uma estrutura para trabalhar, entendeu? Para estar realizando o nosso serviço eu dependo cursos, para estar ajudando. A gente não vê isso em grande escala.

P: É quando você começou se sentir professor de verdade?

R: Assim que eu entrei pra prefeitura, que foi um ano depois. Eu fiquei um ano trabalhando numa escola particular. Eu tinha menos que 18 anos. Assim que eu fiz 18 anos, fiz o concurso e entrei, e enquanto você está numa escola particular você não se sente professor. Aqui na escola pública você sente realmente aquela necessidade que o aluno tem de aprendizagem, você se sente realmente importante pra aquele processo, a gente percebe a necessidade que ele tem da gente. É quando a gente realmente, vamos ver quando está dentro do funcionalismo público.

P: O que você acha da sua profissão em comparação com as outras profissões, que a gente encontra hoje?

R: Comparando foi o que eu pus antes assim né pela a maioria da sociedade a gente né, é uma profissão que eles valorizam, que eles dizem ser uma boa valorização a gente não vê um pai passando pro filho a eu desejo que você seja professor a gente ouve quer que seja medico, advogado, dificilmente a gente ouve um pai falando pro pelo desejo que você seja professor não tem essa passagem não essa coisa que se tem em certas profissões porém eu acho uma profissão muito grandiosa é uma profissão se tem um campo de serviço um campo

de trabalho muito grande, o professor ele não precisa simplesmente tá em sala de aula não é só esse campo muito grande pra tá trabalhando tá, hoje em dia a gente vê vários concursos com outras denominações que precisam ser professor é não é pra ficar dentro de sala de aula, a gente tem um ramo muito grande pra tá trabalhando e eu não percebo isso nas outras profissões, você se informa em advogado, você só vai conseguir advocacia, você não consegue ter outros campos de trabalho é só ali e ou então algo que não peça formação específica assim eu vejo um campo bom de trabalho ainda hoje com ele.

P: E em sua opinião, como a sociedade pensa como ela vê o professor?

R: Como uma pessoa que tá lá simplesmente pra passar educação pro filho e educação no campo total, hoje em dia se dispõe que o professor ele tem que ser a pessoa que passa o conteúdo e a pessoa que dá educação porque socialmente a gente não tem mais aquele clima, aquela coisa que os pais passavam, educação pros filhos porque já vinham para aqui com uma certa educação hoje em dia a sociedade vê o professor como um tudo da criança, via a criança que se desencadeou pra algum outro ramo que não deveria ir, tá seguindo mal caminho eles vem muito no até pelo professor vê vai falar na época não tive educação que a escola não prestou porque né, a sociedade não vê não puxa pra esse lado não vê mais o professor como alguém tá passando o conteúdo com alguém que passa a educação como uma pessoa importante, eles acham como uma pessoa qualquer que tá lá é muito pouco valorizado dentro da sociedade.

P: É o que você acha da sua carga de trabalho dentro e fora da sala de aula?

R: Dentro da sala de aula é o que deveria ser mesmo né, tirando o que a gente foi o que eu tava falando no interior, coisa que acaba tendo que suprir da questão de família a gente acaba tendo a fazer e tudo que a gente acaba levando pra casa porque ah o cargo do professor os outros falam assim são só quatro horas que vida boa, só que a realidade por exemplo você fica em casa até 11:00, 11 e pouco acordada para planejar a aula seguinte, o material que eu vou usar eu tenho que pensar a forma que eu vou atingir aquele aluno às vezes sábado e domingo eu fico me preocupando com que eu vou levar durante a semana, separar material que vai ser trabalhado então assim é uma carga grande não são só as quatro horas que se Poe lá no nosso currículo, tem uma carga horária muito maior muito exigida da gente e que assim, se tivéssemos um tempo dentro da nossa carga horária pra suprir isso que a gente faz em casa, eu acho que seria até mais proveitoso porque o aproveitamento do professor seria maior.

P: Em sua opinião, existe capacitação e atualização para os professores?

R: Não pra todos porque quando eles abrem vaga pra um curso ou outro não são para todos os professores da rede, não são para todos os professores, são pra 2, 3 da escola as vezes são pra gente aqui nessa rede, a gente tem umas cento e poucas escolas mais ou menos, e aí eles abrem vaga pra 20 professores, não é a realidade do que tem no município e nem todos tem essa afinidade de conseguir uma escola alguma formação maior pra ta indo fazer os seus cursos, são cursos que muitas das vezes são caros, exigem uma carga horária que na maioria das vezes não tem porque a maioria cumpre 2, 3 horários de trabalho, trabalha 4 mais 4 tem gente que as vezes trabalha mais 4 a noite e são poucos os cursos que a gente tem pra ta fazendo em casa a distancia e com o preço que a gente consiga ta pagando a maioria são caros e os públicos não tem tantas vagas pra gente ta conseguindo alcançando.

P: E com relação a recursos, como materiais e instalação oferecidos pela prefeitura, o que você acha?

R: Precários completamente aqui a realidade é, a minha escola é uma escola alugada então eles não vem fazer obra nenhuma aqui porque é alugada então o que é feito aqui dentro da escola é o que a direção consegue fazer não tem ajuda nenhuma de prefeitura, é precário entendeu, a gente tem salas que já foi dada pela defesa civil como uma sala que deveria ser fechada e permanece em aula, hoje graças á Deus essa sala ta fechada mas assim é precário se você for olhar material é o que a diretora compra, os recursos ah vem do governo a prefeitura não manda material nenhum, e aí se tiver algo que precisa ser comprado em prioridade, o material que a gente utiliza fica pra depois a maior parte sai do bolso da gente se eu quero fazer um trabalho e vou precisar de emborrachado, eu tenho a saber que eu vou precisar comprar esse material pra enfeitar a minha sala pra fazer entendeu, dificilmente a prefeitura ta enviando isso pra gente ou a escola consegue ou a gente que vai, a gente ainda usa mimeógrafo.

P: com relação ao salário do professor o que você acha?

R: não me queixo do salário que a gente tem pras horas de trabalho que tem dentro do que ele expõe são 4 horas, só acho que eles deveriam ter dentro desse salário algum valor maior pra gente ta, ajudando a gente na formação porque assim o histórico do professor ele não pode para eu tenho pedagogia sou formada mas já tem 3 anos que me formei adoraria ta fazendo uma pós mas não posso pagar entendeu, se de repente dentro desse salário como em

algumas prefeituras tem tivessem uma ajuda pra educação, uma ajuda pra formação continuada seria melhor ou se a gente tivesse a garantia de ter 4 horas de trabalho e você não vai levar nenhum trabalho pra casa não vai ter nada fora, o salário não é ruim pra quem trabalha 4 horas só que a realidade é que a gente não trabalha 4 horas trabalha muito mais que isso.

P: Então você acha que não tem incentivo para vocês continuarem se formando se atualizando?

R: Exatamente, não tem esse incentivo pra gente continuar a nossa formação.

P: E como você se sente quanto professora hoje?

R: Triste na maioria das vezes por pelo o que a gente encontra nos alunos, nas crianças, o que a gente vê nos olhares deles, porque a maioria das crianças hoje em dia tem um olhar perdido eles não tem aquele olhar curioso que busca, que quer. E a gente se sente cada dia matando, tendo que matar um... [leão] pra gente conseguir realizar aquilo que a gente quer.

P: Leão!

R: Cada dia a gente mata um leão, pra conseguir realizar um fio do que a gente deseja, e a gente acaba se sentindo triste por isso. Porque os pais não valorizam, as crianças hoje em dia não valorizam quando a gente busca algo maior. A gente percebe que a educação é muito precária hoje em dia, hoje em dia é mais importante ter merenda na escola, do que se um giz pra ta trabalhando no quadro.

R: De quem é a culpa?

R: Da sociedade, porque a educação se perdeu quando a sociedade a deixou de lado. Não é só questão do governo, bota-se a culpa é do governo, mas a sociedade também não cobra mais a educação, a gente não vê mais isso. Eu lembro da minha educação, de que se o meu pai não me botasse na escola era porque eu ia deixar de aprender, é porque eu ia... meu pai queria algo a mais, queria que eu tivesse uma educação. Hoje a preocupação dos pais não é o fato de que o aluno perdeu a matéria do dia, mas sim porque vai levar falta, e aí vai ter que ir para o Conselho Tutelar, vai perder a bolsa família. O governo é responsável? É, eles que deveriam estar provendo algo maior, a sociedade está do jeito que está porque eles foram invertendo os valores. A escola hoje em dia é para dar merenda e disponibilizar bolsa família, não é mais para dar educação, é para dar merenda e bolsa família.

P: Como é que você vê a essa crise mundial que vem assolando?

R: É algo muito grande o que a gente vê. Algo que eu fico até perdida na forma de falar, porque a gente fica tentando achar um culpado para essa situação. Porque foi parar onde está? E a gente se sente perdido porque é muito político, é uma questão de muita política de um entrosamento que não se tem entendem entre os países entre os governos a gente vê coisas isoladas se todo o mundo trabalhasse junto não teria país desenvolvido, subdesenvolvido seria um único país quer dizer um único mundo mas as pessoas se preocupam assim, os governos se fecham no mundo deles é não se disponibilizam junto com os outros e ai é por isso que a gente tem hoje em dia o que tem ai entendeu essas crises se desenvolvendo as coisas acontecendo porque não ta todo mundo junto é um país devendo o outro em vez de ta trabalhando junto pra provê os dois países juntos , entendeu e a gente vê muito isso essa questão do político se engrandeceu não se tem mais aquela questão de união não se tem essas partes.

P: E isso afeta de alguma maneira os seus alunos na sala de aula, você, sua prática?

R: Sim porque a gente vê que a gente tem que trabalhar com os alunos essas questões. Eles trazem muito isso pra dentro de sala de aula e a gente tenta trabalhar porque está acontecendo, de onde veio, como é que desencadeou? A realidade é que a crise mexe mais em questão de salário, emprego, e quando falta emprego para o pai daquele aluno da gente mexe com a gente dentro da sala de aula, porque se o pai está sem emprego como é que vai prover a vida dessa criança. Então a escola se modifica muito em relação a isso, a crise mundial está aí. Muito desemprego, pessoas passam fome enquanto outras estão comendo do bom e do melhor. a gente se preocupa muito com isso, o que meu aluno vai poder ser no futuro dele? a gente fica meio perdido, que eles tenha uma uma um campo de de busca de trabalho muito curto muito baixo entendeu? Antigamente a gente via mais pessoas conseguindo fazer intercambio para conseguir outra coisa. A gente não vê mais esse intercambio, não está vendo mais essa busca de empregos melhores. Eles [pais] estão satisfeitos em ficar ali, por baixo.

P: Com relação a autonomia na sua pratica, qual a sua opinião?

R: Autonomia a gente deseja, gostaria de poder fazer tudo aquilo que a gente encontra barreiras. Nem tudo a gente pode fazer, a gente encontra muitas, a gente tem o ECA é bom é interessante, só que desprivilegia muito a gente. Tem as leis que estão aí, mas que acabam desprivilegiando. Hoje em dia se um aluno der um tapa na cara do professor ficou por ali

mesmo, mas se o professor separar um aluno do outro brigando e sem querer ficar a mão no braço, pode ter certeza que a vida profissional dele [professor] acabou. ele não tem nada daí vai ter “n” coisas para esta respondendo. então a gente não tem essa autonomia a gente não pode trabalhar do jeito que a gente quer, a gente não pode botar aluno de castigo, a gente tem que se preocupar como é que o pai desse aluno vai ver a situação, então a gente não tem autonomia, eles pedem pra gente cortar muita coisa, tudo muito colhido, tudo tem que se ter muito cuidado, muita coisa pra se ta trabalhando e porque justamente é assim a gente não pode ir até ali, dali pra frente a gente não pode mais, a gente não tem a autonomia pra realizar certas coisas, tem muitas leis aí que deveria ta sendo modificadas porque elas foram criadas há 40 anos atrás, e há 40 anos atrás não eram as mesmas necessidades que a gente tem hoje e os professores tão sendo muito prejudicados com relação a isso.

P: È porque você veio trabalhar em Austin?

R: Por ser como eu moro em Mesquita tem uma condução mais fácil pra ta chegando aqui e de inicio quando eu vim eu falei, poxa Austin é como se fosse uma área rural né, há 10 anos atrás era mais rural ainda né, quando eu vim trabalhar a gente encontra na cidade a gente fica com medo nas maiorias da cidade é favela das comunidades que vão ver a ser problemas então a gente eu quis quando me a prefeitura me expôs o bairro nos locais onde deveriam, eu pensei poxa é uma área rural oba, vai ser uma clientela melhor e acesso mesmo de transporte a gente tem o trem que é um, aqui em Austin é o transporte principal e primordial aqui em Austin.

P: O que você acha do lugar?

R: Deixou de ser o rural pra ser o largado Austin poderia ser muito melhor podia ser muito mais valorizado podia ta, crescendo junto eu to aqui há 10 anos e continua do mesmo jeito, se você chegar no centro de Austin a impressão que você tem quando você desce é que se é uma cidade suja, é lixo pra todos os lados é rato por tudo que é canto, choveu, inundou entendeu a gente não vê a mesma dedicação da prefeitura que se tem com outros bairros entendeu, Austin chega lá entendeu, eu não vi um desenvolvimento de Austin esses 10 anos que estou aqui.

P: Com relação a realidade do lugar dos moradores de seus alunos você conhece essa realidade?

R: Não tanto por não morar aqui mas a gente acaba sabendo de muita coisa os alunos trazem muito da realidade deles da vida deles pra dentro da escola e tem coisas que a gente precisa trabalhar e que vem a deparar com as coisas do município, a gente quer fazer um trabalho em relação a saneamento aí a gente vai fazer uma pesquisa com os alunos aí que a gente vai descobrindo como é realmente, as maiorias das crianças bebem água de poço sem ta tratado não tem abastecimento tenho alunos que já me comentaram aqui que moram em áreas mais altas aqui em Austin mais pra dentro que a luz elétrica é lamparina não é ainda uma rede elétrica e essa realidade a gente consegue descobrir poxa, eles vão passando pra gente, quando a gente faz junto com eles e acaba descobrindo e desvendado muito mais coisa só que não é tão aberto a gente não consegue com facilidade descobrir as coisas de Austin se eu for em Nova Iguaçu na prefeitura fazer uma pesquisa sobre a cidade de Austin eu não vou encontrar grandes coisas do que ele é hoje em dia e sim como ela foi criada da onde ela veio mas o que é hoje em dia vê que não tem essa pesquisa em relação a isso não tem nada trabalhado sobre o Austin no século 20, não tem século 21 não tem.

P: Faz diferença conhecer essa realidade na sua pratica em sala de aula?

R: Sim muita porque eu não posso ensinar que água boa de beber é a água mineral que ele compra porque não é a realidade daqui né, hora de eu dar uma matéria eu tenho que ensinar pra eles pegar água do poço ferver água do poço, filtrar água e passou desse processo, como é que eu vou falar pro aluno sobre rede de esgoto, se ele não tem dentro de casa dele a rede de esgoto se ele não sabe o que é isso então assim, a realidade deles mexe muito com a gente dentro da sala mesmo, em questão financeira a maioria aqui em Austin é uma classe baixa em relação a renda não vê é tem casas sim de classe alta, classe media mas a maioria de Austin é uma classe baixa então eu tenho a me voltar pra isso pra ta trabalhando com eles até mesmo o tipo de trabalho que eles tem , você faz uma pesquisa com os pais dificilmente você escuta ao meu pai trabalhar numa empresa, o meu pai é dono de uma loja, é medico,é advogado é professor não o que a gente escuta na maioria é o meu pai é pedreiro a minha mãe é faxineira, e eles não vem algo maior que isso ate essa semana eu tava fazendo uma pesquisa com eles de trabalho do dia dor pais, o que você quer ser quando crescer, moto taxi porque é essa a realidade que eles tem aqui.

P: Você se identifica com eles?

R: Sim apesar de eu não ter vindo, de não ser daqui de Austin eu também vim de comunidade que tem uma classe baixa eu não vim de classe media, de classe alta eu vim da classe baixa, só que o que eu tento mostrar pra eles é justamente isso eu vim de uma classe baixa de Anchieta né, na comunidade de Anchieta, e eu consegui sair de lá, e eu tenho a minha casa em Anchieta não é uma classe alta é uma classe media eu tenho o meu carro, eu tenho a minha casa própria tenho meu marido, tenho uma filha, minha filha estuda numa escola, eu posso dar tudo pra ela e é esse lado que eu tento mostrar pra eles, é essa identificação que eu quero que eles tenha, a tia veio de baixo que nem eu, e eu posso chegar longe, eu posso chegar igual a ela, é só eu procurar chegar lá entendeu, então eu me identifico muito com eles nisso, eu vim daí onde vocês são, a gente pode querer querer algo maior.

P: Essa relação com o lugar que você que você trabalha como é que é essa relação?

R: Em questão de escola? O bairro e tudo? Aqui a gente tem uma relação boa, a gente tem uma comunidade que trabalha com a gente tem uma comunidade que ta junto da escola e que vem a ta criando essa relação com a gente, eu tenho uma boa relação aqui, os pais me conhecem, eu conheço o local eu conheço em volta daqui a escola onde eu trabalho é uma escola boa é uma escola pequena é uma escola onde já tivemos problemas mas no momento a gente ta vivendo um grupo muito harmônico, é um grupo que busca junto eu me sinto bem aqui onde estou tanto em questão escola quanto em relação ao bairro onde a escola ta localizada.

P: E porque ser professora apesar de tudo?

R: Pela aquilo que eu te falei ta na primeira questão, primeira pergunta por querer conseguir modificar o rumo que a sociedade ta formando por achar que assim eu enquanto professor eu posso ajudar a sociedade e oferecer algo melhor e pelo campo de trabalho como eu falei não é um trabalho que no futuro a gente sabe que não vai vir a ter, saber que não vai acabar devido as tecnologias e desenvolvimentos é uma profissão que ta ali que sempre vai precisar, a gente sempre tem onde caçar o serviço é uma área de conhecimento quebra a gente, eu tenho pedagogia eu posso trabalhar dentro de uma escola enquanto dentro de uma empresa a ate dentro da empresa fica trabalhando com educação certo, e eu poderia ter em OP, em OE, em um cargo maior. Mas é aqui dentro da sala de aula que eu me sinto melhor, que eu me sinto modificando fazendo aquilo que eu aprendi.

P: Professor V muito obrigado pela sua contribuição no nosso trabalho.